

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SALETE VEDOVATTO FACCO

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES  
QUILOMBOLAS EM PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre  
2020

SALETE VEDOVATTO FACCO

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES  
QUILOMBOLAS EM PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Clara Bueno Fischer*

Linha de pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação

Porto Alegre  
2020

### CIP - Catalogação na Publicação

Facco, Salete Vedovatto  
TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES PARA A REPRODUÇÃO  
AMPLIADA DA VIDA: experiências de mulheres quilombolas em Porto Alegre/RS  
/Salete Vedovatto Facco- 2020.  
135 f. Orientadora: Maria Clara Bueno Fischer.  
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2020.  
Mulheres Quilombolas Urbanas. Experiências. Saberes do Trabalho. Modos  
de Vida. Reprodução Ampliada da Vida.  
I. Fischer, Maria Clara Bueno, orient.—salete vedovatto facco

SALETE VEDOVATTO FACCO

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES  
QUILOMBOLAS EM PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovada em 01 de dezembro de 2020.

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Clara Bueno Fischer – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lia Tiriba – PPGEDU – UFF

---

Prof. Dr. Leandro Rogério Pinheiro – PPGEDU – UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Lemos da Cunha Della Libera – PPGEDU – UFRGS

## AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que contribuíram para minha formação acadêmica e para a realização dessa dissertação de mestrado.

Inicialmente, agradeço a minha companheira Heleniza, que me incentivou muito nesse processo de escrita, por seu auxílio em momentos difíceis nessa Pandemia do Covid-19. Não foram poucos, pelo contrário! Foi e está sendo muito pesado para o mundo todo. Agradeço tua parceria na vida e no amor.

Agradeço aos meus filhos, Laura e Caio, e ao genro e à nora, João e Mari, pelo auxílio nas horas difíceis e por comemorarem comigo os momentos felizes e todas as minhas conquistas. Agradeço aos demais familiares, pela confiança e pelos incentivos.

Às mulheres do Quilombo Areal da Baronesa toda a minha gratidão, por permitirem que eu fizesse parte de suas vidas, por compartilharem seus saberes e suas experiências, por me ensinarem outros caminhos possíveis na construção do conhecimento. Em especial, e com o coração cheio de saudades, agradeço à Dona Sônia, pelos saberes partilhados, pela atenção e pelo carinho que sempre me dedicou. Seus ensinamentos serão para toda vida! Agradeço à Mãe de Santo, Fabiane, por me permitir experienciar o Banho de Ervas, seus saberes e seu trabalho.

A Maria Clara Bueno Fischer, obrigada por compartilhar comigo seu conhecimento, seus saberes e suas experiências. Eles me fizeram entender um pouco mais os caminhos da educação e da pesquisa. Imensa gratidão!

Agradeço a amizade construída com laços fortes, nesses dois anos de convívio com o grupo de pesquisa e também fora dele. Betânia, Simone, Clarinha e Melissa, por sempre atenderem minhas demandas, com carinho e atenção. E aos demais colegas do grupo de pesquisa: Renato, Silvia, Clair, Guilherme, Ednaldo, por compartilharem seus conhecimentos e suas críticas construtivas, também pelas companhias, conversas e alegrias.

Agradeço a Edilene, pela colaboração e atenção que teve comigo.

Às professoras e ao professor Lia Tiriba, Aline Lemos da Cunha Della Libera e Leandro Pinheiro, que compuseram as bancas de avaliação desta pesquisa. Obrigada pela leitura atenta, pelas sugestões e contribuições.

Por fim, agradeço a Capes, pelo apoio financeiro nesses dois anos de pesquisa.

*O conhecimento emerge apenas através da  
invenção e da reinvenção, através da  
inquietação, impaciente, contínua e  
esperançosa investigação que os seres  
humanos buscam no mundo, com o mundo e  
uns com os outros.*

Paulo Freire

## RESUMO

O tema da pesquisa é a produção de saberes em comunidades quilombolas e o objeto de estudo são as relações de continuidade e de descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais de mulheres da comunidade quilombola urbana Areal da Baronesa, situada em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Objetiva-se analisar as práticas de mulheres quilombolas na manutenção dos modos de vida e na (re)produção ampliada da vida de sua comunidade, particularmente nos modos de acessar e de estabelecer relações entre suas experiências atuais e memórias sobre ervas medicinais (re)produzidas nas suas relações de trabalho. Busca-se, assim, compreender o lugar ocupado pelos saberes sobre as ervas nas suas vidas e na vida da comunidade em que se inserem. Fundamenta-se nos conceitos de território étnico, de saberes populares, de experiência, de reprodução ampliada da vida, de modos de vida e de saberes do trabalho. Como caminhos metodológicos, foram criados espaços de diálogo como as oficinas de manualidades, que atuaram como estratégia multimétodo, integrando diferentes técnicas de pesquisa, como rodas de conversa e grupo focal, nas quais a pesquisadora se posiciona numa ação participante, para compor espaços de diálogo mais aberto e acessível com as mulheres. Foram realizados três tipos de oficinas: produção de sabonetes artesanais, uso de ervas e relógio do corpo humano e produção de incensos. Utilizou-se, como parte do processo de análise e de interpretação dos dados, a Análise de Conteúdo. Ao analisar as relações de continuidade e de descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais das mulheres da comunidade quilombola urbana, constata-se que é nas suas relações de trabalho cotidiano que essas mulheres preservam e, ao mesmo tempo, modificam tais saberes. Esses saberes são percebidos como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações e renomeadas no presente pelas mulheres ou pelos grupos que os recebem, como parte da manutenção de sua cultura e de seus modos de vida.

Palavras-chave: **Mulheres Quilombolas Urbanas. Experiência. Saberes do Trabalho. Modos de Vida. Reprodução Ampliada da Vida.**

## ABSTRACT

The general theme of this research is the production of knowledge in Quilombola communities and the object of study is the relations of continuity and discontinuity between traditional and contemporary knowledge of women about medicinal herbs from the urban Quilombola community Areal da Baronesa, located in Porto Alegre, capital of Rio Grande do Sul. The objective is to analyze the practices of Quilombola women in maintaining the ways of life and the expanded (re) production of life of their community, particularly in the ways of accessing and establishing relationships between their current experiences and memories about medicinal herbs (re) produced in their work relationships. We seek to understand the place that knowledge about herbs occupy in their lives and in the life of the community in which they operate. It is based on the concepts of ethnic territory; popular knowledge; experience; expanded reproduction of life; ways of life, knowledge of work. As methodological paths, spaces for dialogues were created with manuals workshops that acted as a multi-method strategy, thus integrating different research techniques: Conversation's Group and Focus Group (FG) in which the researcher positions herself in a participatory action, to compose spaces for more open and accessible dialogue with women. As fieldwork, three types of workshops were carried out: production of handmade soaps; use of herbs and The Human Body Clock; and production of incense. As part of the data analysis and interpretation process, it was used the Content Analysis. The analysis of the continuity and discontinuity relationships between traditional and contemporary knowledge about medicinal herbs of women in the urban Quilombola community allows us to understand that these women preserve in their daily work relationships and, at the same time, modifying such knowledge. This knowledge is perceived as a recovery of lived experiences, added to information and renamed in the present, by the women or groups that receive them, as part of the maintenance of their culture and their ways of life.

**Keywords: Urban Quilombola Women. Experience. Knowledge of Work. Ways of Life. Expanded Reproduction of Life.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica

BCB – Banco Central do Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

WHO – World Health Organization

OIT – Organização Internacional do Trabalho

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

FAERGS – Federação de Atletismo do Estado do Rio Grande do Sul

ACCQAB – Associação Comunitária e Cultural Quilombo Areal da Baronesa

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

PROCEMPA – Empresa de Processamento de Dados de Porto Alegre

ONG – Organização não Governamental

FACED – Faculdade de Educação

PMPA – Prefeitura Municipal de Porto Alegre

TCC – Trabalho de conclusão de curso

GF – Grupo Focal

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - SOLAR DO BARÃO DO GRAVATAÍ, ATUAL COLÉGIO PÃO DOS POBRES .....	26
FIGURA 2 - D.PEDRO II , IMPERATRIZ M.CRISTINA E BARÃO DO GRAVATAÍ.....	26
FIGURA 3 - MATERIAIS UTILIZADOS NA PRODUÇÃO DOS SABONETES DE ERVAS .....	71
FIGURA 4 - DONA SÔNIA E DONA MARTA PRODUZINDO OS SABONETES DE ERVAS .....	72
FIGURA 5 - DONA IOLANDA E DONA MARTA .....	73
FIGURA 6 - PRODUÇÃO DE SABONETES PARA USO PESSOAL .....	74
FIGURA 7 - FINALIZANDO OS SABONETES .....	74
FIGURA 8 - DONA SÔNIA PRODUZINDO SABONETES DE ERVAS.....	76
FIGURA 9 - NETA DE DONA MARTA PARTICIPANDO DE PROJETOS ANTERIORES.....	77
FIGURA 10 - SABONETES FINALIZADOS, ETIQUETADOS E EMBALADOS .....	79
FIGURA 11 - LANCHE COLETIVO: SOCIALIZAÇÃO E CONVERSAS SOLTAS .....	82
FIGURA 12 - OFICINA DE ERVAS E MEMÓRIAS.....	85
FIGURA 13 - JOGO DO RELÓGIO DO CORPO HUMANO.....	88
FIGURA 14 - MATERIAL DIDÁTICO PARA A PRODUÇÃO DOS INCENSOS.....	91
FIGURA 15 - ERVAS AINDA VERDES, ESCOLHIDAS POR SEREM AROMÁTICAS .....	91
FIGURA 16 - AMARRANDO OS RAMOS DE ERVAS .....	92
FIGURA 17 - INCENSOS FINALIZADOS .....	93
FIGURA 18 - LISTA DE ERVAS UTILIZADAS NO BANHO DE DESCARREGO REALIZADO PELA DONA SÔNIA.....	94
FIGURA 19 - AS DUAS LISTAS DE ERVAS UTILIZADAS NO BANHO DE DESCARREGO .....	97
FIGURA 20 - AS ONZE ERVAS UTILIZADAS NO BANHO DE DESCARREGO.....	98
FIGURA 21 - MACERANDO AS ERVAS COM AS MÃOS.....	99
FIGURA 22 - FILHO DE FABIANE AJUDANDO A MACERAR AS ERVAS .....	100
FIGURA 23 - MISTURA DO GIZ COLORIDO DAS ENTIDADES.....	101
FIGURA 24 - ÁGUA QUENTE E MEL SENDO ACRESCENTADOS .....	101
FIGURA 25 - ENFIM, PRONTA PARA O BANHO.....	102

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - A MULHER E A MULHER PRETA OU PARDA EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO DO BRASIL, DO RS E DO RS URBANO.....	47
TABELA 2 - PEA E PO PRETA E PARDA – BRASIL, RS E RS URBANO .....	47
TABELA 3 - QUANTIDADE DE FAMÍLIAS CADASTRADAS POR QUILOMBO EM PORTO ALEGRE, EM 2008.....	48
TABELA 4 - SEXO DOS RESPONSÁVEIS POR DOMICÍLIO NOS QUILOMBOS DE PORTO ALEGRE ...	49
TABELA 5 - OCUPAÇÃO DOS RESPONSÁVEIS POR DOMICÍLIO NO QUILOMBO AREAL DA BARONESA .....	50
TABELA 6 - GRAU DE INSTRUÇÃO DOS RESPONSÁVEIS POR DOMICÍLIO NO QUILOMBO AREAL DA BARONESA .....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. CONTEXTO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO</b> .....	<b>20</b>
1.1 MULHERES QUILOMBOLAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS: CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	21
1.2 (DES)CONSTRUINDO O CONCEITO DE QUILOMBO.....	22
1.3 RESISTÊNCIA QUILOMBOLA E A LUTA PELA PRESERVAÇÃO DE SEUS CONHECIMENTOS..	25
<b>2. REFLEXÕES TEÓRICAS</b> .....	<b>30</b>
2.1 TERRITÓRIO ÉTNICO OU COMUNIDADE TRADICIONAL? .....	31
2.2 SABEDORIA E CONHECIMENTO: A NATUREZA PRÉ-CIENTÍFICA DOS SABERES .....	34
2.3 EXPERIÊNCIA: O LUGAR DA MEMÓRIA COLETIVA E DA APRENDIZAGEM DOS SUJEITOS SOCIAIS .....	36
2.4 REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA: CULTURA DE RESISTÊNCIA E OUTRAS FORMAS DE FAZER O TRABALHO.....	40
2.5 MODOS DE VIDA E REPRODUÇÃO SOCIAL: DA INTERRELAÇÃO ENTRE SISTEMA E INDIVÍDUO.....	43
2.6. O TRABALHO NA COMUNIDADE: DE QUE EXPERIÊNCIA DE TRABALHO ESTAMOS FALANDO?.....	45
<b>2.6.1 Mulheres e trabalho</b> .....	<b>46</b>
<b>2.6.2 Mulheres nas comunidades quilombolas: alguns dados gerais e outros específicos da comunidade Areal da Baronesa</b> .....	<b>48</b>
<b>3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: CRIANDO ESPAÇOS DE DIÁLOGO</b> .....	<b>52</b>
3.1 CAMINHOS ADOTADOS: PESQUISA QUALITATIVA, ETNOGRÁFICA E PARTICIPANTE.....	53
3.2. PROCEDIMENTOS: OFICINAS COMO MULTIMÉTODO, GRUPO FOCAL E RODAS DE CONVERSA .....	54
<b>3.2.1 A junção de técnicas como método para compartilhar conhecimento: GF, roda de conversa e oficinas</b> .....	<b>57</b>
3.3 JOGO DE CINTURA: PROCEDIMENTOS DE REGISTRO E DE ANÁLISE DOS DADOS.....	58
<b>4. EM BUSCA DA INFERÊNCIA: DESVELANDO RELAÇÕES QUE SE EXPRESSAM NAS FALAS</b> .....	<b>61</b>
4.1. QUEM SÃO AS MULHERES COLABORADORAS DESSA PESQUISA? “A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO” .....	63
4.2. APROXIMAÇÕES COM O GRUPO DE MULHERES E A REALIZAÇÃO DAS OFICINAS DE SABONETES.....	68
<b>4.2.1. Diálogos introdutórios e apresentação dos materiais de trabalho</b> .....	<b>69</b>
<b>4.2.2 O desafio de evidenciar os saberes através dos diálogos e da produção dos sabonetes</b> .....	<b>71</b>
<b>4.2.3. Produção de sabonetes delas para elas</b> .....	<b>73</b>
<b>4.2.4. Manualidades e transmissão de saberes entre gerações</b> .....	<b>75</b>
<b>4.2.5. Resistência à mercantilização de seus saberes</b> .....	<b>77</b>
4.3. EXPERIÊNCIAS HUMANAS COMPARTILHADAS: DIÁLOGO SOBRE MEMÓRIAS, SABERES E HISTÓRIAS DE VIDA.....	79
4.4. O USO DAS ERVAS, SEUPPS SIGNIFICADOS E AS EXPERIÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO.....	83

4.4.1. Conversas durante a oficina de ervas.....	83
4.4.2. O relógio do corpo humano: saberes populares se articulam com saberes científicos .....	87
4.4.3. Produção de incenso com ervas aromáticas.....	90
4.5. CONVERSAS SOBRE TRANSMISSÃO DE SABERES ENTRE GERAÇÕES: A EXPERIÊNCIA DO BANHO DE DESCARREGO.....	93
4.5.1 “Passei para minha filha tudo que sabia” .....	94
4.5.2. Banho de descarrego: é desse trabalho que estamos falando! .....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	104
REFERÊNCIAS .....	137
APÊNDICE A .....	137
APÊNDICE B .....	137
APÊNDICE C .....	138
APÊNDICE D .....	138
APÊNDICE E .....	138
APÊNDICE F .....	138
APÊNDICE G.....	139

**ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA  
E  
CULTURAL QUILOMBO DO AREAL**

44

**INTRODUÇÃO**



Os conhecimentos sobre ervas medicinais são parte constitutiva da experiência econômico-cultural das mulheres quilombolas, destacando-se aqueles constituídos desde seus ancestrais e que são transmitidos de geração em geração nas suas atividades cotidianas, dentro ou fora da comunidade, particularmente através de suas relações de trabalho. Pressupõe-se, no entanto, que não haja uma autovalorização desses saberes pelos sujeitos que os produzem. Por outro lado, esses saberes poderiam reforçar estratégias de resistência e contribuir para assegurar a preservação de modos de vida quilombola.

O tema da pesquisa é a produção de saberes em uma comunidade quilombola urbana. O objeto de estudo são as relações de continuidade e de descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais na comunidade quilombola urbana, Areal da Baronesa, situada em

Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Parte-se da hipótese de que a preservação e, ao mesmo tempo, a modificação de tais saberes compõem um conjunto de estratégias de resistência e de organização social da cultura quilombola contribuindo, atualmente, para a “reprodução ampliada da vida” (TIRIBA, 2018) na comunidade. De forma mais específica, analisa-se como modos de lidar com os saberes sobre ervas medicinais podem ser interpretados como estratégias de resistências que objetivam selecionar e velar tal patrimônio para as futuras gerações da comunidade.

Decorre do exposto as seguintes questões de pesquisa: a) A comunidade quilombola em foco tem o entendimento de que os saberes sobre ervas, produzidos particularmente nas suas relações de trabalho, são uma forma de resistência e de preservação dos seus modos de vida e de sua cultura? b) Como esse grupo de mulheres quilombolas seleciona e conserva memórias sociais e coletivas para o compartilhamento de experiências válidas para manter sua cultura quilombola através de gerações? c) Como ocorrem as aprendizagens dos saberes sobre ervas das mulheres da comunidade, que é histórico e passa de geração em geração e que também é/pode ser modificado pelas gerações atuais? d) As mulheres reafirmam/modificam o seu saber nas relações de trabalho cotidianas?

Esta pesquisa tem como **objetivo geral** analisar práticas de mulheres quilombolas na (re)produção ampliada da vida, nas relações entre suas experiências e memórias, expressas em saberes sobre ervas medicinais (re)produzidas nas suas relações de trabalho, visando compreender o lugar que esses saberes ocupam em suas vidas e como forma de resistência. Social.

Por sua vez, os **objetivos específicos** foram a) evidenciar o uso cotidiano de ervas medicinais como saber ancestral utilizado; b) identificar quais as ervas utilizadas e os significados a elas atribuídos pelas mulheres; b) identificar situações de trabalho em que as mulheres utilizam/modificam os saberes sobre as ervas medicinais; d) identificar e analisar as formas, os conteúdos e os procedimentos de registro de transmissão de saberes entre as gerações de mulheres no quilombo; e) propiciar situações pedagógicas de diálogo entre saberes tradicionais e científicos sobre ervas medicinais como forma de contribuir com processos de resistência quilombola f) produzir uma cartilha de saberes tradicionais e científicos sobre as ervas e seus usos, elaborada juntamente com as mulheres do Areal da Baronesa.

A pesquisa fundamenta-se em alguns conceitos chaves. Entende-se por saberes/conhecimentos tradicionais um conjunto de conhecimentos que é adquirido de forma empírica, a partir do fazer, é transmitido de geração em geração, através da oralidade, de gestos, de atitudes e é baseado em crenças, opiniões ou superstições. Trata-se, assim, da sabedoria baseada na experiência concreta das comunidades, ou seja, seus conhecimentos, empíricos e repetitivos, em crenças compartilhadas como formas de sabedoria individual ou coletiva (LEFF, 2009; DICKMANN; DICKMANN, 2008; TOLEDO, 2015; PINHEIRO; GIORDAN, 2010). Apoia-se no conceito de experiência vivida dessas mulheres quilombolas que, além de pensada, é também por elas sentida. No entanto, é o contexto histórico que determina quais experiências serão transformadas em aprendizagens ou não. Sua necessidade real faz sua presença, ausência ou recuperação (THOMPSON, 1981). Outro conceito importante é o de memória geracional, que se refere à recuperação de experiências sociais vividas e transmitidas pela tradição oral de experiências ancestrais. Essas transmissões entre gerações são fatores importantes na constituição da memória coletiva e na permanência de culturas tradicionais (MAGALHÃES, 2018). O conceito de reprodução ampliada da vida também mostra que, para garantir a produção da vida social, ou seja, os modos de pensar, de agir, os hábitos e as “culturas costumeiras”, são necessárias novas formas de fazer o trabalho (TIRIBA; CIAVATTA, 2011; TIRIBA; BUTSHKAU; COELHO, 2017; TIRIBA, 2018). O conceito de modos de vida ganha destaque por se tratar de uma experiência de compartilhamento de ideias, afetos e crenças. O modo de vida reflete também as diferenças de classe presentes na sociedade e pode revelar as contradições que essa lógica do sistema lhe imprime (GUERRA, 1993). Por fim, a ideia de cultura de resistência, caracterizada pelas estratégias de recusa à total dominação dos trabalhadores pelo capital, que podem impulsionar

o surgimento de organizações, associações comunitárias, economia solidária, as quais são forjadas na experiência social.

Pensar esses conceitos para o entendimento da vida dessas mulheres é também refletir como esses sujeitos lutam para garantir a reprodução ampliada da vida, seus hábitos e seus costumes e são, ao mesmo tempo, resistências, expondo e reforçando seus modos de vida, suas crenças e seus ritos, passados pelas gerações.

Esta pesquisa segue um padrão linear no decorrer de sua realização, partindo da definição do problema, trilhando passos que passam pela formulação de hipóteses e de questionamentos, pela criação e adaptação de instrumentos de investigação, passando pela análise das informações levantadas, finalizando com apresentação de resultados e a elaboração de conclusões. Esta pesquisa parte do pressuposto de que as pessoas do grupo estudado agem em função de suas crenças, de seus valores, etc. e de que seus comportamentos têm sempre um sentido, o qual não se conhece de imediato, precisando ser desvelado.

Do ponto de vista teórico-metodológico, em consonância com a tradição da educação popular, adota-se um posicionamento dialógico com as mulheres sobre seus saberes acerca de ervas medicinais, estimulando, nos próprios processo e resultados da pesquisa, a visibilização e a análise desses saberes e sua valorização pelas próprias mulheres e pela sociedade em geral.

O grupo, de mulheres quilombolas, estudado nesta pesquisa pertence ao Areal da Baronesa. São mulheres não inseridas no mercado de trabalho formal, que têm sua atividade laboral na comunidade, ocupando-se dos trabalhos diários de cuidado da saúde, dos ritos e costumes comunitários, da produção de artesanatos e da educação das crianças e dos adolescentes.

É preciso ressaltar que uma abordagem feminista e antirracista não foi adotada no projeto de pesquisa, mas conceitos relacionados a tal abordagem foram ganhando forma e peso ao longo do desenvolvimento da investigação.

Como pesquisadora, em diversas etapas de minhas experiências acadêmicas, estive junto a essas mulheres, desde 2011 até os dias atuais. Durante esse tempo, foi possível identificar a força de resistência silenciosa e de luta cotidiana dessas mulheres pela sobrevivência, pelo território, pela cultura e pelos modos de vida. São mulheres, negras e pobres, que carregam essa carga tríplice ao longo de sua história até os dias atuais.

A invisibilidade do trabalho da mulher negra no país, desde as “amas de leite” do período escravocrata até as empregadas domésticas dos dias atuais, é uma realidade. A história mostra que sempre foi exigida uma força maior por parte das mulheres negras, sobretudo quando seus filhos eram arrancados de seus braços, para que seu leite e seus cuidados fossem

transferidos para os filhos de mulheres brancas. E essa exigência de força segue até os dias atuais, quando muitas dessas mulheres negras precisam afastar-se de suas famílias e casas para trabalharem como empregadas domésticas em turno integral e, por vezes, sem carteira assinada e sem direitos trabalhistas. Também é possível dizer que são as mulheres negras que exercem a função de empregadas domésticas e de cuidadoras dentro e fora de seus lares.

Entende-se que a mulher, negra e pobre tem sido alvo de restrições nas sociedades, principalmente nas brasileira e rio-grandense do sul, especificamente por pessoas da classe média que têm apresentado manifestações misóginas e racistas, que podem ser observadas em eventos políticos recentes e que ressaltam o discurso racista. Foi o caso, por exemplo, da eleição para presidente da República, no Brasil, em 2018. O atual presidente Jair Bolsonaro<sup>1</sup>, na época candidato, manifestou um discurso claramente racista ao prometer, caso fosse eleito, acabar com todas as demarcações de terra para comunidades quilombolas. “Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola. Onde tem uma terra indígena, tem uma riqueza embaixo dela. Temos que mudar isso daí”, afirmou. “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas [arroba é uma medida usada para pesar gado. Cada uma equivale a 15 kg]. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”.

Tal manifestação gerou reação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ): “durante mais de três séculos e meio, pessoas negras foram legalmente comercializadas como escravas no Brasil, comercializadas inclusive em função da massa corporal que ostentavam”. Esse tipo de manifestação, como a do então candidato a presidente Jair Bolsonaro abriu espaço para que discursos e atitudes igualmente racistas se expandissem no país, aumentando a desigualdade social e a invisibilidade dos problemas raciais.

Assim, essa dissertação considera a temática do feminismo de forma transversal ao conhecimento quilombola, pois se acredita que os saberes tradicionais sobre ervas medicinais desse grupo de mulheres são importantes para a manutenção dos modos de vida e para a consolidação da cultura da comunidade quilombola.

A dissertação é composta pela introdução, por outros quatro capítulos e pelas considerações finais, além das referências bibliográficas e de apêndices. A introdução apresenta, justifica e contextualiza a temática da pesquisa, além de anunciar os objetivos, a metodologia e a estrutura da dissertação.

---

<sup>1</sup> Trechos do discurso do então candidato podem ser lidos aqui: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/> Acesso em: 26 out. 2020.

O primeiro capítulo se refere à história e à formação do espaço quilombola urbano de Porto Alegre/RS, palco da pesquisa, mostrando o contexto e a caracterização do objeto de estudo.

O segundo capítulo apresenta os referenciais teóricos a partir de seis temáticas, que embasam as discussões sobre a (re)produção dos saberes das ervas nas relações de trabalho das mulheres quilombolas urbanas. Os conceitos abordados são: o de território, o de saberes tradicionais, o de experiência, o de reprodução ampliada da vida, o de modos de vida e o de saberes do trabalho das mulheres quilombolas urbanas.

No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia qualitativa e participante desenvolvida e os procedimentos metodológicos, todos abordados de forma sensível e aprofundada, para alcançar os objetivos da pesquisa.

No quarto capítulo, são apresentados os sujeitos da pesquisa no contexto urbano de Porto Alegre. A seguir, são apresentadas as análises dos dados empíricos, resultantes dos espaços de diálogo, das rodas de conversa e das oficinas realizadas com as mulheres quilombolas urbanas.

Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre as análises feitas, as conclusões da pesquisa e alguns apontamentos para encaminhamentos futuros relacionados à investigação. Na sequência, são apresentados as referências e os apêndices.

Registra-se, ainda, que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 ("This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001").



**1. CONTEXTO E  
CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO  
DE ESTUDO**

Neste capítulo, é exposto o contexto histórico dos sujeitos da pesquisa, apresentando como o quilombo Areal da Baronesa foi formado. Aborda-se suas lutas pelo direito de permanência no local, seus conhecimentos e seus modos de vida.

O capítulo está dividido em três seções. A primeira, **Mulheres quilombolas, lutas e resistências: contexto e sujeitos da pesquisa**, discorre sobre as lutas e o contexto social dos sujeitos. Na segunda, **(Des)construindo o conceito de Quilombo**, aborda-se os conceitos de quilombo e de território e descreve-se a formação da comunidade Areal da Baronesa. Na terceira, **Resistência Quilombola e a luta pela preservação de seus conhecimentos**, é apresentada a relação histórica das mulheres com as ervas e seus usos, bem como a transmissão desses conhecimentos por elas através das gerações.

## 1.1 MULHERES QUILOMBOLAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS: CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

No Brasil existem mais de três mil comunidades quilombolas e poucos estudos etnobotânicos são realizados nesses territórios. O que significa que ainda há pouco conhecimento acerca da forma de vida quilombola e sua relação com a flora, especialmente no que diz respeito às plantas medicinais. Segundo Who (2003), plantas medicinais é o nome dado às espécies vegetais utilizadas com propósito terapêutico, sejam elas cultivadas ou não. Também podem ser consideradas plantas medicinais aquelas espécies que têm uma tradição de uso terapêutico.

Como menciona Silva *et al* (2012), durante todo o período escravagista no Brasil, os escravizados transplantaram um sistema de classificação botânica africano e introduziram plantas nativas brasileiras em sua própria cultura. Nesse sentido, o entendimento das relações existentes entre as comunidades quilombolas e o conhecimento das plantas utilizadas nos processos de cura pode fornecer informações relevantes em diversos campos do conhecimento, sobretudo sobre sua inserção no saber-fazer de práticas culturais brasileiras.

Os conhecimentos tradicionais, de uma forma geral, tendem a ser sistematizados e padronizados pela sociedade atual, passando por processos de massificação, sob forte influência dos recursos midiáticos vigentes e das atuais tecnologias de informação e comunicação. É o caso, por exemplo, da indústria farmacêutica que, apesar de utilizar como referência os saberes sobre ervas na produção de seus medicamentos, muitas vezes acaba por

manipular esses conhecimentos em favor apenas de seus lucros. Essa manipulação e massificação de conhecimentos tradicionais, na atualidade das sociedades capitalistas, tendem a se sobrepor aos conhecimentos localmente produzidos, de caráter popular e cotidiano, que sobrevivem e ainda são patrimônio das comunidades. Embora seja importante ressaltar que esses conhecimentos populares são os que, originalmente, alimentaram a produção farmacêutica industrializada e a própria massificação dos medicamentos. Tais conhecimentos retornam às comunidades populares na forma de conhecimento científico materializados em medicamentos industrializados e vendidos, muitas vezes para as próprias comunidades.

Um exemplo importante e pouco reconhecido pela sociedade são os saberes populares constituídos por mulheres quilombolas sobre ervas medicinais. No entanto, sua valorização e transmissão, tradicionalmente passadas entre gerações por meio da oralidade, precisam ser reafirmadas, pois são essenciais para a sustentabilidade da vida das comunidades, bem como para o compartilhamento desses com outros grupos sociais com os quais dialogam. Conforme Leff (2009, p. 19), “o saber social emerge de um diálogo de saberes, do encontro de seres diferenciados pela diversidade cultural, orientando o conhecimento para a formação de uma sustentabilidade partilhada”. Os saberes tradicionais que permeiam uma comunidade quilombola dizem respeito às informações acumuladas ao longo do tempo por suas práticas, seus valores, suas crenças, sua cultura, seus saberes populares, suas vivências e suas experiências.

No item a seguir, abordam-se os conceitos de quilombo e de território, em seguida apresenta-se uma descrição da formação da comunidade Areal da Baronesa, no contexto do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre.

## 1.2 (DES)CONSTRUINDO O CONCEITO DE QUILOMBO

Para compreender a atual definição dos conceitos de quilombo e de comunidade quilombola, é necessário que se faça um retrospecto acerca de sua gênese, a qual remete aos tempos coloniais, momento de surgimento dos primeiros quilombos e onde já é possível identificar o uso do termo quilombolas.

Moura (1986, p. 16) mostra que a noção original de quilombo se referia àquela do Conselho Ultramarino Português, em 1740, que o definia como sendo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos

levantados e nem se achem pilões nele”. Tal noção, por sua vez, conforma o imaginário e o discurso histórico sobre o que veio a se constituir como o movimento de formação dos quilombos, sendo normalmente associado a fugas, à desordem e à violência. Moura (2014) aponta que a inserção dos negros na lógica do sistema colonial teve como objetivo atender às necessidades oriundas do modelo de produção agrário implementado na Colônia, com o uso da mão de obra escrava nas plantações de cana-de-açúcar, forma de trabalho que se estendeu até o início da República. Nesse contexto, os escravizados se organizaram para criar alternativas à opressão sofrida, formando quilombos como locais de resistência em reação à escravidão a que eram submetidos. Assim, constata-se que a formação dos quilombos representa a busca pela liberdade e pela autonomia social e política almejada pelas populações negras escravizadas.

Nesta pesquisa, interessa a ideia de quilombo vinculada aos espaços criados por negros africanos escravizados na realidade brasileira. No caso brasileiro, é preciso lembrar a condição particular de alguns escravizados, como o caso de mulheres que eram designadas para o trabalho doméstico e que agregaram aos seus saberes oriundos da África, a experiência de convívio mais próximo com famílias de brancos descendentes de portugueses.

Em “Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas”, Moura (2014) não deixa dúvidas quanto à participação do africano escravizado no processo de desenvolvimento social, político e econômico brasileiro. O negro foi um dos protagonistas do enriquecimento do europeu e, ao mesmo tempo, possibilitou a consolidação da classe dominante brasileira que, por sua vez, buscou, por meio da história oficial, esconder a contribuição do povo negro na constituição do país. Para o autor, a cultura africana muito contribuiu para práticas cotidianas contemporâneas, em diversos campos da vida da sociedade brasileira.

Com a Constituição Federal de 1988, surge, no Brasil, a necessidade de rever a definição de quilombos e de remanescentes, bem como de seus direitos. É apenas durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que se promove a identificação dos sujeitos de direitos previstos pelo artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais e Transitórias (ADCT). Coube ao Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, definir uma concepção normativa de quilombo, a qual expõe que:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003, s/p).

Os parágrafos 2º e 3º, do artigo 2º, definem que:

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental (BRASIL, 2003, s/p).

Esse conceito de quilombo vem romper com o estabelecido no Decreto 3.912/01, que previa que o reconhecimento do quilombo viria do Estado. No texto normativo da Constituição Federal (1988), é proposto que se parta dos próprios agrupamentos sociais a autoafirmação de quilombolas, bem como a sua relação com seu território. Com base no texto anteriormente citado, ao quilombo se tem atribuído novos significados na literatura especializada e também a grupos, indivíduos e organizações.

Quilombo não se refere a resíduos ou a resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea e nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Consistem, sobretudo, em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho e nem por número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e de sua continuidade como grupo. Constituem “grupos étnicos conceituados pela antropologia como tipo organizacional que confere pertencimento por normas e meios de afiliação ou exclusão” (O'DWYER, 1995, p. 1).

A partir dos anos 2000, os movimentos quilombolas vêm crescendo e sendo ressignificados por suas lideranças, suas lutas por direitos e têm pressionado o governo, que acaba lançando novos decretos como o Decreto 4.887/03, que busca a ratificação da Convenção 169 sobre Povos Indígenas e Tribais da Organização Internacional do Trabalho; ou como o Decreto 5.051, em 2004, ou as Instruções Normativas nº 16, 20, 49 e 57 do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que reiteram o papel do território como local de (re)produção e de resistências dessas comunidades, mesmo que ainda associado à figura do Estado.

O território é, na sua essência, um fator espacial e social secularmente atrelado a uma dimensão política, permeado de identidade, passível de categorização e de dimensionamento e onde estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, do grupo ou da comunidade. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir

das referências de identidade e de pertencimento territorial e, geralmente, sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido, nesse tipo de estrutura espacial, exigências de organização e a instituição de uma autoafirmação política-social-econômica-territorial (ANJOS, 2009, p. 8).

Na busca pelo entendimento do que é quilombo e o que são territórios quilombolas, entende-se também os múltiplos sujeitos e as relações que os conformam com seus territórios, tornando o conceito de quilombo um instrumento político que garante a efetividade dos direitos propostos pelo artigo 68 do ADCT, como o direito de ser reconhecido em suas especificidades, ou seja, em suas práticas socioculturais e econômicas, bem como o direito de reconhecimento do local onde elas se realizam.

### 1.3 RESISTÊNCIA QUILOMBOLA E A LUTA PELA PRESERVAÇÃO DE SEUS CONHECIMENTOS

Apresenta-se a seguir um pouco da história do processo de construção do território do Areal da Baronesa, local da pesquisa, que ocorreu num contexto de territorialização das comunidades negras em Porto Alegre.

Apesar dos territórios negros ocuparem um papel secundário nos discursos sobre o desenvolvimento de Porto Alegre, tal como ocorre em todo o território nacional, documentos demonstram que os grupos de moradores negros sempre fizeram e ainda fazem parte da construção da cidade. Esses grupos eram marginalizados socialmente e empurrados do centro da cidade para lugares onde ninguém queria estar: lugares de difícil acesso, sem infraestrutura, localizados em áreas periféricas da cidade. Marques (2006, p. 11) ressalta que essas questões sociais são relativas às “‘eticidades emergentes’ e às territorialidades negras [...], bem como à progressiva expulsão das camadas populares das regiões centrais da cidade em direção a regiões periféricas”. Dessa situação, no fim do século XIX e no início do século XX, surgem os territórios negros<sup>2</sup> como forma de resistência social. Um exemplo desse movimento é a

---

<sup>2</sup> Sobre o conceito de território negro, Bitencourt Júnior. (2010) afirma que são consideradas todas as formas de constituição histórica dos processos socioculturais de territorialização promovidos por grupos negros. Jane Mattos (2000, p. 117) fala sobre o conceito de “território negro” como sendo espaço de habitação, ou de convivência que forma uma rede de sociabilidade, de vivência e de compartilhamento de experiências.

formação dos seguintes territórios: Ilhota e o Areal da Baronesa (atual bairro Cidade Baixa); Cabo Rocha (atual bairro Rio Branco) e Colônia Africana (atual bairro Montserrat).

Segundo Leite (2018), no ano de 1845, D. Pedro II e sua esposa Theresa Cristina se hospedaram no famoso solar (atualmente local onde funciona a Escola Pão dos Pobres) de propriedade de João Batista da Silva (1797-1853) e de sua esposa Maria Emília de Menezes Pereira (1802-1888). Em agradecimento, o imperador conferiu o título de Barão do Gravataí ao Sr. João Batista e, em 1853, após a morte do Barão, conferiu também o título da Baronesa do Gravataí a Sra. Maria Emília (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - Solar do Barão do Gravataí, atual Colégio Pão dos Pobres



Fonte: Leite (2018).

Figura 2 - D. Pedro II , Imperatriz Theresa Cristina e o Barão do Gravataí



Fonte: Leite (2018); <https://lealevalerosa.blogspot.com/2012/07/barao-do-gravatai-e-baronesa-do.html>

Além do solar, havia uma residência de veraneio do casal, localizada na esquina da Avenida Luiz Guaranha com a Rua Baronesa do Gravataí, onde hoje se situa o Quilombo Areal da Baronesa. O Arraial da Baronesa era uma chácara da Baronesa do Gravataí, herdada de seu esposo. Este nome, Arraial da Baronesa, foi logo trocado por “Areal da Baronesa” devido à extensa presença de areia avermelhada que existia próximo ao rio Guaíba, onde ficava a casa de veraneio, na praia da Baronesa.

Leite (2018) afirma que, após o incêndio do solar, em 1875, a Baronesa enfrentou uma crise econômica que a levou a lotear a imensa propriedade. Ficava mais fácil vender as terras em lotes e, assim, foi surgindo o bairro Cidade Baixa. Após sua morte, em 1888, o lugar passou a ser ocupado por negros alforriados da senzala de sua chácara e também de outras. Esses negros passaram a residir, no início, nas baias dos cavalos, local que logo se consolidaria como mais um território negro de remanescentes de escravizados e quilombolas. Esse território, por estar às margens do rio Guaíba, sofria constantes alagamentos e toda a comunidade vivia com dificuldades. Mesmo assim, o grupo buscou se afirmar socialmente como comunidade urbana negra, criando um local de resistência e de formação identitária: o Areal da Baronesa<sup>3</sup>.

Ao longo século XX, esse território, que não possuía infraestrutura básica, como iluminação, saneamento, pavimentações, passou a receber melhorias urbanas se tornando, atualmente, um espaço valorizado e cobiçado pelo mercado imobiliário. Das capitais brasileiras, Porto Alegre é a que possui o maior número de quilombos urbanos, sete no total e, com o crescimento da cidade, interesses econômicos atropelaram os territórios negros, removendo grande parte dessas comunidades para regiões periféricas da cidade, a exemplo do bairro Restinga Velha. Outras resistiram e permaneceram em seus territórios, como é o caso da comunidade do Areal da Baronesa que, em meio a tensões sociais e a disputas territoriais, mantém-se resistente, protegendo a herança social e cultural da sua comunidade.

Apesar de se tratar de uma área pequena, aproximadamente 4,5 mil m<sup>2</sup>, o Areal da Baronesa abriga em torno de oitenta famílias e se localiza em uma área urbana suscetível à especulação imobiliária. Situa-se na fronteira entre os bairros Cidade Baixa e Menino Deus, numa rua sem saída, a Luiz Guaranha. O nome Guaranha é uma referência a um italiano – caixeiro-viajante – que, até meados dos anos 1980, alugava casebres reformados por ele mesmo.

---

<sup>3</sup> Detalhes da história da formação do Areal da Baronesa podem ser conhecidos no endereço eletrônico: <http://paginaglobal.blogspot.com/2018/03/brasil-o-areal-da-baronesa-tradicao.html>.

Conforme Marques (2006, p. 11), a comunidade do quilombo do Areal da Baronesa se encontra em uma “situação de reconstrução de suas identidades em face ao meio social” que a envolve, demandando reflexões acerca das peculiaridades dos processos étnicos em um contexto urbano multicultural e fragmentado, como o de Porto Alegre. Na luta pela sua permanência, parte dos moradores da comunidade se auto reconhece como remanescente de quilombo, buscando assegurar o direito de permanência no local que ocupam, afirmando que a comunidade em que se enraízam teve origem nas senzalas da chácara da Baronesa do Gravataí. Para garantir sua permanência, fazem uso da base legal do Decreto Federal 4887/2003, que regulamenta o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação de terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Em julho de 2015, o então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, reconheceu e doou o espaço físico ocupado pelo quilombo à Associação Comunitária e Cultural Quilombo Areal da Baronesa (ACCQAB)<sup>4</sup>.

Atualmente, a comunidade possui uma sede para a associação comunitária, onde se proporcionam várias vivências entre os próprios membros do grupo e as comunidades do entorno. É nesse espaço compartilhado que acontecem as reuniões da comunidade, suas festas, onde recebem os alunos visitantes de escolas públicas e privadas e pesquisadores. Esse espaço constitui um lugar de pesquisa, de ensino e de aprendizagens. Por vezes, um lugar em que ocorrem eventos onde se busca valorizar os saberes dessa comunidade, suas memórias, suas vivências e suas experiências. É o caso da presente pesquisa. Esse espaço foi aberto pelos sujeitos para a sua realização.

A partir da realização de pesquisas anteriores da pesquisadora (FACCO, 2015; 2018), verificou-se que uma comunidade quilombola urbana como a Areal da Baronesa demonstra dificuldade em manter suas memórias coletivas referentes às ervas medicinais e seus usos. Concluiu-se que, por estar inserida num contexto urbano, onde todo espaço de terra tem seu uso voltado principalmente à construção de moradias, a comunidade foi levada a suprimir sua relação com a terra, com o plantio e com o cultivo de ervas, o que, conseqüentemente, dificultou a manutenção de uma cultura de uso das ervas no seu dia a dia, nas suas relações de trabalho, nos seus ritos e costumes.

A ACCQAB, conforme dito anteriormente, é um espaço que proporciona várias vivências aos que a frequentam. É ali o espaço das reuniões e das festas, ou seja, é um espaço de diferentes experiências compartilhadas entre gerações dos moradores. É também lugar de

---

<sup>4</sup> Mais informações podem ser encontradas em: <https://bit.ly/2Gabwb6>

encontro entre membros do grupo e visitantes ou pesquisadores. Nesse caso, as interações podem resultar em aprendizagens para as partes envolvidas. À luz do pensamento de Paulo Freire que diz que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1998, p. 25), esse espaço se tornou um lugar de pesquisa, de aprender e de ensinar sobre a relação dessa comunidade com as ervas medicinais *vis a vis* suas estratégias de organização e de resistência social e cultural.

Ações da pesquisa foram realizadas com mulheres da comunidade na sede da associação. A opção por trabalhar, especificamente, com mulheres se deveu ao reconhecimento da relação histórica das mulheres quilombolas com as ervas e com seus usos, bem como da transmissão desses conhecimentos por elas através de gerações.

Nos quilombos as mulheres representam um grupo que se constitui em guardião dos saberes sobre as ervas. Elas também possuem a responsabilidade de escolher quais saberes serão transmitidos às novas gerações, o que acontece, em grande parte, através de suas relações cotidianas de trabalho. No entanto, esse grupo específico do Quilombo Areal da Baronesa, se encontra à margem da sociedade, tendo pouco reconhecimento de seus conhecimentos tradicionais sobre ervas medicinais, mas, ao mesmo tempo, expressam, muitas vezes pelas suas práticas, formas de resistência e de manutenção de sua cultura e do seu modo de vida.



## 2. REFLEXÕES TEÓRICAS

## 2.1 TERRITÓRIO ÉTNICO OU COMUNIDADE TRADICIONAL?

A categoria povos e comunidades tradicionais – relativamente nova – tem sido considerada teoricamente ambivalente por alguns autores. Na medida em que esses grupos sociais começam a lutar e a se organizar localmente e pressionam o Estado, normativas emergem. O Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, em seu artigo 3º, inciso I, estabelece um conceito operacional. Nesse decreto, comunidades tradicionais são entendidas como:

culturalmente diferenciadas e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, s/p).

No entanto, como argumenta Diegues, existem outros fatores a serem considerados no esforço de conceituar “comunidades tradicionais”:

As comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado, baseando-se economicamente no uso dos recursos naturais renováveis, como pesca, agricultura, coleta (DIEGUES, 1996, p. 87).

Também contribui para a construção da categoria comunidades tradicionais o pesquisador Little (2020, p. 23), explicitando fatores importantes como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura por autonomia cultural e as práticas adaptativas sustentáveis.

Já Mendes (2009, p. 252) menciona as relações sociais, a territorialidade e o território na formação de comunidade tradicional.

Legitimação de identidades coletivas e tradicionais resulta da interrelação entre o Estado e os grupos étnicos, revestidos de conotação processual e política, sobretudo dos processos de territorialização ligados a uma dimensão espacial – o território – e a um conjunto de relações sociais.

Essas relações sociais são distintas entre os diversos grupos étnicos: quilombolas, indígenas, ribeirinhos, entre outros.

Ao discutir o conceito de comunidades tradicionais, também se discute território/territorialidade e identidade, que aparecem intimamente imbricados entre si. Os vínculos estabelecidos dentro das comunidades tradicionais produzem a sua identidade e esta,

como consequência, produz o seu território, através de ações coletivas e recíprocas de sujeitos sociais envolvidos na comunidade.

Assim, para discutir e caracterizar povos e comunidades tradicionais é preciso entender os conceitos de território e de territorialização. Almeida (2006) em seus escritos “Terras Tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum”, propõe outro significado para a territorialização, a partir da noção prática designada como territorialidade específica, para nomear as delimitações físicas de determinadas unidades sociais que compõem os meandros de territórios etnicamente configurados:

As ‘territorialidades específicas’ de que tratarei adiante podem ser consideradas, portanto, como resultantes de diferentes processos sociais de territorialização e como delimitando dinamicamente terras de pertencimento coletivo que convergem para um território (ALMEIDA, 2006, p. 29).

Almeida (2006) menciona ainda que os agentes sociais se autodefinem e manifestam sua própria condição.

Como sujeitos sociais com existência coletiva, incorporando pelo critério político-organizativo uma diversidade de situações correspondentes aos denominados seringueiros, quebradeiras de coco, babaçu, quilombolas, ribeirinhos, castanheiros e pescadores que têm se estruturado igualmente em movimentos sociais. Entendo que o processo social de afirmação étnica, referido aos chamados quilombolas, não se desencadeia necessariamente a partir da Constituição de 1988, uma vez que ela própria é resultante de intensas mobilizações, acirrados conflitos e lutas sociais que impuseram as denominadas ‘terras de preto’, ‘mocambos’, ‘lugar de preto’ e outras designações que consolidaram de certo modo as diferentes modalidades de territorialização das comunidades remanescentes de quilombos (ALMEIDA, 2006, p. 38).

Nessas formas de reconhecimento jurídico das denominadas terras ocupadas pelas comunidades tradicionais prevalece o uso comum de florestas, recursos hídricos, campos e pastagens. Esse uso comum aparece combinado tanto com a propriedade, quanto com a posse da terra, de maneira perene ou temporária, envolvendo diferentes atividades produtivas exercidas por unidades familiares de trabalho, como o extrativismo, a agricultura, a pesca, o artesanato, a pecuária, etc. Juridicamente, portanto, são definidas pela Constituição Federal de 1988 diferentes modalidades de apropriação das denominadas “terras tradicionalmente ocupadas”, passando as comunidades tradicionais a serem identificadas como uma expressão político-organizativa com critérios de representatividade próprios.

Sobre o reconhecimento da propriedade, a Constituição Federal (1988), no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, estabelece: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade

definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988), ou seja, cabe ao Estado resguardar o direito à terra e às territorialidades dessas comunidades.

Considerando o que Diegues (1996) e Little (2020) afirmam, a comunidade tradicional existe quando há certa autonomia e territorialidades que são próprias de uma cultura, passadas através das gerações, havendo um vínculo com o território que se apresenta de forma sustentável. Nesse sentido, as comunidades quilombolas rurais são mais claramente identificáveis do que as comunidades quilombolas urbanas, por conservarem, nos territórios, tradições vinculadas a práticas que se relacionam de forma mais direta com a natureza e cujas mudanças ocorrem de maneira mais lenta ao longo do tempo. No caso dos quilombos urbanos, as relações com o meio em que se inserem as pessoas acabam por promover alterações mais significativas e visíveis, sobretudo, nas relações de trabalho, muitas vezes restando aos remanescentes de quilombolas se vincular à condição de trabalhador assalariado ou informal. Isso não impede o reconhecimento da existência de vínculos de tradição dessas comunidades que a mantêm por meio de discursos e de práticas sutis, que se revelam por seus modos de vida. Manifestações religiosas, formas de partilha de convívio social entre outros aspectos são alguns exemplos.

Além da territorialidade, mas também relacionado ao território, está outro aspecto fundamental de povos e comunidades tradicionais que é a reprodução de suas formas sociais. Nesse sentido, Costa Filho (2010, p. 12) considera que as comunidades se constroem em interação umas com as outras, pois há elementos culturais que aproximam indivíduos por similaridade de suas práticas, como também há outros elementos que os diferenciam. Gluckman (s/d *apud* COSTA FILHO, 2010, p. 12) também analisa o papel dos ritos religiosos como forma de controle de rivalidades e disputas que emergem dos costumes e das regras de comunidades tradicionais, assim como analisa os interesses que estruturam essas relações. O autor enfatiza os efeitos dos conflitos de lealdade e aliança que evitam o faccionalismo dentro da comunidade, ressaltando a força unificadora dos rituais.

Costa Filho (2010, p. 12) menciona que as comunidades tradicionais, em geral, não se confundem com as “tribos”, mas preenchem condições que a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>5</sup> exige dos “*povos tribais*”, isso é: “têm estilos de vida tradicionais e uma cultura e modo de vida diferentes dos outros setores da sociedade nacional; têm costumes e formas de viver e trabalhar diferentes; e têm leis especiais que só se aplicam

---

<sup>5</sup> A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre povos indígenas e tribais foi aprovada pelo Congresso Nacional, por meio do Decreto Legislativo nº 143, de 20 de julho 2002, e promulgada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004. Atualmente, possui força de lei federal e está em pleno vigor.

a eles”. Tão evidentes são essas características que o próprio Estado brasileiro as reconheceu e criou dispositivos legais especiais para tratar de povos e comunidades tradicionais. O Decreto nº 10.088/2019, instituído pelo Governo Bolsonaro e que substitui o Decreto 5051/2004, regulamenta e ratifica no seu Anexo LXXII a Convenção 169 da OIT. Ao referir-se aos povos indígenas e tribais, afirmando no artigo 1º da Parte 1 sua aplicação:

a) aos povos tribais em países independentes, cujas condições sociais, culturais e econômicas os distingam de outros setores da coletividade nacional, e que estejam regidos, total ou parcialmente, por seus próprios costumes ou tradições ou por legislação especial (BRASIL, 2019, s/p).

O que é mais importante, porém, é que o Artigo 1º, item 2 do Anexo LXXII, desse Decreto estabelece que o critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da Convenção 169 (OIT) é a consciência de sua identidade. Isso quer dizer que são os próprios membros da comunidade que podem dizer se são ou não quilombolas, um povo tradicional, ficando resguardados, portanto, o autorreconhecimento e a autodeclaração de sua etnia.

Assim, importa evidenciar que a comunidade Areal da Baronesa se autodeclara como remanescente de quilombo, apesar de sua diversidade de indivíduos, o que acaba por definir práticas e rituais que estruturam grande parte das relações sociais ali estabelecidas.

Como assinalam Brandão e Borges (2014, p. 2), “em termos modernos, a comunidade é o lugar de escolha”. É a associação de pessoas que se congregam para ser, em meio a um contexto como o da grande cidade, o que desejam ser nela, ou em oposição a ela. A miscigenação entre pessoas dos quilombos urbanos e pessoas de outras etnias pode confundir observadores externos sobre a existência de tradições em suas práticas. No entanto, observando com muita atenção é possível perceber que alguns sujeitos-chave, nesses territórios, podem se tornar evocadores e disseminadores de uma cultura ancestral influenciando novos sujeitos, que passam a reproduzir práticas e ideias ali presentes. Aos descendentes desses sujeitos-chave cabe a preservação de sua cultura, reproduzindo os territórios que são mais tradicionais do que propriamente étnicos.

## 2.2 SABEDORIA E CONHECIMENTO: A NATUREZA PRÉ-CIENTÍFICA DOS SABERES

Nos últimos dois séculos, a ciência moderna reinou com sua interpretação do mundo. Nesta pesquisa, não está em questão o valor dessa interpretação, no entanto, essa ciência não responde a todas as questões colocadas pela humanidade, não chega a todos os lugares e, portanto, não pode ser a única referência de produção legítima do conhecimento.

O conhecimento popular foi, por um longo tempo, ignorado por cientistas, porém hoje, a situação é um pouco diferente, como mostram recentes pesquisas realizadas por etnólogos e etnobiólogos em comunidades tradicionais que buscam o resgate e a valorização de saberes locais. A partir de seus trabalhos surgem novas alternativas e reflexões, provocando efeitos também no campo do conhecimento científico. O conhecimento – em especial a medicina popular – tem merecido atenção cada vez maior, visto que oferece informações a outros campos da ciência. Por exemplo, pesquisas que desenvolveram medicamentos a partir de plantas se baseiam em estudos etnobotânicos e na medicina tradicional, que se alimenta de saberes populares.

Enrique Leff (2009) evidencia a relevância dos saberes populares e das coisas simples que têm sido ignoradas ou subjugadas em nome do que se considera ciência, mas que são importantes para alguns grupos sociais e que aproximam os sujeitos do entendimento de sua ancestralidade, de seu contexto e de sua realidade. Nesse sentido,

o saber popular busca conhecer o que as ciências ignoram, porque seus campos de conhecimento projetam sombras sobre o real e avançam, disciplinando paradigmas e subjugando. [...] O ambiente é um saber sobre a natureza externalizada, sobre as identidades desterritorializadas, a respeito do real negado e dos saberes subjugados [...] (LEFF, 2009, p. 18-19).

Nessa seção será feita uma exposição sobre o conhecimento, focalizando o conhecimento científico, o saber popular e tradicional e abordando suas diferenças e semelhanças.

Com relação aos entendimentos de saber popular, pode-se dizer que existem diferentes definições e considerações sobre os saberes populares. Para Pinheiro e Giordan (2010), o **saber popular** é um conjunto de conhecimentos que são adquiridos de forma empírica, a partir do fazer, sendo transmitidos de geração em geração, por meio da oralidade, de gestos, de atitudes e são saberes baseados em crenças, opiniões, ou superstições, adquiridos no fazer, nas atividades de trabalho. Esse fazer, muitas vezes, atesta sua validade, mesmo que os sujeitos não saibam explicá-lo cientificamente. São saberes produzidos por grupos específicos (familiar ou comunidade).

Para Dickmann e Dickmann (2008, p. 70) “o saber popular é entendido como aquele que é fruto das várias experiências vividas e convividas em tempos e espaços diversos na

história do povo”. Os saberes populares, segundo Toledo (2015), baseiam-se na experiência concreta de comunidades, são expressão de seus conhecimentos empíricos e repetitivos, e em crenças compartilhadas sobre as coisas do mundo que as rodeiam. Os saberes são fortalecidos igualmente pelos testemunhos, como formas de sabedoria individual ou coletiva, local, pessoal e prática, que se estabelecem em domínio territorial ou social determinados.

Em contrapartida, o conhecimento científico é impessoal, abstrato, teórico e especializado. Constrói-se sobre bases científicas e leis sobre o mundo, produzindo um conjunto de posições fundamentadas em um raciocínio objetivo que se ocupa de explicar a realidade de uma forma concreta, com normalização textual, reivindicando uma compreensão racional, analítica e intelectual da ciência. Esse tipo de conhecimento se difere dos demais no que se refere às presenças de uma metodologia e de uma visão crítica e não em relação propriamente ao seu conteúdo e é assumido como universal.

Por sua vez, a sabedoria popular forma o conhecimento com repetições orais e riqueza de detalhes, exigindo uma compreensão intuitiva e criativa; resgata memórias e experiências vivenciadas e compartilhadas. No entanto, a ciência necessita dos saberes populares e vice-versa.

Desses conceitos descritos anteriormente, é possível entender que a valorização dos saberes populares de um determinado grupo é importante, pois são esses saberes que fortalecem seus saberes tradicionais (as crenças, os rituais, as comidas, a saúde, a dança, a música), e proporcionam o fortalecimento e a difusão desses saberes para o universo do conhecimento científico, que incorpora esses saberes tradicionais e populares, na construção da ciência.

Os dois tipos de saberes (científico e popular) não são excludentes entre si, pelo contrário, são complementares. Saberes populares reforçam saberes tradicionais e ambos contribuem para o reconhecimento do conhecimento científico, sendo a experiência uma das formas de interlocução entre eles. Na próxima seção discute-se o papel da experiência na construção da sabedoria e da memória coletiva.

### 2.3 EXPERIÊNCIA: O LUGAR DA MEMÓRIA COLETIVA E DA APRENDIZAGEM DOS SUJEITOS SOCIAIS

Neste estudo, parte-se do entendimento de que a experiência social pode influenciar e ao mesmo tempo ser influenciada pela consciência histórica. Para Jörn Rüsen (2010), a consciência histórica pode ser definida como uma categoria relacionada ao pensamento histórico, em que os sujeitos, a partir de suas experiências vividas no passado, podem interpretá-las como uma forma de entender o presente e de antecipar o futuro. Ou seja, toda forma de interpretação do indivíduo sobre sua experiência vivida pode ser capaz de orientar suas práticas e permitir a atribuição de sentido às ações cotidianas futuras. Portanto, a consciência histórica, segundo Rüsen (2010), é o resultado de operações mentais com as quais os seres humanos interpretam sua experiência do tempo, de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar suas práticas, bem como entender as experiências vividas como elemento construtor da consciência histórica e da aprendizagem social.

Ao se analisar as relações de continuidade e de descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais da comunidade quilombola urbana Areal da Baronesa, observou-se que a preservação e, ao mesmo tempo, a modificação de tais saberes tradicionais são percebidas como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações atuais e renomeadas no presente, por sujeitos ou grupos que os recebem.

Os saberes tradicionais, na acepção de Mannheim (1993, *apud* MAGALHÃES, 2018), são passados entre gerações através de experiências vividas de modo próximo, criando assim vínculos geracionais e, ao mesmo tempo, uma memória do grupo, conseqüentemente, incorporada a sua cultura<sup>6</sup>. Assim, a experiência participa da construção da consciência histórica, sendo esta uma categoria social e histórica (MAGALHÃES, 2018), constituindo os saberes tradicionais forjados na experiência social e passados de geração em geração, podendo contrariar a lógica capitalista.

Nesta pesquisa, o interesse foi perceber as experiências sociais, como elas são construídas e recuperadas e entender as formas e os conteúdos de sua transmissão ao longo do tempo, segundo necessidades reais no momento presente, num processo de conhecimento e de aprendizagem. Concordando com Magalhães (2018, p. 94), discutir experiências que são reconhecidas por diversos grupos que vivenciaram ou herdaram memórias selecionadas, conforme necessidades contemporâneas, depende, sobretudo, das condições estruturais, materiais e intelectuais dos sujeitos, grupo ou sociedade.

---

<sup>6</sup> Magalhães (2018) se apóia em Mannheim para destacar a adaptação propiciada pela experiência de jovens que, vivenciando os mesmos problemas históricos concretos, produzem impressões sobre a consciência social. Essa consciência socialmente construída é uma decorrência do processo de desenvolvimento histórico absorvida pela consciência maleável dos mais jovens, entendido como os “novos portadores de cultura”.

O contexto histórico determina quais experiências serão transformadas em aprendizagens ou não (THOMPSON, 1981). A necessidade real das experiências faz sua presença, sua ausência ou sua recuperação. Quanto mais se repete a experiência por sua necessidade, mais ela se torna presente. O contrário acontece com experiências que não são necessárias. Elas se tornam ausentes, sem uso e caem no esquecimento. Outras são recuperadas, conforme voltam a ser demandadas e, nesse caso, busca-se a memória.

A memória de experiência vivida ou herdada está sempre implicada com a produção e a recuperação de saberes, conforme as reais necessidades do grupo em um determinado contexto. Thompson (1981) reconhece que a experiência vivida, além de pensada é também sentida pelos sujeitos. Conforme ele mesmo afirma:

as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...]. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas (THOMPSON, 1981, p. 189).

Interessa, particularmente, discutir a dimensão formadora da experiência, com destaque àquela formação ocorrida nas relações cotidianas de trabalho, das mulheres que foram sujeitos da pesquisa. Para ele, a experiência é entendida como resultado da ação, que pode ser voluntária ou involuntária e que, quando voluntária, pode ser repetida. Nessa prática repetida acontece, com maior ou menor complexidade, uma reflexão sobre seu significado e seus valores sociais e culturais. O autor destaca que “a experiência entra sem bater à porta”.

[...] Homens e mulheres discutem sobre os valores, escolhem entre valores, e em sua escolha alegam evidências racionais e interrogam seus próprios valores por meios racionais. Isso equivale a dizer que essas pessoas são tão determinadas (e não mais) em seus valores quanto o são em suas ideias e ações, são tão “sujeitos” (e não mais) de sua própria consciência afetiva e moral quanto de sua história geral. Conflitos de valor, e escolhas de valor, ocorrem sempre (THOMPSON, 1981, p. 194).

No caso desta pesquisa, sobretudo para o grupo de mulheres quilombolas envolvido diretamente na pesquisa, por mais espontânea que seja a experiência, ela nunca está desprovida de pensamentos produzidos no cotidiano, compondo sua cultura popular e, ao mesmo tempo, incorporando elementos de resistência ao sistema capital. Assim, a partir de Thompson, entende-se que a experiência vivida pode ser também experiência modificada. Homens e mulheres sentem e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo, podendo provocar pressão e mudança no ser social e na consciência de classe. Talvez a seleção de elementos realizada pela memória seja aquela dos considerados necessários e úteis para serem

repassados entre gerações com vistas à manutenção da cultura, à garantia de seus modos de vida e à resistência ao sistema.

As teorizações de Thompson (2001, 1987, 1981) são referências importantes para entender o que é experiência e a sua relevância nesta pesquisa. Para o autor, a experiência de grupos se torna coletiva se for compartilhada, sendo essa a que interessa a esta pesquisa. Para ele, a experiência ganha relevância na constituição de uma classe social quando as experiências individuais são percebidas como coletivas, viabilizando reflexão sobre seu papel no contexto sócio-histórico em questão. Thompson esclarece que

a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns, herdadas ou partilhadas, sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus. Mas a consciência de classe se forma à medida que as experiências são tratadas em termos culturais (THOMPSON, 2001, p. 277).

Portanto, para o historiador, a experiência tem relação com a constituição da identidade de classe, sendo a vivência empírica o meio direto de sua expressão, sob a qual a teoria precisa se apoiar e vice-versa. Para Thompson (1981), a experiência é uma categoria imperfeita e que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados, ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.

Ramos (2018, p.154), comentando Thompson, reforça que a experiência é abordada como válida a partir do reconhecimento de sua coerência e sua eficácia, nunca estando desprovida de reflexão e estando sujeita a repetições, modificações e variações. Por incorporar sentimentos, além de pensamentos, no interior de uma cultura, a consciência, afetiva e moral, constitui-se em um dos principais mecanismos de seleção para a transmissão da experiência para outros grupos, ou para novas gerações. Assim, os valores de uma comunidade podem ser percebidos como parte das experiências humanas compartilhadas. Para Thompson:

os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘*habitus*’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria (THOMPSON, 1981, p. 194).

Magalhães (2018) trata essas transmissões entre gerações como fatores importantes na constituição da memória coletiva e na permanência de culturas tradicionais, necessitando de validação dos grupos envolvidos. A memória geracional refere-se à recuperação de

experiências sociais vividas e transmitidas pela tradição oral (MAGALHÃES, 2018, p. 85), herdando uma "espécie de memória genealógica [...] de experiências ancestrais", que necessitam de linguagem (oral e prática através, por exemplo, das manualidades) para se reproduzirem. Assim, para a autora, a experiência se configura ela própria em um princípio educativo, que reproduz o conhecimento através das práxis com base na memória social.

Pensada numa abordagem ergológica (CUNHA, 2018), a experiência é entendida como produto de encontros sociais, técnicos e humanos no espaço de trabalho e na vida. Comentando acerca dessa mesma abordagem, Fischer e Franzoi (2018) explicitam que a experiência é compreendida como a capacidade de produzir o mundo e de fazer história. Pois, se os saberes do trabalho podem ser construídos a partir de experiências, diretas ou indiretas, e não somente a partir de processos de aquisição do conhecimento científico, os modos de lidar dessas mulheres quilombolas com seus saberes sobre ervas medicinais são um exemplo de como a experiência é produto de encontros sociais, técnicos e humanos no espaço de trabalho, ou, de modo geral, na vida.

Essas confluências de experiências vividas, ou recebidas através das memórias, compõem um conjunto de estratégias de resistência e de organização social da cultura quilombola. Elas podem ser associadas ao conceito de reprodução ampliada da vida (CORAGGIO, 2000; TIRIBA, 2018) que passa pelos saberes e pelas experiências de trabalho das mulheres quilombolas na luta para garantir seu trabalho, seus modos de vida e sua cultura. É o que será discutido na seção a seguir.

## 2.4 REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA: CULTURA DE RESISTÊNCIA E OUTRAS FORMAS DE FAZER O TRABALHO

O sistema capitalista articula processos que envolvem toda a sociedade para movimentar suas engrenagens, estimulando o consumo e um ideal de felicidade que se apresenta “líquida”, conforme aponta Bauman (2009). Em sua obra “A Arte da Vida”, o autor traz uma profunda reflexão sobre essa “modernidade líquida”, sobre a busca pela felicidade e sobre como nós podemos nos afastar dessa lógica consumista, transformando esse modelo de felicidade através do consumo, encontrando a felicidade nas coisas mais simples. Uma felicidade buscada, permanentemente, através do consumo material e, de fato, nunca alcançada. Essa ênfase no consumo torna as pessoas presas fáceis para o sistema, que

respondem a ela trabalhando mais, produzindo mais e, obviamente, consumindo mais. Tornam-se dependentes do sistema que se reproduz à custa dessa imagem de felicidade material, enquanto dita o ritmo das mudanças tecnológicas e comportamentais, que rapidamente tornam os produtos consumidos em objetos obsoletos de forma cada vez mais rápida. Essa temporalidade da obsolescência condiciona, igualmente, uma felicidade fugaz, afirmando a emergência de sempre se produzir mais para, também se consumir mais. O jogo do sistema é manter em funcionamento o trabalho explorado, a produção e o consumo. Assim, se produzem e se realizam a mais valia e a reprodução do capital.

No entanto, Tiriba (2018, p. 79) alerta que o sistema capitalista se reinventa em momentos de crise, criando maneiras mais atrativas e, até mesmo, holísticas para aferir a qualidade de vida, estimulando novas reproduções sociais e comportamentais.

Tal circuito do sistema capitalista gera uma grande quantidade de excluídos e pobres, que precisam se organizar para sobreviver. Muitas comunidades tradicionais, por não conseguirem participar do sistema, ou mesmo por resistência a ele, não se encontram entre os(as) trabalhadores(as) que mantêm mais diretamente as engrenagens do sistema capitalista funcionando. Para satisfazer suas necessidades, as pessoas se articulam em torno de outras formas de sobrevivência e de realização do trabalho.

Nesse sentido, Coraggio (1994, 2000) foi pioneiro em pesquisar e refletir a respeito das relações entre outras formas (economias) de fazer o trabalho e a “reprodução ampliada da vida”, referindo-se a processos e práticas (a outros modos de fazer) que visam a alcançar os “satisfatores” das necessidades humanas fundamentais, idealizando-as de forma a transcender os interesses individuais, privilegiando interesses sociais e a produção da vida.

Tiriba, Butshkau e Coelho (2017) estendem as reflexões acerca da expressão “reprodução ampliada da vida”, objetivando indicar parâmetros econômicos e culturais que contribuam para refletir sobre a totalidade social das formas históricas pelas quais, mediado pelo trabalho, um grupo social, ou mesmo uma comunidade inteira, insiste em conservar e afirmar modos de vida distintos aos da lógica do capital.

O postulado básico desta teoria, refere-se às pessoas e não aos objetos; os pilares que o sustentam são a satisfação das necessidades humanas fundamentais, o que pressupõe a autodependência e a articulação orgânica dos seres humanos com a natureza. Em busca de um novo tipo de desenvolvimento, temos que diferenciar ‘necessidades’ de seus ‘satisfatores’. Combinando categorias existenciais e axiológicas, a classificação inclui por uma parte as necessidades de Ser, Ter, Fazer e Estar e, pela outra, as necessidades de Subsistência, Proteção, Afeto, Entendimento, Participação, Ócio, Criação, Identidade e Liberdade. A moradia, a alimentação e o vestuário não devem ser compreendidos como necessidades, mas como satisfatores da necessidade fundamental de

‘Permanência’. A educação e a pesquisa são satisfatores da necessidade do ‘Entendimento’; os sistemas de saúde são satisfatores da necessidade de ‘Proteção’, etc (TIRIBA; BUTSHKAU; COELHO, 2017, p. 1369).

Lia Tiriba (2015) mostra que, para garantir a produção da vida social, ou seja, os modos de pensar e agir, os hábitos, os costumes, os conhecimentos tradicionais e as culturas costumeiras, as “novas formas de fazer o trabalho” das comunidades tradicionais se contrapõem às relações entre espaço/tempo da atual crise do capital e do trabalho assalariado.

Para amenizar as contradições entre capital e trabalho e garantir a reprodução ampliada da vida, criam estratégias de trabalho e sobrevivência que visam não apenas a obtenção de excedentes que possam ser trocados no mercado, mas também a valores de uso fundamentais ao processo de formação humana, como a socialização do saber e da cultura, saúde, moradia etc (TIRIBA, 2015, p. 134).

Tiriba (2018), apoiando-se em Thompson, reconhece a participação de homens e mulheres na construção de sua própria história. Ao analisar experiências de povos e comunidades tradicionais, suas práticas econômico-culturais, considera a experiência fundamental na luta cotidiana de produção de recursos básicos que servem para alcançar os satisfatores das necessidades fundamentais e para garantir a reprodução ampliada da vida. Tais processos da vida social podem, então, potencializar saberes populares e expressar a “cultura de resistência” das comunidades no saber fazer o trabalho, com suas características próprias, definindo estratégias que se afastam da total dominação dos trabalhadores pelo capital.

Como consequência dessa resistência, surgem as atividades baseadas em saberes locais, capazes de integrar os sujeitos das comunidades, tais como organizações, associações comunitárias de mulheres (por exemplo o grupo de mulheres quilombolas do Areal da Baronesa), a economia popular solidária, entre outras. Essas atividades podem, assim, incorporar e valorizar saberes criados na experiência social comunitária. De forma consciente ou não, tornam-se células de resistência, no contrafluxo do sistema capitalista. Por isso, fortalecer iniciativas de homens e mulheres que fazem resistência ao sistema reforça e inspira espaços de reprodução ampliada da vida.

Nesse sentido, Leff (2009) ressalta a importância do resgate e da valorização dos saberes populares que fazem parte da cultura e das relações de trabalho de comunidades. Direciona-se essa reflexão às mulheres quilombolas e ao trabalho com o uso das ervas nos rituais religiosos, nos cuidados com a saúde no cotidiano e na manutenção dos costumes. Esses saberes sobre as ervas, de uso rotineiro dessas mulheres, têm sido ignorados e subjugados na

sociedade capitalista, mas para grupos, como o estudado nesta pesquisa, podem ser relevantes para a conservação e a manutenção de sua cultura na busca da reprodução da ampliada da vida.

Esses saberes e modos de fazer o trabalho, podem também assumir particularidades, facilitando certa autonomia e identidade aos sujeitos que vivenciam as experiências tradicionalmente passadas entre gerações, o que está associado aos conceitos de modos de vida e de reprodução social, conforme se apresenta, de forma sintética, no item a seguir.

## 2.5 MODOS DE VIDA E REPRODUÇÃO SOCIAL: DA INTERRELAÇÃO ENTRE SISTEMA E INDIVÍDUO

A proximidade do conceito de modo de vida a outros conceitos é identificada na literatura, gerando discussões frequentes no âmbito acadêmico. Braga, Fiúza e Remoaldo (2017), no artigo “O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões”, afirmam que cada indivíduo elabora seu estilo pessoal de vida escolhendo o que incorporar à sua vida.

Destaca-se aqui a necessidade de diferenciar condições, estilos e modos de vida. Nesse sentido, Braga, Fiúza e Remoaldo (2017) citam Gonçalves (2004) que distingue os conceitos de condições de vida (correspondente aos aspectos mais básicos que determinam e que condicionam a vida em sociedade, tais como trabalho, educação, saúde, moradia, entre outros) e estilo de vida, que diz respeito às especificidades de escolha das pessoas e de pequenos grupos, relativas a hábitos, normas e valores manifestados pelos indivíduos. Ambos são componentes importantes do conceito modo de vida.

Segundo Braga, Fiúza e Remoaldo (2017, p. 378), a diferença entre modo e estilo de vida pode ser vista da seguinte forma: o primeiro se associa a parâmetros culturais constituídos historicamente, criando vínculos entre os sujeitos que partilham de visões de mundo específicas, enquanto o segundo conceito se vincula a diferenças e hierarquias existentes entre indivíduos de camadas sociais diferentes. Castro (2003 *apud* BRAGA; FIÚZA; REMOALDO, 2017, p. 379) destaca que o modo de vida é a expressão do universo cultural absorvido pelos indivíduos, enquanto o estilo de vida seria mais restrito, dependendo da classe social, do gênero e da geração.

Segundo Isabel Guerra (1993, p. 60), o modo de vida, por se tratar de uma experiência de compartilhamento de ideias, afetos e crenças, reflete as diferenças de classe presentes na sociedade e pode revelar as contradições que essas lógicas lhe imprimem. Em seu estudo sobre modos de vida, a autora expõe duas formas de abordar o conceito: por um lado, por meio da análise do modo de vida no cotidiano, a partir das relações familiares e comunitária, do consumo, ou dos ritos e hábitos, momentos esses que são marcados pelas contradições e pelos contrastes sociais em que ocorrem; por outro lado, o modo de vida submetido à lógica mais geral da reprodução da força de trabalho, das condições de exploração e de classes sociais no contexto da sociedade capitalista.

Acompanha-se, nesta pesquisa, a abordagem da autora associada ao cotidiano, destacando a esfera familiar e privada, na qual grupos sociais compartilham, com seus iguais, o processo de produção da vida material e simbólica, através de práticas sociais, econômicas e culturais. Os modos de vida, assim, fazem sentido a partir dessas práticas, que interconectam os indivíduos de um grupo social e que, ao mesmo tempo, o diferencia de outros grupos, conforme aponta Tiriba (2019) ao conceituar modo de vida como:

um conjunto de práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas compartilhadas por um determinado grupo social no processo de produção da vida material e simbólica. Como expressão da cultura, diz respeito aos costumes, tradições, valores, crenças e saberes que orientam as normas de convivência na vida familiar, no trabalho e em âmbito comunitário. Relaciona-se às maneiras de produzir, consumir e distribuir os frutos do trabalho, tendo em conta as formas de sentir e pensar a vida e o mundo. Os modos de vida manifestam as relações que homens e mulheres trabalhadoras, mediadas pela memória coletiva e pelas experiências vividas e herdadas, estabelecem com o território em que produzem sua existência (TIRIBA, 2019, p. 4).

Tiriba (2019) também afirma que os modos de vida podem ser entendidos como patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, como condição de existência humana, podendo se constituir como resistência e/ou negação de outros modos de produção da vida social. Nesse sentido, os modos singulares de vida se entrelaçam, em menor ou maior grau, de acordo com as determinações dos contextos históricos de luta por hegemonia social e econômica.

Importa, portanto, nesta pesquisa, discutir a dimensão do trabalho cotidiano do grupo de mulheres da comunidade do Areal da Baronesa, que se define pelos seus modos de vida (fundamentalmente constituídos em bases históricas de cultura compartilhada) e que busca assegurar/passar os saberes necessários para garantir a reprodução da vida, bem como o modo de vida da comunidade.

No entanto, o trabalho cotidiano aparece aqui como pano de fundo e envolve as atividades das mulheres quilombolas mesmo aquelas não vinculadas aos seus saberes tradicionais como é o caso do trabalho doméstico ou do assalariado. O foco, no entanto, são os modos de vida vinculados aos saberes locais e aos processos rotineiros de trabalho, que reproduzem o social através de práticas sociais, frutos da memória coletiva e de experiências vividas e herdadas pelos indivíduos que compartilham dessas práticas e desses saberes.

Dessa forma, os modos de vida desse grupo de mulheres quilombolas urbanas estão vinculados a suas práticas/atividades cotidianas dentro da comunidade e podem ser um componente de resistência na manutenção de sua cultura, da reprodução social, ou apenas da permanência em seu local de moradia, no território por eles construído.

## 2.6. O TRABALHO NA COMUNIDADE: DE QUE EXPERIÊNCIA DE TRABALHO ESTAMOS FALANDO?

Para esta pesquisa interessa entender como os saberes do trabalho cotidiano dessas mulheres, juntamente com as experiências compartilhadas, são capazes de produzir saberes locais relevantes para manter um modo de vida na comunidade.

Nesse sentido, Schwartz (2009) ressalta a discussão sobre as relações de trabalho e obriga a repensar, de maneira crítica, qual a forma de produzir saberes do trabalho capaz de gerir e conduzir as transformações e os projetos de vida das/nas coletividades humanas. Schwartz (2009) reforça a urgência de um novo regime de produção de saberes, considerando os saberes e os valores produzidos no local de trabalho, pelos atores sociais.

Em uma perspectiva marxiana, a experiência pode ser identificada como a “atividade humana sensível”, mediada pela relação sujeito-objeto nas práxis sociais e o trabalho é uma forma particular e socialmente construída de experiência, necessitando de compartilhamento de memórias e de práticas que se repetem. Yves Schwartz (2003) ainda afirma que toda a situação de trabalho está saturada de normas de vida, de formas de exploração da natureza pelos homens e dos homens uns pelos outros e que o trabalho tem o potencial de fazer história, de produzir cultura e de ser ação educativa que questiona saberes do trabalho.

Se o trabalho é atravessado pela história, se ‘nós fazemos história’ em toda a atividade de trabalho, então não levar em conta esta verdade nas práticas das esferas educativas e culturais, nos ofícios de pesquisadores, de formadores, nas nossas práticas de gestores de organização do trabalho, e

também nas nossas práticas de cidadãos, é desconhecer o trabalho, é mutilar a atividade dos homens e das mulheres que, enquanto ‘fabricantes’ de história, re-questionam os saberes, reproduzindo em permanência novas tarefas para o conhecimento (SCHWARTZ, 2003, p. 23).

O trabalho como atividade fundamental da vida humana se transforma, é histórico. Mudam as relações de trabalho e de produção, as formas de trabalhar, os instrumentos de trabalho, as formas de propriedade e de apropriação do produto do trabalho. Para Schwartz (2005), a atividade humana tem três dimensões: a da **transgressão**, que atravessa o consciente e o inconsciente, o verbal e o não verbal, o biológico e o cultural e os valores; **a mediação** impõe a dialética a todos os campos (macro, micro, global e local); e **a contradição** (potencial) é sempre um lugar de debates, com resultados incertos, entre as normas e as tendências à renormalização resingularizadas pelos seres humanos (SCHWARTZ, 2005, p. 63-64).

Nas comunidades quilombolas, o trabalho também tem se transformado. Como se poderá perceber, as formas de trabalho dos sujeitos que pertencem à comunidade quilombola urbana pesquisada são variadas, combinando os trabalhos assalariado formal, informal, precário, doméstico e de cuidado, misturando, de forma complexa e dependente entre si, o trabalho que contribui para a reprodução ampliada do capital e o que contribui para a reprodução ampliada da vida.

### **2.6.1 Mulheres e trabalho**

Considerando que são mulheres negras as colaboradoras da pesquisa, é importante reconhecer o valor da mulher negra e pobre no Brasil, por sua resistência e sua luta cotidiana contra a invisibilidade a que estão submetidas. Importante lembrar que esta pesquisa busca evidenciar suas experiências e seus saberes no contexto da comunidade quilombola, em uma dura e desigual realidade brasileira que destina às mulheres negras a vivência de um tríplice processo de opressão/exploração: ser pobre, ser mulher e ser negra.

É importante destacar a representatividade da mulher negra na população do Rio Grande do Sul (RS), principalmente em contextos urbanos, comparativamente com a realidade brasileira. Na tabela 1, observa-se que, proporcionalmente, o número de mulheres autodeclaradas pardas e pretas equivale a, aproximadamente, metade do número total de

mulheres no Brasil. No RS, essa proporção é em torno de 1/6 do total de mulheres, estando a maioria delas localizadas em áreas urbanas.

Tabela 1 - A mulher e a mulher preta ou parda em relação à população do Brasil, do RS e do RS urbano

Área	Total (homens + mulheres)	Mulher	Mulher Preta ou parda
Brasil	190.755.799	97.348.809	48.582.931
RS	10.693.929	5.488.872	855.417
RS – urbano	9.100.841	1.521.118	761.802

Fonte: Estatísticas de Gênero - Censo demográfico, IBGE (2010).

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0>. Acesso em: 17 jul. 2020.

A dificuldade da sociedade em reconhecer o valor do trabalho da mulher aparece em outras assimetrias, como, por exemplo, quanto ao acesso ao trabalho formal e a salários entre homens e mulheres. Tanto os dados referentes à população economicamente ativa (PEA)<sup>7</sup>, quanto os dados sobre população ocupada (PO)<sup>8</sup>, como indica a tabela 2 a seguir, revelam um quadro desigual: os homens sempre prevalecem em relação às mulheres, mesmo as mulheres sendo em maior número.

A que se pode atribuir esse fenômeno? Seria por que as mulheres são subjugadas profissionalmente, ou/e estão alocadas em trabalhos informais, em atividades de cuidados com a família, a casa e a comunidade? Quando olhamos mais de perto a condição da mulher no país, especificamente das mulheres negras que são 50% do total de mulheres do Brasil, a desigualdade aumenta em relação à sua visibilidade no mundo do trabalho. Mesmo sendo metade das mulheres do país, as mulheres negras aparecem nas estatísticas de trabalho de forma menos expressiva, representadas por números sempre menores que os das mulheres brancas.

Tabela 2 - PEA e PO preta e parda – Brasil, RS e RS urbano

Área	P.E.A. Preta e parda	P.O. Preta e parda
------	-------------------------	-----------------------

<sup>7</sup> Segundo o IBGE, População Economicamente Ativa (PEA) diz respeito à soma da população ocupada e da desocupada com 16 anos ou mais de idade.

<sup>8</sup> Também segundo o IBGE, População Ocupada (PO) corresponde àquelas pessoas que, num determinado período de referência, estavam trabalhando ou tinham trabalho, mas não estavam em atividade (por exemplo, pessoas em férias).

	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
Brasil	44.934.425	26.096.047	18.838.378	40.954.440	24.416.818	16.537.622
RS	865.569	494.764	370.804	806.760	472.245	334.514
RS urbano	758.288	427.973	330.315	702.162	406.661	295.500

Fonte: Estatísticas de Gênero - Censo demográfico - IBGE (2010).

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0>. Acesso em: 15 jul. 2020.

No entanto, os dados estatísticos não dão conta de representar o real trabalho da mulher, menos ainda o trabalho da mulher negra, em suas diferentes facetas na busca da reprodução ampliada de vida, ou seja, no trabalho doméstico, no trabalho informal, no trabalho comunitário, etc. É com esse tipo de trabalho que esta pesquisa se envolve, a fim de entender o uso das ervas nas relações de trabalho de mulheres negras como forma de resistência e de manutenção da cultura e dos modos de vida do grupo na sua comunidade.

## **2.6.2 Mulheres nas comunidades quilombolas: alguns dados gerais e outros específicos da comunidade Areal da Baronesa**

Desde 1988, o Estado brasileiro já reconheceu mais de 3,2 mil comunidades como remanescente de quilombos, através da Certificação Quilombola, sendo a maior parte delas situada e vinculada ao meio rural e às suas formas de trabalho. A datar de 2003, a certificação das comunidades quilombolas é de responsabilidade da Fundação Cultural Palmares, que até fevereiro de 2020 já havia fornecido tal certificação a 2.776 comunidades, sendo 137 situadas no Rio Grande do Sul.

Em Porto Alegre, existem, atualmente, sete comunidades, todas vinculadas a atividades urbanas, a saber: Alpes, Areal da Baronesa, Família Fideliz, Família Flores, Família Lemos, Família Machado e Família Silva. A tabela 3 traz o quantitativo de famílias residentes nas quatro comunidades quilombolas certificados em Porto Alegre no ano de 2008.

Tabela 3 - Quantidade de famílias cadastradas por quilombo em Porto Alegre, em 2008

<b>Comunidade</b>	<b>Famílias</b>	
	<b>Valor Absoluto</b>	<b>%</b>
Alpes	56	32,6

Areal da Baronesa	71	41,3
Família Fidelix	30	17,4
Família Silva	15	8,7
<b>Total</b>	<b>172</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Gehlen e Ramos (2008)

Quanto ao sexo dos responsáveis por domicílio, conforme pode ser verificado na tabela 4, a predominância, nas quatro comunidades, é de mulheres chefiando as famílias, com percentuais sempre superiores à 50%. Portanto, os dados apontam para o papel de liderança das mulheres nas atividades de trabalho e de sustentação de suas famílias.

Tabela 4 - Sexo dos responsáveis por domicílio nos quilombos de Porto Alegre

<b>Comunidade</b>	<b>Sexo (%)</b>	
	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>
Alpes	30,4	69,6
Areal da Baronesa	33,8	66,2
Família Fidelix	50,0	50,0
Família Silva	33,3	66,7

Fonte: Gehlen e Ramos (2008)

Especialmente sobre a comunidade Areal da Baronesa, a partir do levantamento de campo para esta pesquisa e considerando outras pesquisas já realizadas na comunidade (FACCO, 2015, 2018), constatou-se que as mulheres são uma grande parte da população residente na área. E sobre essas mulheres, o levantamento realizado por Gehlen e por Ramos (2008) mostra um percentual considerável de atividades de trabalho vinculadas ao sexo feminino, que são exercidas pelas chefes da comunidade, como donas de casa (23,9%) e domésticas/faxineiras (2,4%). Esses dados podem ser verificados na tabela 5. São atividades que não exigem qualificação escolar e se realizam no âmbito de núcleos familiares, mas, sobretudo, de forma mais intensa no contexto da comunidade. Os homens, por sua vez, aparecem em menor número, ocupando-se de atividades de trabalho fora da comunidade e mais inseridos no mercado de trabalho formal em atividades que exigem pouca escolaridade, como *motoboy*, porteiro, pedreiro, segurança e, também, em outros trabalhos informais como prestadores de serviços, catadores de sucata e papeleiros.

Tabela 5 - Ocupação dos responsáveis por domicílio no quilombo Areal da Baronesa

Ocupação	Responsáveis	
	Valor Absoluto	%
Funcionário Público	6	8,5
Funcionário de Empresa Privada	8	11,3
Trabalhador Informal	5	7,0
Empregada Doméstica/Faxineira	2	2,8
Autônomo	7	9,9
Dona de Casa	17	23,9
Aposentado/Pensionista	12	16,9
Desempregado	8	11,3
Auxiliar de Serviços	2	2,8
Trabalho em Cooperativa	1	1,4
Esportista/Jogador	1	1,4
NR	2	2,8
Total	71	100,0

Fonte: Gehlen e Ramos (2008)

Em pesquisas anteriores com sujeitos do Quilombo Areal da Baronesa (FACCO, 2015, 2018), foi possível verificar que as mulheres que saem para trabalhar são as mais novas e, normalmente, assumem atividades de trabalho como auxiliares de enfermagem e telefonistas, ou domésticas em casa de família ou, ainda, como cuidadoras de idosos e idosas. As mulheres que não conseguem se inserir no mercado de trabalho formal acabam ficando com as mais idosas na comunidade e se ocupam dos afazeres domésticos (trabalho individual), de artesanatos (trabalho coletivo) e/ou de cuidar as crianças e os adolescentes.

Aa tabelas, de forma geral, apontam a complexidade das relações de trabalho nas quais as mulheres estão inseridas e mostram a falta de valorização justa do trabalho das mulheres. Essa pesquisa ficou atenta a essa problemática e procurou entender o trabalho realizado por esse grupo de mulheres da comunidade Areal da Baronesa. Além do trabalho no espaço doméstico junto às suas famílias, elas também atuam na associação quilombola. Esta configura-se como um lugar de encontro, de reuniões, de tomada de decisões da comunidade,

bem como o espaço no qual as mulheres desenvolvem trabalhos manuais e se reafirmam como protagonistas de sua cultura e da comunidade. Ali, na troca de experiências, elas conseguem transmitir valores e explorar seus conhecimentos, além de reafirmar e transformar os seus saberes, necessários para manter sua cultura.

A tabela 6 apresenta dados sobre o grau de instrução do responsável pela família, independentemente do gênero, no Quilombo Areal da Baronesa. Verifica-se que mais da metade dos membros da comunidade possuem baixa escolaridade, com ensino fundamental incompleto (46,5%) ou completo (15,5%).

Tabela 6 - Grau de instrução dos responsáveis por domicílio no quilombo Areal da Baronesa

Grau de Instrução	Responsáveis	
	Valor Absoluto	%
Analfabeto	2	2,8
Nunca frequentou, mas lê e escreve	3	4,2
Ensino Fundamental incompleto	33	46,5
Ensino Fundamental completo	11	15,5
Ensino Médio incompleto	4	5,6
Ensino Médio completo	12	16,9
EJA	1	1,4
Ensino Superior incompleto	3	4,2
Ensino Superior completo	1	1,4
NS/NR	1	1,4
<b>TOTAL</b>	<b>71</b>	<b>100</b>

Fonte: Gehlen e Ramos (2008)

Considerando os dados apresentados anteriormente, as mulheres que são sujeitos nesta dissertação possuem papel estratégico em sua comunidade, pois predominam como chefes de família e sua principal atividade de trabalho ocorre dentro do quilombo, como donas de casa, realizando um trabalho doméstico de resistência e de preservação das suas tradições, bem como no estabelecimento de uma certa predominância do feminino na comunidade, utilizando o trabalho cotidiano como lugar de produção de saberes locais.



### **3. CAMINHOS METODOLÓGICOS: CRIANDO ESPAÇOS DE DIÁLOGO**

Este capítulo se subdivide em três subcapítulos: o primeiro mostra as escolhas feitas e os caminhos metodológicos adotados: pesquisa qualitativa, etnográfica e participante; o segundo, aborda as oficinas de saberes como instrumento de pesquisa, mostrando que elas se constituíram em um lugar de fala das mulheres, permitindo às participantes expressarem seus conhecimentos; por fim, justifica-se a articulação entre as técnicas grupo focal (GF), rodas de conversas e oficinas utilizada.

### 3.1 CAMINHOS ADOTADOS: PESQUISA QUALITATIVA, ETNOGRÁFICA E PARTICIPANTE

A abordagem qualitativa valoriza as interpretações que os humanos fazem do que vivem e como vivem, de suas representações, suas crenças, suas percepções e suas opiniões, de como constroem seus artefatos e a si mesmos, do que sentem e pensam.

Nesta pesquisa qualitativa se enfrentou um duplo desafio: pesquisar e participar como parte de um mesmo processo. Assumiu-se, desde o início, que a pesquisa teria uma dimensão participante. Isso exigiu a construção de um relacionamento baseado no diálogo entre a pesquisadora e a comunidade, a começar pela superação do ainda existente estereótipo de uma pesquisadora formal e distante de um lado e, do outro, a comunidade como um objeto a ser escrutinado. Foi preciso empregar atenção vigilante, assumindo o pressuposto de que as diferenças existentes entre pesquisadora e pesquisadas se complementariam e se problematizariam mutuamente. Cada sujeito dessa relação possui singular densidade no lugar que ocupa na produção de conhecimento e, por isso mesmo, todos se complementam e também se problematizam.

É, então, uma pesquisa de enfoque qualitativo, tratada numa perspectiva de delicadeza e sensibilidade, na qual se procurou criar um espaço de diálogo que permitisse às participantes expressarem seus conhecimentos, estimulando, ao mesmo tempo, a autovalorização de seus saberes e de práticas econômico-culturais que permeiam a vida social da comunidade da qual elas fazem parte.

Foi necessária uma postura ética, de empatia e de solidariedade na relação com as mulheres sujeitos da pesquisa na construção, na elaboração e na realização dos caminhos metodológicos adotados. Foi fundamental a pesquisadora construir intimidade com as mulheres nas suas vidas cotidianas, possibilitando alcançar suas mais profundas

sensibilidades, permitindo assim a expressão de “depoimentos tão espontâneos que a diferença entre teoria e prática se reduziu ao mínimo possível, de tal sorte que aquilo que se disse e aquilo que se fez é condição para o diálogo entre saberes” (DEMO, 1995, p. 246). Nesse sentido, foram exploradas formas de comunicação para além da linguagem verbal, produzindo um diálogo capaz de resultar em conteúdo para análise, de modo hermenêutico, saboreando as entrelinhas, porque muitas vezes é ali que se entende o que o outro quer dizer.

Pode-se dizer também que a pesquisa se apoiou em uma abordagem etnográfica, pois buscou tratar da “descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados” (LUDKE; ANDRÉ, 2017, p. 17). A abordagem etnográfica da pesquisa implicou no uso de várias técnicas de coleta de dados e de observações, tais como: registros fotográficos do local e de atividades, registro no diário de campo, conversas abertas e diálogos dirigidos sobre determinado tema, entre outros, fornecendo um quadro mais vivo e completo da situação estudada.

O material advindo daí compôs o *corpus* desta pesquisa. Para enfatizar a característica etnográfica da investigação, é preciso mencionar que todo o trabalho de campo foi realizado presencialmente e, a partir dele, foram escritos os relatórios das experiências diretas com a situação em estudo. Foram vivenciadas experiências singulares que ampliaram a riqueza íntima e pessoal da pesquisadora com a realidade estudada.

### 3.2. PROCEDIMENTOS: OFICINAS COMO MULTIMÉTODO, GRUPO FOCAL E RODAS DE CONVERSA

Na formação do grupo de mulheres, a pesquisadora atuou como mediadora e participante, procurando criar, através das oficinas de saberes, um lugar de fala das mulheres, o que permitiu às participantes expressarem seus conhecimentos. Ao mesmo tempo, as oficinas estimularam o reconhecimento de seus saberes, buscando informações mais abrangentes sobre suas memórias, individuais e coletivas, constituídas através de suas relações de trabalho cotidianas.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa se constituíram num grande desafio metodológico. As oficinas atuaram como uma estratégia multimétodo (GONDIM, 2003), integrando as abordagens das rodas de conversa e do grupo focal (GF). A pesquisadora se

posicionou numa ação participante para criar espaços de diálogo o mais aberto e acessível possível.

Segundo Vieira e Volquind (2002, p. 11), trabalhar nas pesquisas com oficinas é “uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente”. Uma oficina articula a teoria com a prática, ou seja, une o conhecimento científico com o conhecimento empírico, além de proporcionar o trabalho em equipe entre pesquisadora e grupo.

As rodas de conversa foram consideradas também um forte aliado para esta pesquisa, sendo definidas por Pinheiro (2019) como a composição de círculos para conversação mediante provocação temática. A conversação ocorre de forma mais espontânea, havendo ênfase na participação ou no protagonismo dos integrantes das rodas.

O emprego dessa metodologia participativa, segundo os autores Moura (2014) e Sampaio (2014), favorece a construção de uma prática dialógica que possibilita o exercício de pensar compartilhado entre a pesquisadora e as mulheres do grupo. Na mesma linha de argumentação, Pinheiro (2019, p. 03) relata que “as rodas de conversas têm sido um modo de substanciar dialogicamente intentos educativos e sistematização de informações, desde uma dinâmica que, potencialmente, estabelece condições para produção de saberes e reflexividades em partilha”.

Já a metodologia de pesquisa apoiada na técnica de grupos focais, conforme Gondim (2003 p. 151), “considera os produtos gerados pelas discussões/conversas como dados capazes de formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um tema específico, a partir das análises baseadas em transcrições de gravações em vídeo e notas de campo”. Os grupos focais trazem à tona aspectos que não estariam acessíveis sem a interação dos sujeitos, oferecendo a oportunidade de “compreender como os participantes entendem as suas similaridades e diferenças”.

Portanto, as oficinas de saberes se desenvolveram sob a disposição dessas duas técnicas: o GF e as rodas de conversa. Cada oficina objetivou romper os limites entre a pesquisadora e os sujeitos, além de proporcionar um compartilhamento de saberes que permitisse reunir informações das mulheres sobre o uso de ervas medicinais nas suas relações de trabalho, e que proporcionasse a compreensão de percepções de suas crenças e seus modos de vida. Como forma de facilitar a realização desse objetivo, foram feitas conversas relacionadas ao tema (Grupo Focal) pesquisado, realizadas durante as rodas de conversa, as oficinas e também durante os lanches coletivos que aconteceram nos intervalos dos encontros.

Foram realizadas três tipos de oficinas: a) a de produção de sabonetes artesanais, com duração ao longo de todo trabalho de campo devido aos procedimentos e às etapas mais

extensas, sendo uma solicitação das próprias mulheres que já haviam experimentado esse tipo de trabalho em momentos anteriores com a pesquisadora; b) a oficina de uso de ervas, que ocorreu em uma tarde e que permitiu a discussão do uso fitoterápico das ervas, além de sua utilização em alimentos, nas suas expressões místicas e na saúde espiritual, sendo complementada pela atividade “Relógio do Corpo Humano”; c) oficina de produção de incensos, que também durou uma tarde e que objetivou apresentar outra forma de uso das ervas, para fins aromáticos.

Do conjunto das oficinas resultou o início da produção de uma cartilha de saberes sobre ervas, sobre a história das ervas vista pelas mulheres e sobre seus usos. O material foi construído juntamente com os sujeitos envolvidos, como forma de registro de seus saberes e também como forma de retorno às mulheres, do conhecimento produzido a partir do convívio com elas.

Durante as oficinas de saberes, sempre foi mantido um diálogo livre e, ao mesmo tempo, administrado pela pesquisadora, que, por vezes, direcionou o assunto das conversas, conforme o método GF, a fim de responder perguntas que essa pesquisa se faz: Qual o entendimento dessas mulheres sobre o uso das ervas? Se, e como elas fazem uso das ervas no seu cotidiano? Como esse conhecimento foi passado a elas? Como fazem a escolha do que passar para as novas gerações (memórias seletivas)? Qual a importância desse conhecimento e como ele se produz, se reproduz e se transforma nas suas relações de trabalho? Qual a percepção das mulheres sobre como esse saber pode contribuir ou tem contribuído na/para organização social da comunidade? Essas questões nortearam o diálogo travado entre as participantes e ocorreram durante as atividades propostas, com mais ou menos intensidade conforme a predisposição das mulheres.

Estabeleceu-se uma rotina de encontros, que ocorreram todas as tardes de segundas-feiras, das 14h às 18h, durante os meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2019. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres quilombolas de 18 a 80 anos. O convite foi dirigido a todas as mulheres da comunidade, porém o grupo se constituiu com seis mulheres colaboradoras da pesquisa.

Durante os encontros, a pesquisadora estimulou a memória das colaboradoras, acerca dos conhecimentos populares sobre ervas medicinais e sobre o seu papel na manutenção da cultura da comunidade. Ao mesmo tempo, foi efetivada a mediação da pesquisadora e a participação das colaboradoras envolvidas, bem como a reflexão sobre o contexto social da comunidade. Informa-se, por fim, que os procedimentos éticos de realização da pesquisa foram seguidos pela pesquisadora, conforme já referido anteriormente e, também,

formalmente, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos sujeitos envolvidos.

### **3.2.1 A junção de técnicas como método para compartilhar conhecimento: GF, roda de conversa e oficinas**

Com o uso da junção de técnicas nas oficinas de manualidades, ou seja, atividades realizadas de forma artesanal e com as próprias mãos, buscou-se valorizar o conhecimento das mulheres sobre as ervas medicinais através das oficinas de produção de sabonetes artesanais e de incensos de ervas aromáticas. Nesse processo de aprendizagem e compartilhamento de saberes, as mulheres estiveram articuladas entre si, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos produzidos pelo ato de criar (OSTROWER, 2001), a partir de conhecimentos pré-existentes.

Esse espaço de criação aponta para um "poder fazer" traduzido na ideia de empoderamento<sup>9</sup>. A participação de todos envolvidos nesse processo se caracteriza como emancipatória, “pois promove a autonomia do grupo e pode ser entendida como fazer parte do processo, empoderar-se” (TASSARA; TASSARA; ARDANS, 2014, p. 158).

Já nas oficinas de saberes sobre ervas, na dinâmica "Relógio do corpo humano", foi possível reunir saberes científicos trazidos pela pesquisadora e saberes populares oferecidos, no diálogo, pelas mulheres. Essa experiência nos remete a Freire (1998, p. 24-25), na medida em que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Contudo, todas as oficinas foram sempre mediadas por rodas de conversa e não por entrevistas, pois se entende que: a) realizar entrevista estruturada ou semiestruturada se torna muito complexo e, por vezes, pode causar constrangimento e descrédito e, considerando que o grupo quilombola é composto por mulheres de baixa renda e com pouca instrução formal, sendo algumas analfabetas funcionais, a aplicação de um questionário escrito seria inviável;

---

<sup>9</sup> Segundo Rute Baquero (2012, p. 174), empoderamento significa obtenção e alargamento ou reforço de poder, sendo utilizado em diferentes áreas de conhecimento, além de constituir-se em ferramenta de governos, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento para a promoção de agendas políticas voltadas a aspectos como: melhoria da qualidade de vida e da dignidade humana de setores pobres, boa governança, maior efetividade na prestação de serviços e responsabilização social. Baquero ainda lembra que, apesar do uso indiscriminado do termo, os debates sobre empoderamento apontam para duas dimensões essenciais: a educativa e a política.

b) a pesquisa que utiliza a entrevista para produção de dados, de forma geral, pode estabelecer uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, apesar de, muitas vezes, ser utilizado um vocabulário adequado ao nível de instrução dos participantes na elaboração das questões da entrevista semiestruturada, pode acontecer que o questionário nada tenha a ver com o universo de valores e com as preocupações do entrevistado. Nessas ocasiões, sua tendência é apresentar respostas que confirmem as expectativas do pesquisador, resolvendo assim de uma maneira mais fácil uma problemática que não é dele e sim do entrevistador. Contudo, as rodas de conversa deixaram tudo o que foi dito e perguntado mais claro, acessível e verdadeiro.

### 3.3 JOGO DE CINTURA: PROCEDIMENTOS DE REGISTRO E DE ANÁLISE DOS DADOS

A complexidade do campo e da realização de registros das atividades desenvolvidas nas oficinas consistia, entre outros aspectos, na intenção de maior aproximação possível da pesquisadora dos sujeitos de pesquisa sem ser invasiva e de maneira que se obtivesse informações e falas realmente significativas das mulheres. Nesse sentido, foi importante fazer a captura do que era chave para a pesquisa num processo que demandou muita flexibilidade, ou seja, “jogo de cintura”, pois era preciso conduzir as oficinas e, ao mesmo tempo, registrar o ocorrido nas atividades por meio de anotações, fotografias e algumas gravações de áudio das oficinas, quando se julgou necessário. As anotações foram breves, escritas no próprio local, em meio às atividades tão dinâmicas e corridas, tendo sido refeitas, posteriormente, de forma mais cuidadosa.

Todos os registros (fotos, áudios, diário de campo e anotações das falas), processados durante cinco meses, compuseram o *corpus* desta pesquisa. Eles foram organizados metodicamente: em primeiro lugar, houve uma organização de registros das diferentes oficinas e foram produzidos relatórios descritivos de cada uma delas. No total, foram produzidos dez relatórios das atividades de campo. Em segundo lugar, em razão da grande quantidade de informações, foi necessária uma reorganização temporal desses dez relatórios, considerando os meses de desenvolvimento da pesquisa de campo (de agosto a dezembro de 2019). A segunda organização permitiu verificar e selecionar, as ocorrências mais significativas das manifestações das mulheres em nossos encontros, o que resultou, por fim,

em outros cinco relatórios – um para cada mês da pesquisa de campo. O quadro da organização desse material está em anexo (Apêndice F).

A partir desse procedimento, foi iniciada a análise de informações obtidas no campo empírico buscando articulá-las, permanentemente, com o referencial teórico adotado. Importante dizer que a teoria esteve presente em todos os momentos da pesquisa, desde a construção do projeto de pesquisa.

Utilizou-se, como parte do processo de análise e interpretação dos dados, a Análise de Conteúdo que, segundo Bardin (2011), consiste em um conjunto de técnicas de análise qualitativa das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise de conteúdo dos relatórios de campo se apoiou na busca de respostas (direta ou indiretamente apresentadas) presentes nas falas das mulheres quilombola às questões norteadoras, apresentadas na introdução desta dissertação e aqui retomadas:

**a) as mulheres colaboradoras da pesquisa pertencentes à comunidade quilombola em foco têm o entendimento de que os saberes produzidos em suas relações de trabalho são uma forma de resistência e de preservação de seus modos de vida e de sua cultura?** Aqui se buscou revelar, tanto no perfil das mulheres que participaram da pesquisa, quanto nas suas narrativas as percepções do trabalho e sentidos e significados a ele atribuídos (considerando as suas diversas formas de realização);

**b) como o grupo de mulheres quilombolas sujeitos da pesquisa seleciona e conserva memórias sociais e coletivas para a transmissão de experiências válidas para manter sua cultura quilombola através de gerações?** Nessa questão, foram extraídas, dos diálogos, asserções explicitadas que pudessem ser interpretadas como indícios do que se entende por conceitos de experiência compartilhada, de memórias geracionais e de transformações de saberes entre gerações;

**c) como ocorrem as aprendizagens dos saberes das mulheres sujeitos da pesquisa, que são históricos e que passam de geração em geração e que também são/podem ser modificados pelas gerações atuais?** Tratou-se de identificar, nas falas das mulheres, indicadores de formas de transmissão de saberes considerados importantes para as mulheres, para a manutenção da cultura da comunidade. Nesse sentido, destaca-se que houve a necessidade de identificar as relações hierárquicas estabelecidas entre as mulheres e as que expressavam o poder de fala da liderança;

**d) como as mulheres sujeitos da pesquisa reafirmam/modificam seu saber nas relações de trabalho cotidianas?** Essa questão se vincula às anteriores. Neste item, tratou-se de buscar indícios/indicadores de reconhecimento dos saberes tradicionais relevantes para a comunidade e que preservam a cultura local e seus modos de vida através da transformação e da adaptação de antigas práticas pelas novas gerações.

No capítulo a seguir, apresentam-se os resultados dessas análises.

A photograph showing several hands holding sticks decorated with white string and green leaves. The sticks are arranged in a circle on a yellow tarp. The background is a yellow tarp with some green leaves and twigs scattered on it. The text is overlaid in the center of the image.

**4. EM BUSCA DA INFERÊNCIA:  
DESVELANDO RELAÇÕES QUE SE  
EXPRESSAM NAS FALAS**

Neste capítulo, apresentamos<sup>10</sup> os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo dos relatórios das atividades desenvolvidas no trabalho de campo, que tiveram origem nas oficinas sobre os saberes das mulheres quilombolas e o uso de ervas na sua relação de trabalho cotidiano. Segundo Bardin (2007), a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde buscamos descrever o conteúdo produzido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas, de textos ou de outras formas. Tendo isso em conta, a técnica é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não), permitindo a realização de inferência de conhecimentos, a partir de premissas. A análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem desvelar relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas.

Este capítulo se subdivide em cinco subcapítulos, tomando como base as atividades desenvolvidas ao longo dos cinco meses de realização do trabalho de campo. Iniciamos, no primeiro subcapítulo, com a apresentação do perfil das mulheres que integraram a pesquisa. Em seguida, o segundo subcapítulo trata das aproximações com o grupo de mulheres e da realização das oficinas. Ele se desenvolve em cinco itens: diálogos introdutórios e apresentação dos materiais de trabalho; o desafio de evidenciar os saberes através dos diálogos e da produção de sabonetes; produção de sabonetes para uso pessoal das mulheres; manualidades e transmissão de saberes entre gerações; resistência à mercantilização de seus saberes. No terceiro subcapítulo, ressaltamos as memórias, os saberes e as histórias de vida das mulheres, capturados em seus relatos sobre o uso de ervas medicinais. O quarto subcapítulo trata dos significados das ervas para as participantes da pesquisa, capturados através de diálogos sobre suas experiências nas relações de trabalho, com destaque para os três itens: conversas durante as oficinas de ervas; o relógio do corpo humano; a produção de incenso com ervas aromáticas. O quinto subcapítulo apresenta reflexões sobre a transmissão de saberes entre gerações, através dos itens: o relato da nossa experiência com o banho de descarrego, ressaltando a sua relevância enquanto trabalho vinculado aos saberes tradicionais; os saberes revelados através da oficina de ervas.

---

<sup>10</sup> O relato da apresentação do trabalho de campo, realizado neste capítulo, será feito em primeira pessoa por se tratar de um momento de maior imersão e aproximação com os sujeitos da pesquisa.

#### 4.1. QUEM SÃO AS MULHERES COLABORADORAS DESSA PESQUISA? “A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO”<sup>11</sup>

Antes de iniciar as discussões sobre os resultados, apresentaremos um breve perfil das mulheres que participaram desta pesquisa. As informações foram anotadas em diários de campo ou transcritas de gravações realizadas durante as oficinas ao longo dos cinco meses. O convite para participar das oficinas foi dirigido a todas as mulheres da comunidade, porém o grupo se constituiu com cinco mulheres da comunidade mais a pesquisadora. Ao todo foram sete mulheres participantes da pesquisa, com idades que variam entre 35 e 74 anos. Como se trata de uma pesquisa qualitativa e participante, com inspirações etnográficas, também nos incluímos como participante, pesquisando e participando. Portanto, este é um espaço para mostrar todas as mulheres desta pesquisa e também um pouco do vínculo que estabeleci com as mulheres da comunidade.



SAL FACCO – “*espaços de diálogos*”

Pesquisadora, 49 anos. Esta pesquisa partiu do entendimento de que há uma fragilidade em reconhecer e valorizar os saberes locais sobre ervas das mulheres quilombolas pesquisadas, como um bem social e historicamente vinculado à sua cultura e que é passado de geração em geração, na comunidade. Nesta dissertação, houve o aprofundamento de reflexões que foram iniciadas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), (FACCO, 2015) e na pós-graduação *lato sensu* em Educação Ambiental (FACCO, 2018).

Na graduação, a intenção foi trabalhar temas relacionados à educação popular. Aceitei o convite da profa. Aline Lemos Cunha Della Libera (UFRGS), para fazer parte do grupo de pesquisa e extensão, como bolsista extensionista, no projeto “Justiça com as próprias mãos”. A intervenção ocorreu com um grupo de mulheres na comunidade do Areal da Baronesa e enfocou a troca de saberes, no entendimento de como se dava a elaboração de conhecimentos

---

<sup>11</sup> O livro “Costumes em comum”, de Edward Palmer Thompson, evidencia as contribuições do autor para o debate da “história vista de baixo”. Por meio de um movimento crítico, com vistas a entender como as camadas populares se movimentam e fazem história, o autor dá visibilidade e protagonismo às pessoas que, por longo tempo, tiveram suas vivências excluídas e marginalizadas pela historiografia “oficial”. O primeiro capítulo, com o título “Introdução: costume e cultura”, traz uma breve discussão sobre esses dois termos e relata que as camadas populares resistiam, teimosamente, diante das pressões sociais para reformar sua cultura segundo normas vindas de cima (THOMPSON, 1998, p. 13).

populares/científicos em espaços não escolares. Minha ação, na extensão universitária, teve como objetivo perceber os processos educativos que circulavam por esse grupo de mulheres, observando como se dava a construção do conhecimento popular. Estimulei as participantes a manifestar seus conhecimentos sobre as ervas e a legitimar e a valorizar seus saberes. Desse projeto de extensão resultou o desenvolvimento do meu TCC com o título: “Educação Ambiental em Espaços não Escolares: um olhar sensível e o diálogo de saberes populares em uma comunidade quilombola”. No TCC, meu objetivo foi entender como se dava a promoção de conhecimento e a troca entre saberes populares e científicos e, também, entender como ocorriam os processos de ensinar e de aprender no grupo quilombola. Nesse ano, o grupo de colaboradoras deu início aos escritos para uma futura cartilha com saberes sobre ervas e histórias e narrativas.

Meu interesse pela comunidade continuou e com ele também o projeto da cartilha, que segue em andamento. Em 2016, iniciei o curso de Educação Ambiental, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que me levou de volta à comunidade. Nesse momento, a pesquisa-ação teve enfoque na questão ambiental e o objetivo foi usar a educação ambiental para instrumentalizar o diálogo com as mulheres quilombolas, na construção e na ressignificação dos seus saberes sobre ervas medicinais. Esse projeto foi concluído, no primeiro semestre de 2018, com a escrita do artigo intitulado “Educação Ambiental: diálogo de saberes populares sobre ervas medicinais numa comunidade quilombola (Porto Alegre)”, publicado na revista *Percurso*s, em 2018.



**MARTA** – “*Esse território é tudo que sei de mim*”

Possui 64 anos, casada, nasceu em Rosário do Sul. Marta conta que, aos 17 anos, foi para Porto Alegre para trabalhar de empregada doméstica na casa de uma mulher que foi buscá-la na casa de sua mãe, no “povoado de pretos”, como ela diz, ficando na casa dela por muito tempo e trabalhando sem direitos trabalhistas. Quando adulta, aos 23 anos, casou-se e foi, com o marido, morar no quilombo, “lugar onde pretos-pobres vinham morar, porque era baratinho o aluguel”. Depois de casada foi trabalhar “fora”, na Federação de Atletismo do Estado do Rio Grande do Sul (FAERGS), no 16ª andar, no setor de serviços gerais.

Quando seu filho nasceu, prematuro, ela teve que largar o emprego para cuidar do pequeno. Afirmou durante nossas conversas que o trabalho feito em casa era mais difícil que o de “fora”: “*trabalho em casa bem mais que fora. Em casa, a gente se levanta e já tem que*

*começar a trabalhar e não pára mais e ninguém nota o que foi feito*<sup>12</sup>”. Em um momento seguinte perguntei o que era para ela o espaço quilombola onde ela mora, onde criou seus filhos e onde, atualmente, ajuda na criação dos netos, ao que ela responde: *“Esse território é tudo que sei de mim. Foram anos muito difíceis. Eu aprendi a fazer bastante coisa que não sabia. Aqui, aprendi a viver dividindo o espaço e as doações que vêm do projeto”*. Essas doações são promovidas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), através do projeto Territórios Negros<sup>13</sup>. *“Aqui, cuidamos um do outro, reparamos as crianças. Hoje nós temos tudo aqui pros filhos e netos!”*.

Marta atuou no processo de pesquisa como articuladora das mulheres, mobilizando-as para os encontros e fazendo minha mediação com o grupo.



**LAURA** – *“Quero morar em convívio com minha gente!”*

Possui 70 anos, é viúva e, embora sempre tenha morado em Porto Alegre, reside há pouco tempo no quilombo. Após a morte de seu marido, sentiu a necessidade de um lugar mais barato para morar e de convívio com “sua gente”. Dona Laura assinala que sempre se sentiu acolhida no quilombo, sobretudo pelas amizades de outras mulheres moradoras e destaca a de Marta (Martinha ou Coió). Trabalhou como empregada doméstica por muito tempo, além de cozinheira no Colégio Marista, mas atualmente está aposentada. Dona Laura relatou que quando trabalhava como empregada doméstica não conseguia viver as coisas boas que aconteciam no quilombo: *“No tempo de praia eu tinha que ir junto com a patroa pra cozinhar pra família deles, nem via o mar e perdia todas as festas aqui do quilombo”*.

---

<sup>12</sup> Essa e as outras falas das mulheres fazem parte do arquivo da pesquisa. Todas elas foram registradas em diário de campo, ou a partir de gravações de áudio feitas durante as oficinas. Todas aconteceram entre os meses de agosto e dezembro de 2019, período de realização do trabalho de campo desta pesquisa. Como forma de identificá-las no texto, as citações diretas das falas das mulheres serão apresentadas entre aspas e em itálico.

<sup>13</sup> O projeto Territórios Negros é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a Companhia Carris, a Secretaria Adjunta do Povo Negro e a Empresa de Processamento de Dados de Porto Alegre (PROCEMPA). Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/gpn/default.php?p\\_secao=18](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/gpn/default.php?p_secao=18). Acesso em: 25 abr. 2020.



**IOLANDA** – *“Moro aqui no quilombo, aqui é perto de tudo”*

Possui 65 anos, viúva. Iolanda veio do interior de Passo Fundo para Porto Alegre; conta que veio para o quilombo aos 22 anos de idade. Anteriormente morava com a tia e, posteriormente, casou e passou a morar com o marido e a cunhada numa pecinha de aluguel. Quando pergunto onde mora hoje, ela responde: *“Aqui, moro logo ali embaixo, mas eu acho bom, aqui é perto de tudo!”* Iolanda trabalhou durante 35 anos como diarista em Porto Alegre. Hoje é aposentada e mora sozinha.



**DONA SÔNIA** – *“Fico tranquila agora. Ninguém aqui vai ficar sem chão!”*

Tinha 73 anos no momento da pesquisa; nasceu onde hoje é o Quilombo Areal da Baronesa. Contava que sua avó se refugiou no local, vinda de Encruzilhada do Sul e que passou a trabalhar para a baronesa na casa de praia, onde hoje é a comunidade. Cresceu vendo a mãe e as irmãs lavando roupa no Guaíba. Antes do aterro<sup>14</sup>, a margem do rio ficava bem perto de onde moravam. Sua família era de lavadeiras e passadeiras. Contou-me que era com o ferro em brasa que sua mãe e suas irmãs passavam e engomavam camisas para os clientes. Melancolicamente falava que ali era outro cenário. Quando o leito do rio subia, chegava bem perto das casas e, por vezes, alagava tudo, deixando uma camada de areia depositada no local. É daí que se origina o nome da comunidade: Areal da Baronesa. Em meio a tantas mudanças, histórias e resistências, Dona Sônia relatava: *“Tudo aqui mudou muito, nem temos tantas árvores como antes e o rio está bem longe, que nem vejo mais!”*.

Dona Sônia era considerada uma das mulheres mais importantes da comunidade e também foi importante para esta pesquisa. Por ser neta de escravizados que trabalhavam para a baronesa e também por atuar como liderança e guardiã dos saberes importantes para a manutenção da cultura dessa comunidade. Durante nossas conversas, ela me contou que trabalhou formalmente, com carteira de trabalho assinada, durante um ano, mas logo ficou doente, diagnosticada com anemia falciforme, sendo aposentada precocemente. A partir daí,

---

<sup>14</sup> A Lei Municipal número 2.002, de 07 de dezembro de 1959, define que a área oficial da Cidade Baixa está circunscrita pelas perimetrais Aureliano de Figueredo Pinto, Praia de Belas, Loureiro da Silva, Venâncio Aires e João Pessoa. A abertura dessas perimetrais, juntamente com alguns aterros que foram efetuados no Guaíba e no Arroio Dilúvio, fazem parte de algumas modificações implementadas pelo poder público no transcorrer do tempo e que contribuíram para modificar, consideravelmente, a fisionomia anterior do bairro.

dedicou-se inteiramente à comunidade quilombola Areal da Baronesa. Participou ativamente de todas as resistências e lutas travadas naquele espaço. Foi presidente da associação e, recentemente, passou esse cargo para seu genro, Alexandre e para sua filha, Fabiane, que é a atual secretária. Mas a chave da associação, até recentemente, seguia aos seus cuidados. Foi ela que as mulheres se direcionaram para pegar a chave e abrir a sede da associação para as oficinas realizadas na pesquisa. Contava orgulhosa que já fez muita coisa pela comunidade, desde cuidar de uma gripe com xaropes feitos com infusões de ervas, até brigas com “políticos grandes”. Mencionou que, de todas as lutas, uma lhe deixou mais feliz que as outras. Depois de muitos anos de reuniões, discussões e manifestações, em 2015, o então prefeito de Porto Alegre, José Fortunati, passou a posse das terras onde se encontra a comunidade à Associação Comunitária Areal da Baronesa. Terras que sempre foram cobiçadas pela especulação imobiliária. Dizia Dona Sônia: *“Fico tranquila agora. Ninguém aqui vai ficar sem chão!”*. Com a saúde frágil, sofrendo de muitas complicações decorrentes da anemia falciforme, no final de dezembro de 2019, ela faleceu em sua residência. Não é possível expressar em palavras meu sentimento. Só dor e tristeza pela perda incomensurável. Dona Sônia era uma liderança na comunidade, mãe e avó, cuidadora e amiga de todos. Todos nós sentimos muito sua partida, lembramos e agradecemos seus afetos e seu legado de saberes.



**FABIANE – “Meu trabalho é invisível!”**

É filha de Dona Sônia. É a atual secretária da associação. Trabalha como telefonista e estuda Serviço Social na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Mora numa parte da casa que pertencia à Baronesa do Gravataí, que doou a área para seus escravizados. Sua família reside no local há seis gerações. Fabiane assume a cultura do quilombo, também é mãe de santo e foi com ela que nos dispusemos a fazer todos os procedimentos no preparo do banho de descarrego com ervas, para entender qual o papel das ervas nas relações de trabalho existentes nessa comunidade.



**DONA NICE** – “*só saio daqui depois de morta*”

Possui 74 anos e foi para o quilombo ainda com 9 ou 10 anos de idade, sendo acolhida por Dona Sônia e por outra moradora, chamada Marlene. Fez o supletivo, um curso técnico e um concurso na PMPA, onde trabalhou no Conselho Tutelar. Contou que sempre chegava atrasada no trabalho, porque “*tinha que arrumar as coisas antes em casa*”. Atualmente é aposentada e mora em uma casa no quilombo. Ela informou que só sairá do quilombo “depois de morta”. “*Meu filho fala que vai ganhar no ‘loto’ e me tirar daqui, respondo que não saio, só se for pra uma casa de repouso, me deixa lá*”. Dona Nice também destacou que participa da Associação Areal da Baronesa, sendo convidada, inicialmente, por Dona Sônia.

Feita a apresentação do grupo de mulheres participantes desta pesquisa, na seção a seguir expomos como foram as aproximações, o acolhimento, o preparo para o desenvolvimento das oficinas, juntamente, com as rodas de conversa e o grupo focal. Buscamos através da análise das manifestações ocorridas durante os encontros, responder às questões norteadoras, procurando entender como se davam as relações de trabalho dessas mulheres. Constatamos que são os saberes do trabalho cotidiano dessas mulheres, juntamente com suas experiências compartilhadas, que produzem e reproduzem os saberes locais, importantes para a manutenção do modo de vida da comunidade.

#### 4.2. APROXIMAÇÕES COM O GRUPO DE MULHERES E A REALIZAÇÃO DAS OFICINAS DE SABONETES

Este item contém os principais registros (fotográficos, relatos das mulheres e nossos apontamentos) acerca do início do contato proporcionado pelo trabalho de campo e da realização das oficinas de sabonetes de ervas, cuja realização decorreu durante todos os cinco meses da atividade de campo. Como referido anteriormente, essa atividade foi utilizada como meio de criação de um espaço de diálogo, tendo por objetivo analisar as práticas das mulheres quilombolas na (re)produção ampliada da vida de sua comunidade. Essa experiência permitiu a troca de saberes baseados nas experiências das participantes, (re)vividos nas práxis das oficinas. Procuramos, particularmente, focar nos modos dessas mulheres acessarem e

estabelecerem relações entre suas experiências atuais e as memórias sobre ervas medicinais nas suas relações de trabalho e compreender o lugar que esses saberes ocupam na comunidade.

Passamos a apresentar os seguintes itens: Diálogos introdutórios e apresentação dos materiais de trabalho e O desafio de evidenciar os saberes através dos diálogos e da produção dos sabonetes.

#### **4.2.1. Diálogos introdutórios e apresentação dos materiais de trabalho**

Agosto foi o primeiro mês de pesquisa de campo e foi dedicado a estabelecer e a formar o grupo. Primeiro fiz o contato com Fabiane Xavier, secretária da associação e, como dito, filha de Dona Sônia, para pedir permissão para a realização da pesquisa usando o espaço da sede. Conversei diretamente com a Fabiane em sua casa, que fica no quilombo. Ela foi muito solícita, relatando que as mulheres da comunidade gostam de participar de projetos como o sugerido, ajudando no fortalecimento de laços de amizade entre elas. Fabiane comprometeu-se a fazer uma chamada das mulheres interessadas durante uma das reuniões da associação e ficou combinado que eu voltaria na semana seguinte, para já conversar com as mulheres interessadas, na sede da associação.

Na semana seguinte, ao chegar à sede, encontrei duas mulheres, Dona Sônia e Dona Marta, já conhecidas de outros projetos que fiz junto à comunidade. Perguntei se só elas tiveram interesse em fazer a atividade, então elas responderam que a Fabiane fez a chamada a todas, mas achavam que, das interessadas, poucas poderiam vir por trabalharem no mesmo horário em outros lugares. Então, ouvi de Dona Marta: *“Só um pouquinho professora, vou chamar!”* Ela saiu da sala em que estávamos e foi até o meio da ruela (Luiz Guaranha), única e estreita, do quilombo e gritou: *“A professora chegou!”*. O chamado oral é uma prática comum entre os moradores, já que é um espaço relativamente pequeno. Esperamos um pouco e foram chegando mais mulheres: Dona Iolanda, Dona Laura, Dona Nice.

Conversamos sobre os projetos anteriores com minha participação, que haviam permitido me aproximar das mulheres do quilombo, como mencionado anteriormente. Em seguida, expliquei o projeto vinculado ao desenvolvimento da dissertação, que possuía novidades em relação aos outros e novas proposições. Elas me contaram que algumas mulheres que faziam parte do grupo nos outros dois projetos foram embora da comunidade, como a Dona Ana e a Dona Cleusa: *“Mudaram de vida!”*, menciona uma das mulheres.

Outras, que ainda moravam no quilombo, ficaram interessadas, mas não podiam participar dos encontros no horário proposto. Teriam disponibilidade somente no turno da noite, porque estariam “*trabalhando fora*”, como elas afirmaram. Também me notificaram que a mais velha delas, Dona Geneci (Dona Duda) faleceu. Era a mais velha das mulheres da comunidade, uma liderança, sempre morou ali e sua morte foi uma grande perda para todos. Conversamos por algum tempo e combinamos que, no próximo encontro, já iríamos começar os preparativos para as oficinas. Para isso, todas deveriam levar o Registro de Identidade (RG), bem como assinar um termo de consentimento livre e esclarecido para a realização da pesquisa. A seguir fizemos uma pausa para um lanche, parte das técnicas usadas nas rodas de conversa, pois é nesse momento de descontração que muitas conversas significativas acontecem.

Na última semana de agosto, começamos um pouco mais tarde do horário (14h) combinado, porque Dona Nice havia ido ao médico e nos pediu que esperássemos seu retorno.

Quando Dona Nice chegou, retomamos ao que combinamos na reunião anterior. Eu expliquei o termo de consentimento e todas assinaram, fizemos um lanche e conversamos um pouco mais. Os encontros ficaram marcados para ocorrer todas as segundas-feiras, das 14h às 17h30min, com um intervalo para o lanche coletivo, sendo esse momento parte importante da metodologia de pesquisa, pois era quando ocorriam as conversas “soltas”, aleatórias e desprentensiosas e que podiam ser significativas para a pesquisa.

Em setembro houve, de fato, a primeira aproximação com o grupo de mulheres. Foi explicitado para elas como seriam realizadas as oficinas. Apresentei os materiais que seriam utilizados na produção dos sabonetes e, nesse momento, demos uma atenção especial a duas integrantes do grupo, Dona Laura e Dona Iolanda, uma vez que, para elas, tudo era novidade: a glicerina em barra, as essências de ervas, o bastão de vidro, o aquecedor, as forminhas, os corantes, entre outros (Figura 3).

Figura 3 - Materiais utilizados na produção dos sabonetes de ervas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Eu levei um material impresso com o passo a passo da produção dos sabonetes (Apêndice A). O material também continha informações sobre o poder fitoterápico das ervas e sobre seu uso na pele. Levei ainda outro material com o abecedário das ervas (Apêndices B e D). Fizemos uma leitura lenta, pausada e clara, de modo que todas pudessem acompanhar, compreender e conversar sobre as informações disponibilizadas. Isso durou quase toda a tarde e, na sequência, fizemos um intervalo para realizar o lanche coletivo e para conversar mais um pouco. Conversamos sobre a possibilidade de continuar com a elaboração da cartilha a partir dos diálogos realizados durante os encontros. Todas ficaram muito interessadas com a finalização da cartilha, Dona Marta enfatizou: *“Seria muito bom mesmo, porque quando falhar a cabeça, nós temos a cartilha (risos)”*.

#### **4.2.2 O desafio de evidenciar os saberes através dos diálogos e da produção dos sabonetes**

Na semana seguinte, todas estavam animadas para confeccionar os sabonetes. Buscamos no pavimento superior da associação os materiais que ficaram guardados e levamos tudo para o térreo, onde o espaço é maior e há uma grande mesa.

Iniciamos com uma conversa sobre o poder das ervas na pele, lembrando como é diferente a ação fitoterápica de uma erva quando usada na pele, de quando usada como chá ou

infusão, emplasto e outros. Conversamos sobre as diferenças de propriedades das ervas em situações variadas, ressaltando que a mesma erva é usada com diferentes propósitos. Por exemplo, falamos sobre o alecrim, que, na pele, sua propriedade fitoterápica é a de extrair oleosidade da pele e acnes. Já na alimentação, ele serve como tempero e para a saúde, utilizado como chá, seus princípios ativos são outros, servem para ativar a memória.

Na sequência, iniciei os diálogos demonstrando o processo de produção dos sabonetes e, quase que espontaneamente, as que conheciam a oficina (que já haviam participado de outros projetos que realizei na comunidade) começaram os preparativos, demonstrando para as demais o que deveria ser feito. Fui assessorando apenas em alguns detalhes. Logo, Dona Sônia e Dona Marta já começaram a cortar a glicerina e a derretê-la, assim como também a escolher suas ervas e cores preferidas para produzir os primeiros sabonetes (Figuras 4 e 5). As ações das duas foram observadas com atenção pelas outras participantes.

Figura 4 - Dona Sônia e Dona Marta produzindo os sabonetes de ervas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 5 - Dona Iolanda e Dona Marta



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Depois foi a vez das “novatas”, Dona Iolanda e Dona Laura, produzirem os sabonetes. As que já haviam participado de outros projetos se fizeram de professoras e ensinaram o passo a passo a elas, o que se tornou interessante. Às vezes elas discutiam porque as novatas erravam a ordem dos ingredientes e, dependendo de qual era o erro, os sabonetes poderiam ficar sem cheiro. Frases como: *“Não presta pra mais nada!”* Ou: *“Você tem que esperar o tempo certo para colocar a essência se não o cheiro vai embora com o calor, evapora”*, foram ditas nesse momento. Seguindo as instruções, às vezes minhas, outras vezes das colegas, o grupo todo experenciou a produção dos sabonetes, que ficaram nas forminhas para endurecer, serem desenformados e envolvidos em plástico filme, no próximo encontro.

#### **4.2.3. Produção de sabonetes delas para elas**

No encontro do dia 30/09/2019, conversando, decidimos que a produção de sabonetes do dia iria ser destinada a elas, as participantes, ou seja, não iria ser destinada ao comércio. As participantes deveriam levar os sabonetes produzidos na ocasião para casa e experimentar, pois percebi que existia muita curiosidade, por parte delas, de saber como os sabonetes se

comportavam no uso, se eram de boa qualidade, se o cheiro era bom mesmo e se, realmente, o potencial das ervas cumpria o prometido efeito. Cada uma queria um sabonete diferente, ou porque tinha algum parente com determinado problema na pele, ou porque queria uma cor específica, ou porque queria um determinado formato. Por isso, cada uma ficou à vontade para confeccionar os sabonetes segundo seu gosto e/ou suas necessidades.

Figura 6 - Produção de sabonetes para uso pessoal



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 7 - Finalizando os sabonetes



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Percebemos, nos encontros realizados, que se mantinha a dialogicidade, num espaço no qual elas podiam se sentir ensinantes e aprendentes ao mesmo tempo, tratava-se de um espaço no qual o diálogo foi mantido como algo da própria natureza humana (FREIRE, 1980, p. 122). Nos encontros, o saber de todas pôde ser falado, ouvido e valorizado, num

entendimento de que dialogar garante e estimula a fala do outro. Dialogar não é apenas trocar ideias por meio de palavras “ocas”, é também se enxergar na fala do outro, pois “o verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico” (FREIRE, 1980; p. 83-85). O diálogo consiste numa relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas e em relação. No pensamento de Freire, a relação homem/mulher/mundo é indissociável. O diálogo produz a conscientização libertadora e transformadora, ou seja, dialógica:

O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito (FREIRE, 2005, p. 91).

Ao mesmo tempo, a experiência com essas mulheres revelou suas reações à negação com a qual se vêem confrontadas cotidianamente pelo mundo exterior, em relação ao seu conhecimento tradicional. Destacamos duas reações verificadas nas oficinas. A primeira é o uso da pergunta como instrumento de reafirmação de seus próprios conhecimentos. A segunda é o fato de perguntarem, apesar de saberem, de antemão, a resposta. Por vezes, elas iniciavam o diálogo buscando se assegurar de que o que tinham para dizer tinha validade. Assim, se confirma a importância da Pedagogia da Pergunta, discutida por Freire (1996).

#### **4.2.4. Manualidades e transmissão de saberes entre gerações**

Na primeira reunião de outubro, no dia 07/10/2019, foi dada continuidade à produção dos sabonetes de ervas que havia sido iniciada no encontro anterior. Retiramos das formas os sabonetes, os envolvemos em plástico filme e os etiquetamos – as etiquetas possuíam informações referentes às ervas utilizadas e a seus princípios ativos na pele. A ideia de etiquetar os sabonetes surgiu a partir de conversas com as participantes, assim como foi constatada a necessidade de elaborar uma embalagem para sabonetes, para uma possível exposição na feira de produtos orgânicos que acontece na frente da FACED/UFRGS.

Seguimos com a produção de sabonetes e com as conversas sobre ervas. Dona Sônia escolheu uma erva: alfazema. Seu critério foi o cheiro da erva. Ela disse que lhe agradava. Acrescentou a glicerina derretida, assim como outros ingredientes para a produção dos sabonetes, é o caso do lauril, para fazer espumas e um pouco de propilenoglicol, que auxilia

na absorção da água, funcionando como hidratante e umectante. Em seguida, Dona Sônia acrescentou a essência de alfazema na mistura, juntamente com um pouco de corante de sua preferência (ela optou pela cor roxa, disse ser cor de mulher forte) e, ao final, colocou a mistura nas formas para o endurecimento. As demais etapas da produção dos sabonetes – retirar das formas, envolver no plástico filme e etiquetar – foram realizadas no encontro posterior. As outras participantes realizaram o mesmo procedimento que a Dona Sônia. Às vezes elas pediam ajuda em determinado estágio do processo, pois esqueciam a ordem dos ingredientes, entretanto, na maior parte do tempo, elas realizavam o procedimento de forma independente.

Figura 8 - Dona Sônia produzindo sabonetes de ervas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Aos poucos percebemos que as participantes escolhiam as ervas conforme suas próprias necessidades ou de algum de seus familiares. O relato de Dona Marta exemplifica isso: *“Professora, aquele sabonete de canela que levei para casa na semana passada, minha neta usou ,e acabou com toda coceira e brotoeja que ela tinha, então quero fazer mais”*. Naquele dia ela produziu somente sabonetes de canela.

Isso nos mostra o domínio dos saberes sobre o princípio ativo das ervas que elas vêm experienciando e compartilhando com o grupo durante as oficinas, bem como sobre sua utilização, aqui em forma de produto, nas suas relações cotidianas de trabalho. O fato de Dona Marta contar ao grupo que usou o sabonete como uma alternativa fitoterápica para o problema de pele da neta nos deu certeza de que o grupo de mulheres estava fazendo uso dos saberes

sobre ervas no seu cotidiano, bem como introduzindo, nas suas rotinas, o uso das ervas para cuidar da saúde de seus familiares.

Em outro momento Dona Marta lembrou a importância de passarmos esses conhecimentos das ervas para outros e recordou que uma vez, nessa mesma sala da associação, ela fez sabonetes de ervas com a neta. Lembrou-se que ela e a neta se divertiram e aprenderam muito sobre ervas e produção de sabonetes. Mencionou que sentia muito a neta não poder participar do atual projeto, tendo em vista que agora ela frequentava a escola no horário de realização das oficinas. Dona Marta enfatizou: *“Sabe professora, minha neta, Luana, apresentou um trabalho na escola sobre os sabonetes que ela aprendeu a fazer? Ela levou os sabonetes feitos aqui para mostrar na escola e foi muito importante para ela mostrar uma coisa que se faz aqui dentro do quilombo, ela se sentiu bem em ensinar e explicar como eram feitos e falar sobre as ervas nos sabonetes.”*

Figura 9 - Neta de Dona Marta participando de projetos anteriores



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2017

Constatamos que os saberes sobre ervas sintetizados nos sabonetes foram repassados de geração em geração e para além dos limites da comunidade quilombola, como relatado por Dona Marta, mostrando que elas refletem sobre o que experienciam e fazem escolhas do que vão passar adiante como aprendizado.

#### **4.2.5. Resistência à mercantilização de seus saberes**

No dia 07/12/2019 houve o nosso último encontro, no qual finalizamos os sabonetes para comercialização na feira da FACED, que ocorre terças-feiras, pela manhã, no espaço em frente ao ContraPonto, no campus Centro da UFRGS. Produzimos mais de 70 sabonetes, todos estavam preparados para venda, devidamente embalados e etiquetados, com as instruções das propriedades fitoterápicas das ervas.

No encontro, as mulheres revelaram que não gostariam de ir à feira e os motivos dados para a desistência foram os mais variados, tais como: não ter com quem deixar a neta, de apenas 2 anos, de quem estava tomando conta por não haver creche para a criança e os pais terem que trabalhar; ter que fazer almoço para a família e por isso não poder sair de casa pela parte da manhã; por motivos de saúde, como a Dona Sônia, que estava em situação de fragilidade devido à traqueostomia.

Por duas semanas eu insisti na ideia de comercializar na feira o que foi produzido, entretanto, nesse último encontro, conversamos e foi decidido por todas que não iríamos à feira vendê-los, que os sabonetes, assim como os incensos, seriam divididos de forma igual entre todas as participantes, podendo assim serem usados da forma que cada uma quisesse.

Perguntei ao grupo o porquê da desistência de comercializar na feira e, então, Dona Marta falou, representando as demais: *“Professora nós conversamos sobre isso entre nós e pensamos que vêm aqui muitas universidades ou ONGs e até empresas, de início dizem que é para pesquisar e nos ajudar, propõem coisas e nós fazemos, depois vão embora e nós ficamos sempre sem nada”*. O depoimento de Marta deixou claro que, para elas, não era importante o lucro com a possível venda dos sabonetes e sim ficar com o produto de seu trabalho realizado durante essas tardes de segunda. Usufruir desses sabonetes significava mais que o dinheiro que poderiam obter com a venda deles.

Figura 10 - Sabonetes finalizados, etiquetados e embalados



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Percebemos que essa resistência em comercializar o produto finalizado não se tratava de má vontade, ou de dar razão a qualquer uma das desculpas criadas. Ela era a evidência de que a comunidade tem seus próprios modos de vida. O trabalho realizado com a produção dos sabonetes é o tipo de trabalho assentado no valor de uso, não no valor de troca, portanto, um trabalho que contribui com a reprodução ampliada da vida e com a manutenção dos modos de vida. Dito de outra maneira, elas não quiseram vender e, sim, preferiram desfrutar o melhor apreço pelo que produziram com suas próprias mãos, pois produziram para elas e para os seus, depositaram na criação seus afetos, sua criatividade e seu desejo, valores sentimentais que o “valor de troca” não seria capaz de emplacar.

#### 4.3. EXPERIÊNCIAS HUMANAS COMPARTILHADAS: DIÁLOGO SOBRE MEMÓRIAS, SABERES E HISTÓRIAS DE VIDA

Neste item serão descritos e analisados os diálogos realizados durante intervalos nas oficinas de sabonete. Destacamos a tarde do dia 23/09/2019 quando, ao conversarmos sobre

experiências e vivências com usos de chás, ocorreram relatos das mulheres sobre suas memórias quanto ao uso de ervas nas suas infâncias e em outros momentos de suas vidas:

**Pesquisadora:** [...] *“eu queria saber como você e sua família faziam para cuidar da saúde, na tua infância? ”*

**Dona Iolanda:** *“A gente não ficava muito doente, mas quando ficava a gente tomava chá. Tinha lá uma benzeadeira que era muito boa, fazia o benzimento<sup>15</sup> e também ela fazia aquelas ‘garrafadas’, aqueles remédios, unguento, emplasto, não lembro, só sei que era bom.”*

**Pesquisadora:** *“As garrafadas, você se lembra de algumas? ”*

**Dona Iolanda:** *“Lembro de tomar, mas a benzeadeira [Dona Iara] nunca dizia o que era que tinha lá dentro. ”*

**Pesquisadora:** *“Na minha infância eu também tive experiência de benzeadeira. Quando criança, ouvia falar que essa benzeadeira era uma bruxa, meus irmãos mais velhos diziam pra me assustar. Óbvio que quando me levaram na benzeadeira, com o osso [clavícula] trincado de uma queda de um pé de pessegueiro fiquei com medo da tal velhinha. Depois vi que se tratava apenas de uma senhora velhinha, com cabelos crespos longos e brancos, que morava sozinha no meio do campo e à beira do rio Soturno. Morava numa casinha de pau a pique e de chão batido, coberta com palha [hoje sei que era palha de santa fé] e galhos secos. Na minha cabeça de criança tinha muitas fantasias, entendia que minha vó, que me levou lá, tinha muito respeito pela aquela velhinha, então fiquei tranquila e fiz tudo que me pediu. Para resumir, sentei num banquinho perto do fogão à lenha, enquanto ela costurava um pedaço de pano com linha branca grossa sobre o local machucado e dizia palavras baixinho. Quando terminou de dar os pontos, veio, o que para mim foi o mais impressionante, um molho de ervas que batia várias vezes no ombro e depois no outro. Por fim, tomei alguns chás em casa, que não lembro o que era, e usei um emplasto, hoje suponho que provavelmente tenha sido de arnica, e pronto, fiquei boa das dores; por um tempo, porque logo me machucava e tudo começava de novo. Íamos nós, eu e minha vó, até a casa da Dona Anália procurar ajuda. Esse era o nome dela, sempre ajudava a todos que não tinham recursos. E não lembro de ela receber dinheiro pelo trabalho realizado, mesmo porque minha família não tinha, mas recebia coisas tipo pão, galinha, açúcar-de-cana, batata doce ou um tecido/roupa.”*

---

<sup>15</sup> O benzimento é costume antigo e está no dicionário. Benzer vem do latim *bene dicere*, que significa bem dizer. Dizer bem de alguém e fazer o bem. Quem faz o benzimento são as benzeadeiras. Geralmente são mulheres. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/11/sabedoria-antiga-dos-benedores-une-plantas-medicinais-oracoes-e-fe.html>. Acesso em: 27 abr. 2020.

**Dona Iolanda:** *“A casa onde eu morava quando criança era assim também, feita de barro e coberta de palhas e folhas, não tinha banheiro no meu tempo de criança, nós fazia tudo no mato. Eu queria que voltasse, porque era bom, nós passava fome e tudo, mas não tinha medo de nada como agora. Não tinha essa maldade de agora.”*

**Pesquisadora:** *“Vocês lembram de plantar ou fazer um chá pra vocês ou pra outra pessoa?”*

**Dona Nice:** *“De plantar eu não lembro, mas de fazer chá, sim”.*

**Pesquisadora:** *“De quê?”*

**Dona Sônia:** *“De cidró, cidreira, daquele outro... como que é? Eu tomei bastante, de funcho e outro que se pegava no mato e no campo”.*

**Pesquisadora:** *“Era carqueja? Marcela?”*

**Dona Iolanda:** *“Não era carqueja.”*

Essa roda de conversa mostrou como a interpretação das mulheres sobre suas memórias e suas experiências vividas pode dar sentido a ações cotidianas atuais. Ao compartilharem suas memórias e suas experiências vividas, as mulheres entenderam que somos constituídas de nossas memórias e experiências, que a experiência precisa ser compartilhada e que só é válida a partir do reconhecimento de sua coerência e eficácia. Por isso fazemos repetições, modificações e variações enquanto analisamos e selecionamos o que julgamos ser importante e significativo para passar para outros. Assim construímos nossa memória geracional, como uma espécie de “banco de dados” de saberes que são considerados necessários e úteis para serem repassados entre gerações e/ou para garantir a manutenção da cultura e dos modos de vida. Dessa forma, os valores de uma comunidade podem ser percebidos como parte das experiências humanas compartilhadas.

Ficamos conversando por mais um tempo sobre suas memórias e sobre os usos de ervas. Devido ao horário, nos organizamos para o lanche. Guardamos os sabonetes e todos os materiais para comermos o bolo de aniversário de minha filha Laura. Como prometido, levei um pedaço para elas e Dona Iolanda levou quibe, que ela tinha feito pela manhã.

Figura 11 - Lanche coletivo: socialização e conversas soltas



Fonte Acervo da pesquisadora, 2019.

Durante o lanche coletivo, as conversas persistiam. Dona Sônia se sentiu mais à vontade para conversar sobre seu problema de saúde. Percebi que esse diálogo era mais dela comigo, embora as demais estivessem presentes e já soubessem do ocorrido.

**Dona Sônia:** *“Quería falar como e porque estou sem minha voz e com esse furo aqui na garganta. O que a gente pode fazer pelo próximo, a gente faz. A gente tem que rezar muito, muito, muito e pedir a Deus. E isso é pra quem tem fé, quem não tem um pouquinho de fé não sei, porque eu, gurias, me ajoelhei no hospital que as lágrimas pingavam, quando eu vi que eu tava viva ainda, porque aqui todos pensavam que seria a última vez. Eu deitei pra um cochilo, já tinha vindo do hospital, me apaguei completamente. Fui me dar conta de mim, era madrugada lá no hospital, chamei uma enfermeira e perguntei: O que é que tô fazendo aqui? Que eu tava na minha casa! Daí ela respondeu: Eu não sei direito, tem que falar com o médico, mas acho que foi um AVC. Mas eu tava mexendo as mãos e os pés e falando, AVC não era! Aí me contaram outro quadro, que era outra situação lá na emergência, mas eu tenho muita fé, lá me falaram que eu já nasci com essa doença, a tal anemia falciforme que ataca só os pretos! Por causa dela eu tô com o coração grande demais”.*

De modo geral, as rodas de conversa servem como instrumento de suporte para o diálogo com os saberes dessas mulheres, mas também é espaço de fala, momento que podem falar de sua vida, expor seus sentimentos, suas experiências e suas memórias. É aqui, nesse

espaço de diálogo criado nas rodas de conversas, que enxergam na fala do outro os seus próprios saberes e modos de vida.

#### 4.4. O USO DAS ERVAS, SEUS SIGNIFICADOS E AS EXPERIÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Neste item, apresentamos conversas e experiências compartilhadas sobre a relação entre o uso das ervas e o trabalho, o que permitiu melhor compreender como esses saberes circulam entre as mulheres do grupo. Através da exploração do material didático, notei que existiam diferentes entendimentos e expressões sobre o nome e o uso das ervas, como, por exemplo, a dúvida sobre o nome de uma determinada erva ser “macela” ou “marcela”. Nesse espaço de diálogo, uma pergunta pode gerar o compartilhamento de experiências vividas por essas mulheres, que, por vezes, se enxergam na experiência da outra. Aqui serão descritos e analisados os processos e os diálogos desenvolvidos durante as seguintes oficinas: em primeiro lugar, a oficina de ervas; em segundo, a atividade lúdica denominada Relógio do Corpo Humano; em terceiro, a produção de incensos.

##### 4.4.1. Conversas durante a oficina de ervas

Durante a oficina de saberes, ocorreu, de forma conversada, o compartilhamento de saberes trazidos por mim e os trazidos pelas mulheres, sobre o uso das ervas. Procurei perceber a importância desses saberes na construção de suas próprias histórias de vida, carregadas de memórias e experiências.

No dia 04/11/2020, Dona Laura e Dona Marta nos contaram como o chá de louro ajudou a baixar suas pressões arteriais:

**Dona Laura:** *“Eu tinha pressão alta. Era 21, 22, e agora tá 12. Comecei a tomar chá de louro. Pega uma folha de louro e ferve e bota pra gelar [...] não faz muito forte e vai tomando. Toma dois dias e vai parando. Uma folha de louro por dia e me dei bem. Não é na comida, tem que ser o chá”.*

**Dona Marta:** *“Baixou até a minha diabetes. Fui no médico porque tava me sentindo mal e me deram remédio pra pressão. Eu comecei a tomar chá e deixei de lado os remédios, mas vou todo mês lá no médico. Eu tava me sentindo mal do remédio e comecei com o chá, já fui no cardiologista”.*

**Dona Sônia:** *“Tomo sempre, sempre chá. Malva cheirosa e a marcela”.*

**Pesquisadora:** *“A malva é para quê? Serve para quê? Conheço uma malva que é anti-inflamatório, seria essa que você está falando? ”*

**Dona Sônia:** *“Malva cheirosa é crespinha, parece uma flor e é para os rins. A outra é pro estômago, a marcela”.*

**Pesquisadora:** *“Vocês lembram das oficinas de ervas que fizemos? Quem fez? Lembram que a gente plantou as ervas nos vasinhos e vocês levaram pra casa para acompanhar o crescimento? ”*

**Dona Marta:** *“Eu lembro bem, a minha era uma muda de poejo e me roubaram lá da minha área. Era aquele pra tosse”.*

**Pesquisadora:** *“Isso mesmo Dona Marta. Lembro que a Dona Sônia fazia um xarope para tosse, que vai poejo, mel, agrião e que as pessoas vinham buscar ali na casa dela. Você lembra disso, Dona Sônia? ”*

**Dona Sônia:** *“Lembro sim, eu não faço mais, agora é a minha filha que faz”*

**Pesquisadora:** *“Esse ano, vamos fazer a oficina do corpo humano e também vamos fazer outra oficina para a semana que vem, será oficina de incenso. A gente amarra as ervas aromáticas certas, faz um cartuchinho de ervas, deixa secar e depois queima para aromatizar a casa e o ambiente. Se der tempo para a semana que vem eu já trago”.*

**Dona Marta:** *“Seria bom pra dar um cheirinho na casa e fazer uma limpeza de energias né, professora? ”*

Foi um momento importante no que concerne à compreensão da existência de diferentes culturas e de conhecimentos construídos a partir das vivências de cada uma das integrantes do grupo. Muitas dúvidas surgiram, encontros e desencontros entre o conhecimento passado de geração em geração e o conhecimento científico. Ficou muito claro para mim, que as trocas ocorridas nesse encontro foram significativas e que o tema abordado era de interesse de todas, favorecendo a curiosidade sobre outros assuntos vinculados à proposta. Fui anotando as informações dadas pelas participantes sobre os nomes, bem como sobre o uso das ervas, para dar continuidade na elaboração da cartilha sobre esses saberes. A cartilha é entendida como um retorno dado à comunidade e, principalmente, a essas mulheres. A seguir, encontram-se algumas imagens desse encontro.

Figura 12 - Oficina de ervas e memórias





Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

A oficina de ervas, desenvolvida durante esta pesquisa, proporcionou uma ampla variedade de conversas entre as mulheres, o que permitiu uma aproximação com seus saberes, incluindo o conhecimento sobre as ervas medicinais, reconhecido como legado de outras gerações. As mulheres faziam perguntas como forma de dizer, com suas palavras, o que sabem

e de reafirmar seus próprios conhecimentos. Perceber seus saberes e o saber do outro fortalece o laço entre elas, revitaliza a importância desses saberes para elas e para a comunidade.

Nas oficinas procuramos evidenciar o que já se sabe sobre um assunto, ouvir o que o outro sabe e entender o que nós sabemos como grupo. O processo dialógico abriu a possibilidade para que as mulheres se reconhecessem como portadoras de valores e de conhecimentos populares importantes e percebessem que esses saberes fazem parte do modo de vida da comunidade

Na sequência da conversa sobre ervas e chás fomos jogar o “relógio do corpo humano” e, brincando, evidenciamos saberes científicos e populares.

#### **4.4.2. O relógio do corpo humano: saberes populares se articulam com saberes científicos**

A partir dos encontros anteriores foi possível compreender que o grupo interage melhor com dinâmicas lúdicas. Por esse motivo, no dia 11/11/2019 sugeri a realização de um jogo para discutirmos os melhores horários do dia para tomar os chás de ervas medicinais.

O jogo consiste em um tabuleiro com um relógio, que apresenta os horários mais adequados para o uso do chá, potencializando o poder medicinal das ervas para o tratamento de diferentes órgãos do corpo humano, como sugere a pesquisa intitulada “Relógio do Corpo Humano”, desenvolvida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), de 2002.

Todas as participantes estavam munidas de fichas, cada uma contendo o nome de um chá e o uso para o qual ele é indicado. Pela regra do jogo, no início, um participante sugere um problema de saúde – por exemplo, dor de estômago – e, quem estiver com a ficha do chá indicado para tratar o órgão, deve procurar, no relógio, o horário certo para tomar o chá e assim colocar a ficha (ou a erva), no tabuleiro, sugerindo, em seguida, um próximo problema de saúde, fazendo com que o jogo continue. O jogo finaliza quando todas as fichas estiverem dispostas no tabuleiro, completando o relógio do corpo humano. Fizemos a substituição das fichas pelas próprias ervas, já que estávamos com muitas delas sobre a mesa.

Figura 13 - Jogo do relógio do corpo humano





Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

O jogo do relógio do corpo humano, como mostram as figuras anteriores, reuniu saberes científicos e saberes populares oferecidos pelas mulheres durante todo o jogo. Às vezes, elas sugeriam outros chás, que não estavam nas fichas, mostrando conhecimentos para além dos apresentados pelo jogo.

Essa experiência nos remete a Freire (1998; p. 24-25), para quem “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. As mulheres da comunidade conheciam os chás que estavam na mesa e também os que estavam nas cartelas, às vezes com outros nomes, evidenciando que o mesmo chá pode ser conhecido por sua função, ainda que seu nome possa variar entre as comunidades. Além da

demonstração da experiência de uso de ervas para cuidar da saúde, as mulheres também exibiram solidariedade entre elas, ajudando as mais velhas a jogar, como mostram as imagens anteriores, nas quais Dona Nice aponta mostrando para Dona Sônia onde colocar a babosa no tabuleiro.

Acreditamos ser na partilha da lembrança dos saberes sobre as ervas, que aquelas mulheres têm guardados em suas memórias e vivências, que se evidenciou o entendimento da valorização do saber popular sobre as ervas e de sua transmissão de geração em geração, de sujeito a sujeito, caracterizando-o como um bem social e cultural. Ou seja, toda a forma de interpretação do indivíduo sobre sua experiência vivida pode ser capaz de orientar suas práticas e de atribuir sentido à construção da consciência histórica e da aprendizagem social.

#### **4.4.3. Produção de incenso com ervas aromáticas**

Como alternativas ao uso das ervas para além dos já mencionados – alimentação, religioso e relacionados à saúde – sugeri a possibilidade de realizarmos uma oficina de produção de incenso de ervas aromáticas. Elaborei um material com o passo a passo de produção dos incensos que serviu de apoio para iniciarmos essa atividade. Ressalto que nunca havia feito essa oficina, mas me aventurei e juntas aprendemos e trocamos conhecimentos e curiosidades.

Nesse dia, eu levei diversas ervas, ainda verdes, como alecrim, hortelã, alfazema, erva cidreira, etc. Para a produção dos incensos as ervas não devem estar secas, para não quebrarem ou esfarelarem durante o manuseio. Ali mesmo foram escolhidas quais as ervas iríamos juntar nos incensos. A escolha foi realizada segundo a preferência de cada uma das participantes. Os ramos de ervas foram amarrados com cuidado um por um, até que se formasse o feixe desejado, que ficaria secando até ser queimado. A exigência era que ele não fosse muito fino.

Figura 14 - Material didático para a produção dos incensos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 15 - Ervas ainda verdes, escolhidas por serem aromáticas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 16 - Amarrando os ramos de ervas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 17 - Incensos finalizados



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Entendemos que essa oficina de incenso de ervas aromáticas junto a essa comunidade, pautada na dialogicidade (FREIRE, 1996), foi importante para, entre outros aspectos, estimular a autovalorização da prática do uso de ervas no cotidiano, como parte fundamental na consolidação da vida social da comunidade quilombola. Tratava-se agora de manusear as ervas, que antes eram vistas com outras finalidades e que passavam a ser agrupadas, amarradas juntas por serem aromáticas. Outro saber passava a ser considerado: saber qual era aromática. Não interessava o princípio medicinal ativo da planta na forma de chá ou infusão e, sim, como ela exalaria um cheiro bom quando fosse queimada. Novas experiências aliadas a experiências anteriores desse grupo fizeram essa oficina divertida.

#### 4.5. CONVERSAS SOBRE TRANSMISSÃO DE SABERES ENTRE GERAÇÕES: A EXPERIÊNCIA DO BANHO DE DESCARREGO

Esse item apresenta reflexões sobre as formas e os conteúdos selecionados para serem transmitidos ao longo do tempo, segundo necessidades reais no tempo presente e discute experiências que são reconhecidas por sujeitos ou grupos que vivenciaram ou herdaram memórias selecionadas e renormatizadas conforme necessidades contemporâneas. O item subdivide-se em dois pontos: os relatos de Dona Sônia sobre os saberes que transmitiu para

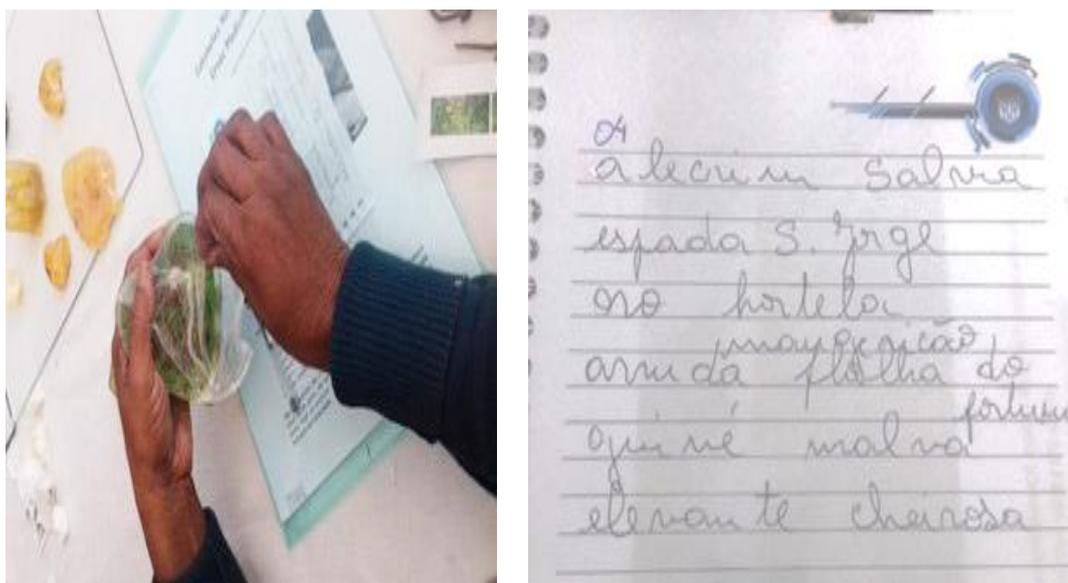
sua filha, Fabiane, trabalhados no subtítulo “Passei para minha filha tudo que sabia”; a descrição das etapas e dos procedimentos vividos por mim durante a experiência de realização do banho de descarrego, conduzido por Fabiane.

#### 4.5.1 “Passei para minha filha tudo que sabia”

Na segunda semana de setembro, conversamos sobre transmitir os saberes para a geração seguinte e lembrei que a Dona Sônia havia mostrado uma receita de banho de descarrego, em outro encontro ocorrido no ano de 2017. E perguntei: “*Você lembra, Dona Sônia? Você ainda faz sua receita de banho de ervas?*”

**Dona Sônia:** “*Lembro sim, mas agora eu não faço mais. Passei para a minha filha tudo que sabia e agora ela que faz esse trabalho. Minha saúde não me deixa mais trabalhar*”.

Figura 18 - Lista de ervas utilizadas no banho de descarrego realizado pela Dona Sônia



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2017.

Dona Sônia relatou em suas conversas que fazia esse banho de ervas, ou descarrego, como é mais conhecido, para a comunidade usar nos rituais de limpeza espiritual. Existem

duas vertentes de religião africana na comunidade, a Candomblé e a Umbanda<sup>16</sup> e ambas usam ervas em seus rituais, no entanto, somente a Umbanda usa as ervas no banho de descarrego e trata-se de um trabalho específico da Mãe de Santo. Antes era Dona Sônia quem realizava os banhos, atualmente é sua filha a responsável. Ressaltamos aqui a transmissão de saberes de uma geração para outra.

**Pesquisadora:** *“Dona Sônia, eu gostaria muito de aprender como se faz esse banho de descarrego e como vocês disponibilizam para a comunidade esse banho?”*

**Dona Sônia:** *“Hoje pela tarde, no final da oficina, minha filha vem aí, daí você fala com ela sobre o banho.”*

Fabiane, realmente, se fez presente ao final da oficina e conversamos sobre o banho. Acertamos uma data para a realização do ritual. Ela me passou uma lista de ervas que seriam necessárias para a realização do trabalho.

Tal acerto me leva a refletir que todo ato de labor é um *“uso de si”*, por si e pelos outros nos coletivos e repletos de encontros de valores. E pensamos o legado da *“atividade industriosa”* de Dona Sônia, é a personificação do conceito do Corpo-si ou Corpo-Pessoa, como mencionam Durrive e Schwartz:

É aquela ou aquele que conduz a atividade – que trabalha – com todos os seus valores, normas, crenças, o seu psicológico e seu social, e os níveis de racionalidade. Um corpo-si ativo está condicionado pelas circunstâncias históricas em que se insere (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p. 4).

Assim, quando nos reportamos à atividade de trabalho cotidiana de Dona Sônia, dizemos que ela faz uso de si, que não há simples execução, mas uso, pois trata-se do sujeito no seu ser, que é convocado e suas capacidades são infinitamente mais vastas do que podemos explicitar.

---

<sup>16</sup> O Candomblé é mais antigo e está muito mais próximo dos ritos africanos, pois é uma junção mais pura e direta dos diversos cultos africanos trazidos pelos negros escravizados. Estima-se que surgiu na Bahia e espalhou-se, primeiramente, por terras nordestinas. Os rituais do candomblé são muito mais parecidos com os rituais africanos, com batuques, danças e oferendas de comidas típicas, para agradar aos orixás. As pessoas presentes nesses rituais, quando iniciadas na religião, entram em uma espécie de transe e dançam de acordo com os seus orixás de cabeça (o orixá que guia a vida de cada pessoa). O sacerdócio nos terreiros de candomblé é exercido pelo Babalorixá (caso seja um homem) ou pela Yalorixá (caso seja uma mulher). Nascida no Brasil, em 1908, por meio de um jovem chamado Zélio Fernandino de Moraes, a Umbanda (palavra originada do dialeto quimbunda e que significa curandeirismo ou arte da cura) é uma religião afro-brasileira que sincretiza elementos dos cultos africanos com elementos das religiões indígenas, do catolicismo e do espiritismo kardecista. Os umbandistas, em seus rituais, tocam batuques e cantam cânticos sagrados em português, além de receberem incorporações (por meio dos médiuns) das entidades, que têm o poder de curar, aconselhar, avaliar e modificar a vida das pessoas. O sacerdócio em terreiros de umbanda é exercido pelo Pai de Santo (caso seja homem) ou pela Mãe de Santo (caso seja mulher). Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/religiao/diferenca-entre-candomble-umbanda.htm>. Acesso em: 22 mar. 2020.

Nas suas atividades de trabalho com o uso das ervas, no cuidado da saúde da comunidade através da produção do xarope para gripe, ou também no cuidado da espiritualidade e dos rituais religiosos, como o banho de ervas, também chamado na Umbanda de banho de descarrego<sup>17</sup>, Dona Sônia, quando ainda fazia o trabalho de mãe de santo, fazia a escolha e o preparo de cada erva e de cada folha. Agora ela repassou para sua filha Fabiane a responsabilidade pelo banho de descarrego.

Esse trabalho é impregnado de valores, normas, crenças, do psicológico e do social, mas também baseado na racionalidade, condicionado pelas circunstâncias históricas. Acompanhei esse processo de transmissão de saberes, já que conheci Dona Sônia quando ela ainda era responsável pelo banho de descarrego na comunidade (tradicionalmente, essa é uma função e posição social passada de uma geração a outra, quando possível).

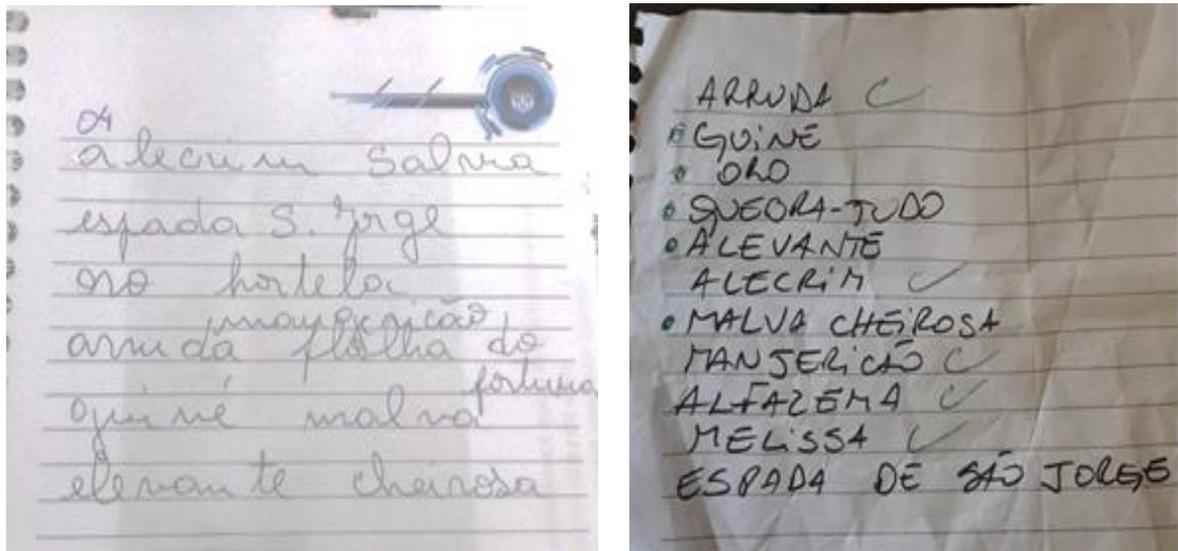
Como pesquisadora, percebi que seria uma grande oportunidade para aprender e conhecer mais de perto como é o trabalho realizado pela mãe de santo com as ervas. Por isso, me coloquei à disposição para experienciar o banho de ervas/d Descarrego realizado por Fabiane.

No decorrer dos preparativos para o experimento do banho de ervas, observei que os ingredientes utilizados por Fabiane eram um pouco diferentes dos descritos por sua mãe, conforme mostra a figura 19 a seguir. Essa é uma evidência, como ocorrem as renormatizações no processo de transmissão de saberes e expõe certa autonomia da atual geração (Fabiane) em relação à anterior (Dona Sônia).

---

<sup>17</sup> Na Umbanda, o descarrego é uma das funções mais importantes para manter o padrão vibracional e afastar, o máximo possível, os espíritos de pouca luz. As ervas utilizadas para esse tipo de banho estão diretamente relacionadas ao Orixá regente do médium e à entidade atuante. São assim receitados apenas por um verdadeiro chefe de terreiro, um pai ou uma mãe de santo, ou pela própria entidade. Disponível em: <http://www.centroespiritaurubatan.com.br/fundamentos/banhos-da-umbanda.html>. Acesso em: 24 mar. 2020.

Figura 19 - As duas listas de ervas utilizadas no banho de descarrego



Legenda: Receita escrita por Dona Sônia (direita) e receita escrita por Fabiane (esquerda)  
Fonte: Acervo da pesquisadora, 2017 e 2019.

Percebemos que as duas receitas, a da mãe, Dona Sônia, e a da filha, Fabiane, têm o mesmo propósito, mas possuem alterações em relação aos ingredientes. Conforme Schwartz (1998), o trabalhador sempre reorganiza o trabalho que lhe é imposto, arbitrando entre valores diferentes ou contraditórios. Nesse caso, Fabiane deu continuidade ao trabalho, fazendo escolhas e executando-o de outra maneira. Essa reorganização está ligada à forma como ela sente e enxerga o mundo. Suas histórias e experiências refletem e interferem na realização de seu trabalho como mãe de santo<sup>18</sup>. Por experiências no decorrer do desenvolvimento dessa função, ela percebeu que trocar folha de fortuna por quebra-tudo, de hortelã por melissa, ou mesmo de sálvia por alfazema, não muda a essência de seu banho e ele fica mais cheiroso e aceitável, uma vez que não é permitido enxaguar-se depois do banho de ervas.

<sup>18</sup> Uma Ialorixá ou mãe de santo é a sacerdotisa de um terreiro, seja ele de Candomblé, Umbanda ou Quimbanda. Outras grafias possíveis incluem Iyalorixá, Iyá e Ialaorixá. Recebem ainda o nome de mãe de terreiro. Ela é a responsável por tudo que acontece no terreiro, ninguém faz nada no terreiro sem sua prévia autorização. Sua função é sacerdotisa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ialorix%C3%A1>. Acesso em: 26 mar. 2020.

#### 4.5.2. Banho de descarrego: é desse trabalho que estamos falando!

Ao analisarmos as relações de continuidade e descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais das mulheres da comunidade quilombola urbana, constatamos que a preservação e, ao mesmo tempo, a modificação de tais saberes, são percebidas como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações e renomeadas no presente por sujeitos ou grupos que as recebem. O caso de Fabiane ao alterar/acrescentar ervas ao seu banho, adequando-o a partir de seu julgamento nos dias de hoje é um exemplo disso. Esses saberes, na acepção de Mannheim (1993, *apud* MAGALHÃES, 2018), são retratados/recombinados entre a geração que viveu a experiência e a seguinte que recebe os saberes para seguir com o trabalho, criando uma memória anônima do grupo e, conseqüentemente, incorporada à sua cultura.

Combinei com Fabiane de fazer o banho de ervas no dia 28/10/2019. Os banhos são utilizados para energizar espiritualmente. Esse banho não pode ir ao fogo. É preciso macerar as ervas com as mãos dentro de uma vasilha de barro, ou em uma vasilha de louça branca virgem, que será usada, exclusivamente, para os banhos. O banho é preparado com 11 ervas aromáticas, conhecidas como ervas de limpeza espiritual, a saber: arruda, guiné, oro, quebratudo, alevante, alecrim, malva cheirosa, manjerição, alfazema, melissa e espada de São Jorge;

A combinação de todas as ervas simboliza a mistura da energia dessas folhas com os orixás, com a infusão das ervas liberam suas propriedades fitoterápicas proporcionando bem-estar e equilíbrio nas energias das pessoas.

Figura 20 - As onze ervas utilizadas no banho de descarrego



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Combinamos que o banho seria preparado na casa de Fabiane e fui orientada a usar todas as vestimentas na cor branca ou todas na cor verde. Optei pela cor verde. Ao chegar lá, uma mesa estava preparada com uma toalha branca. Fabiane, também estava com vestimentas brancas e usava os colares guias típicos da Umbanda. Sobre a mesa também havia uma bacia onde colocamos as ervas para macerar. Começamos a separar as folhas dos talos e, delicadamente, maceramos as folhas de todas as ervas na bacia. Ao esfregar as ervas, macerando-as, íamos produzindo uma pasta, enquanto isso Fabiane entoava cantigas da Umbanda, de uma maneira que parecia estar conversando com os Orixás<sup>19</sup>.

Figura 21 - Macerando as ervas com as mãos



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Entre uma cantiga e outra, aproveitei para conversar com Fabiane a respeito desse seu trabalho, indagando sobre como a comunidade do quilombo faz uso desses banhos, sobre a sua função de mãe de santo, sobre quando e como o banho era solicitado pela comunidade. Fabiane respondeu que, como existem as práticas de Candomblé e de Umbanda na comunidade, nem todos fazem uso de ervas no banho de descarrego. Ela é mãe de santo

---

<sup>19</sup> Os Orixás na mitologia africana são, em geral, divindades que ordenavam o mundo e estavam presentes, de maneira imanente, nas forças da natureza. Nesse movimento surgiram a umbanda, o candomblé (as duas principais religiões afro-brasileiras) e também outras denominações, como a Quimbanda e o Xambá. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/religiao/diferenca-entre-candomble-umbanda.htm>. Acesso em: 24 mar. 2020.

umbandista e faz uso das ervas. Segundo ela, as solicitações para realização dos banhos são comumente realizadas no período de final de ano.

Fabiane não recebe remuneração para realizar os banhos, pois quem exerce tal função a considera algo que está acima do dinheiro: *“Faço porque acredito na religião e na força das ervas e que isso pode ajudar as pessoas, mas sei que esse trabalho é um trabalho invisível, quase ninguém vê, mesmo as pessoas da Umbanda não participam da preparação do banho. Chegam aqui e o banho já está pronto e, às vezes, fazem o banho em sua casa, porque dá para levar a água do banho em garrafas. ”*

Na metade do processo de macerar as ervas, chegou à casa um dos filhos de Fabiane e, para minha surpresa, ele coloca uma roupa clara, seus colares guias e se senta à mesa conosco e começa a macerar as ervas e a cantar. Indaguei se ele não era muito novo para saber todas as cantigas e ele respondeu que faz isso desde que tinha seis anos de idade, quando começou na Umbanda junto com sua mãe e que foi aprendendo as cantigas de forma natural. Nas palavras ditas, percebemos um ciclo, a continuidade dos saberes sendo passados para a nova geração de forma oral e prática.

Figura 22 - Filho de Fabiane ajudando a macerar as ervas



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019

Todo o processo de limpar e macerar as ervas durou em torno de três horas e depois foram acrescentados pozinhos, raspados de barras que se assemelham a giz de gesso. Ao todo foram quatro cores diferentes, uma para cada orixá. Os pozinhos foram misturados às ervas e depois, aos poucos, foi acrescentada água quente, surgindo uma espécie de chá muito forte e que exalava um cheiro muito bom.

Figura 23 - Mistura do giz colorido das entidades



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Figura 24 - Água quente e mel sendo acrescentados



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Já no final da preparação, o marido de Fabiane também chegou e se juntou a nós. Como já estávamos na etapa final do preparo, ele acrescentou o mel, como o último ingrediente para adocicar a vida e atrair coisas boas.

Depois que o banho estava finalizado, esperamos um pouco, até que ele estivesse em uma temperatura agradável, e fui banhada com essa água aromatizada e energizada por várias ervas maceradas por várias mãos.

Figura 25 - Enfim, pronta para o banho



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2019.

Ao analisar a atividade da mãe de santo, percebemos que esse é um trabalho invisível, como ela mesma diz, ao qual que não cabe remuneração, pois trata-se de um rito, faz parte da cultura, é uma crença e é assim que ela une saberes e tradição para ajudar a comunidade. Dito de outra forma, Fabiane, agora mãe de santo, recebe os saberes de sua mãe Dona Sônia, mas tem a liberdade de fazer mudanças na receita que recebeu, pois acredita que suas vivências a autorizam a fazer mudanças para melhorar a receptividade atual.

Concordo com Schwartz (2009) quando ele reforça a urgência de um novo regime de produção de saberes, considerando os saberes e os valores produzidos no local pelos atores sociais. Essa pesquisa, especialmente com essa experiência de banho de descarrego, nos mostrou o entendimento de que os saberes do trabalho cotidiano dessas mulheres, juntamente com as experiências compartilhadas, são capazes de produzir saberes locais relevantes para manter um modo de vida próprio da comunidade.

A partir do contato com as mulheres ao longo dessa pesquisa e de outras experiências vividas nesse mesmo contexto, percebo que os conhecimentos tradicionais são modificados e reformulados pela comunidade ao longo da história. Esse processo de transformação ao longo do tempo pode produzir o reconhecimento, pelas próprias mulheres quilombolas, da importância de seus saberes e da relação deles com seu trabalho cotidiano como experiência compartilhada, geracional e de resistência.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante cinco meses, foi possível estar presente na comunidade convivendo semanalmente com os jeitos, os contextos, os valores e a cultura de cinco mulheres do Quilombo Areal da Baronesa. Foi assim, junto dessas mulheres, à vontade, em seu território, mostrando quem são, como são e o que ainda querem ser, que, na interação de umas com as outras, conhecimentos foram trocados. Foi feito um mergulho em suas memórias, experiências foram compartilhadas em um espaço de diálogos que foi construído coletivamente. Nesse sentimento de confiança e respeito, o conhecimento popular era construído e circulava entre todas as que ali estavam. Foi assim que as mulheres puderam expressar seus modos de vida, suas verdades e seus saberes, sem medo de se mostrar, de não serem entendidas ou de serem julgadas. A atividade de pesquisa foi orientada, portanto, por um espírito etnográfico.

Dito de outra forma, essa pesquisa objetivou analisar as práticas econômico-culturais de mulheres quilombolas na (re)produção ampliada da vida, particularmente nos modos de acessar e estabelecer relações entre suas experiências atuais e memórias sobre ervas medicinais nas suas relações de trabalho. Ela visou compreender o lugar que esses saberes ocupam nas suas vidas e na comunidade em questão, buscando entender alguns aspectos da relação entre os seus saberes tradicionais, o trabalho (em suas diversas formas de manifestação) e seus modos de vida.

A pesquisa envolveu primordialmente três questões. A primeira questão era compreender se a comunidade quilombola, de forma particular as mulheres da pesquisa, tem o entendimento de que seus saberes, produzidos nas suas relações de trabalho, são uma forma de resistência e de preservação de sua cultura. A segunda, diretamente relacionada à anterior, centrava-se em conhecer como o grupo de mulheres quilombolas participantes da pesquisa seleciona e conserva memórias sociais e coletivas para a transmissão de experiências válidas para manter sua cultura quilombola através de gerações. Outra questão relevante, também desdobramento das anteriores, diz respeito às formas como o saber quilombola histórico é passado de geração em geração, se ele também pode ser modificado pelas gerações atuais e se, nesse processo de transmissão de saberes, há reafirmação e modificação de conteúdo nas relações de trabalho cotidianas.

Como estratégia metodológica para analisar o caso da comunidade quilombola, trabalhou-se com espaços de diálogos, com GF e rodas de conversa, no formato do que se denominou de oficinas de produção de sabonetes e incensos de ervas medicinais – propostas e conduzidas pela pesquisadora – além da vivência, pela pesquisadora, de um banho de descarrego, prática existente na comunidade.

A pesquisa dedicou-se a explorar e a propor formas de trabalho diretamente associado a processos de manutenção do modo de vida comunitária do quilombo. Elementos centrais na análise foram os saberes presentes e/ou necessários na realização desses trabalhos, que se pautam no valor de uso e contribuem, portanto, com a reprodução ampliada da vida e com a manutenção dos modos de vida. Entende-se que há uma relação intrínseca entre os conceitos e a própria experiência a que se referem: modo de vida, reprodução ampliada da vida/reprodução ampliada do capital, trabalho como valor de uso ou como valor de troca e saberes/conhecimento.

No caso da produção de sabonetes e incensos foi privilegiado o estudo dos saberes relacionados ao uso de ervas medicinais, no trabalho cotidiano das mulheres quilombolas, cujas propriedades foram analisadas tanto a partir do conhecimento pré-existente na comunidade, como a partir do conhecimento científico, informado pela pesquisadora. No caso do banho de descarrego, não houve intervenção, por parte da pesquisadora, no que diz respeito à introdução de saberes científicos que, eventualmente, pudessem explicar o uso de determinadas ervas na atividade, em respeito aos saberes místicos expostos pela da mãe de santo.

As oficinas de sabonetes e a oficina de incenso de ervas aromáticas foram ricas em aprendizagens e criatividade, porque foram realizadas no território delas, o que permitiu liberdade de novas formas de expressar o conhecimento e a si mesmas. Foram mobilizados afetos e memórias, em diferentes contextos e perspectivas, que constituíram esse ambiente como um espaço de diálogo, de educação popular e de liberdade de criação.

Compreende-se, a partir das oficinas de sabonetes e de incensos aromáticos, que esse espaço de diálogo foi também espaço de criação e ampliou a experiência das mulheres com as ervas. As oficinas estimularam sua criatividade representada na intensificação das relações interpessoais, um vivenciar-se no fazer, articulando saberes em si e consigo mesmas.

Nessa pesquisa, entende-se que discutir experiências que são reconhecidas pelo grupo de mulheres que vivenciaram ou herdaram memórias selecionadas, conforme necessidades contemporâneas depende, sobretudo, das condições estruturais, materiais e intelectuais dos sujeitos ou grupo. Portanto, ao analisar as relações de continuidade e descontinuidade entre saberes tradicionais e contemporâneos sobre ervas medicinais da comunidade quilombola urbana Areal da Baronesa, observou-se que a preservação e, ao mesmo tempo, a modificação de tais saberes tradicionais, são percebidas como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações atuais e renomeadas no presente.

Esses saberes são percebidos como recuperação de experiências vividas, acrescentadas de informações e renomeadas no presente pelas mulheres, ou pelos grupos que recebem tais saberes. Tal constatação pôde ser exemplificada pela ação da mãe de santo da comunidade que alterou/acrescentou ervas à receita do banho de descarrego, adequando-o, a partir de seu julgamento, aos dias de hoje. A memória de experiência vivida ou herdada está sempre implicada com a produção e a recuperação de saberes, conforme as reais necessidades do grupo em um determinado contexto.

Nos diálogos que a pesquisa proporcionou, percebeu-se que os saberes sobre ervas usadas nas relações de trabalho são pensados e retratados entre a geração que viveu a experiência e a seguinte que recebe, criando uma memória do grupo, espelhada nos seus modos de vida e, conseqüentemente, incorporada à sua cultura.

Através desta pesquisa foi possível perceber a importância de processos formativos que objetivam o empoderamento e a autonomia das mulheres, propiciando condições de expressão da sua voz e visibilizando histórias de vida e de saberes. No caso em questão das mulheres quilombolas, com forte tradição no uso da oralidade e das experiências, é necessário atentar para a importância de (re)pensar o lugar dos trabalhos manuais e do uso das ervas, através de processos de criação neles envolvidos, bem como para o protagonismo do saber-fazer das mulheres na construção de seus processos emancipatórios, uma vez que propiciam autonomia, a partir dos saberes construídos em suas experiências e passados de geração em geração e também resguardando seus modos de vida.

Essa pesquisa constatou que são os saberes do trabalho cotidiano dessas mulheres, juntamente com suas experiências compartilhadas, que produzem e reproduzem os saberes locais importantes para manter um modo de vida da comunidade, conforme suas reais necessidades e graus de importâncias. São nas trocas de experiências herdadas nos âmbitos familiar e comunitário, que os sujeitos conseguem transmitir valores e explorar seus conhecimentos, além de reafirmar e transformar saberes necessários para manter sua cultura, seu modo de vida, interconectando os indivíduos da comunidade e buscando a reprodução ampliada da vida.

É através do trabalho cotidiano, entendido como um corpo-si ativo, condicionado pelas circunstâncias históricas em que se insere, repleto de encontros de valores, experiências e renormatizações, que as mulheres reorganizam o trabalho que lhes é imposto, fazendo escolhas e executando-o de outra maneira. Conforme sentem e enxergam o mundo, suas histórias e suas experiências, refletem e interferem na realização do trabalho.

Na perspectiva da atividade humana, a mãe de santo, Fabiane, no ato de trabalho que envolve as relações do ser e dele com o meio, reorganizou o trabalho que lhe foi imposto, fazendo escolhas e executando o banho de descarrego de maneira diferente da de sua mãe Dona Sônia. Essa reorganização está ligada à forma como ela sente e enxerga o mundo, com filtros e com lógicas de sua geração, refletindo e interferindo na realização do seu trabalho e nas renormatizações que realiza. Esses saberes e modos de fazer o trabalho podem também assumir particularidades, cunhando certa autonomia e identidade aos sujeitos que vivenciam as experiências tradicionalmente passadas entre gerações, o que está associado ao conceito de *corpo si* e de resistência social.

É importante lembrar que, desde sua origem, os quilombos são locais de resistência contra a escravidão e a tentativa de apagamento dos saberes tradicionais quilombolas e de seus modos de vida. O quilombo do Areal, os conhecimentos e as experiências das mulheres com as ervas seguem sendo manifestações de resistência contra um outro tipo de escravidão – a escravidão moderna, como menciona Antunes (2009). A preservação de seus modos de vida e de sua cultura é uma forma de resistência ao sistema e aos discursos hegemônicos de globalização.

Saberes do e para o trabalho como valor de uso, discutidos por autores que trabalham com saberes populares e tradicionais, permitem compreender a complexidade do contexto de comunidades como a quilombola. O trabalho é aqui entendido na sua relação com diferentes dimensões da vida e permeado por saberes locais e por valores de tradições que atravessam uma comunidade na sua identidade quilombola. Entendendo o entrelaçamento de suas objetividades e subjetividades, essa pesquisa reconhece o trabalho não apenas como a produção de bens materiais ou espirituais, mas também como produtor de afetos, emoções, saberes, cuidado consigo e com o outro, além de produtor de cultura.

As mulheres que foram sujeitos dessa pesquisa possuem papel estratégico em sua comunidade, pois predominam como chefes de família e suas principais atividades de trabalho ocorrem dentro do quilombo, como donas de casa num trabalho doméstico reprodutivo. Nesse sentido, é de grande importância suas contribuições para a continuidade da cultura de resistência e preservação das suas tradições, bem como para o estabelecimento de uma certa predominância do feminino na comunidade, utilizando o trabalho das mulheres como lugar de produção de saberes locais.

O sistema capitalista gera uma grande quantidade de excluídos e pobres, que precisam se organizar para sobreviver. Nessa comunidade tradicional quilombola, o Areal da Baronesa, foram percebidos posicionamentos que, por vezes, estão no contra fluxo do sistema e se

articulam em torno de outras formas de sobrevivência e trabalho. Evidencia-se como um dos resultados dessa pesquisa o fato das mulheres quilombolas se recusarem a comercializar o produto das oficinas realizadas, ou a colocar preço no trabalho de banho de ervas. Essas atitudes podem ser, sim, entendidas como células de resistência, no contra fluxo do sistema capitalista. Por isso, fortalecer iniciativas de homens e mulheres que fazem resistência ao sistema, reforça e inspira espaços de reprodução ampliada da vida.

A pesquisa contribui para o entendimento de que a comunidade Areal da Baronesa se organiza em torno de redes solidárias de bens e de serviços, formais e informais que se constituem na própria continuidade do processo de produção da existência e de garantia da reprodução ampliada da vida. As várias formas de fazer o trabalho permitem compreender as experiências de grupos tradicionais, tais como as mulheres quilombolas do Areal da Baronesa, através da valorização de saberes forjados na experiência social. Os modos de lidar dessas mulheres quilombolas com seus saberes sobre ervas medicinais são um exemplo de como a experiência é produto de encontros sociais, técnicos e humanos no espaço de trabalho, ou, de modo geral, na vida. Essas confluências de experiências vividas e recebidas através de memórias compõem um conjunto de estratégias de resistência e de organização social da cultura quilombola, o que se aproxima do conceito de reprodução ampliada da vida, que passa pelos saberes e pelas experiências de trabalho das mulheres quilombolas na luta para garantir seu trabalho, seus modos de vida e sua cultura.

Esse trabalho também fala de mulheres quilombolas urbanas e de sua relação com saberes velados, relação que as coloca como guardiãs do saber de uso das ervas, considerado aqui como bem cultural e de extrema importância para a comunidade, não só pelo benefício que o uso das ervas traz à saúde, ou aos rituais no cotidiano que ele proporciona, mas também pela manutenção de seus modos de vida.

A pesquisa para ajudar no sentido de pertencimento desses saberes, foi proposto a elaboração de uma cartilha construída com as mulheres, possibilitando os registros desses saberes e das experiências sobre o uso de ervas nas relações de trabalho cotidiano das mulheres. Essa cartilha foi iniciada durante a pesquisa, mas por conta do tempo exigido para sua confecção e pela situação de pandemia não foi possível concluí-la, ficando como tema possível de ser trabalhado no futuro próximo.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael. **Quilombos**: Geografia Africana - Cartografia Étnica - Territórios Tradicionais. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan-abr. 2012, p. 173-187.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A Arte da Vida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

BITTENCOURT J., Iosvaldir Carvalho. Os Percursos do Negro em Porto Alegre: Territorialidade Negra Urbana. In: BITTENCOURT J., I.; SOUZA, V.; VILASBOAS I. **Museu de Percorso do Negro em Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Porto Alegre, 2010.

BRAGA, Gustavo Bastos; FIÚZA, Ana Louise Carvalho; REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 19, n. 45, mai-ago, 2017, p. 348-374.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. O valor da vida: Comunidade e Comunidade Tradicional. **Revista de geografia agrária**. Edição especial do XXI ENGA - 2012, jun., 2014.

BRASIL. [Constituição de (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Decreto 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Portal da Casa Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm) Acesso em: 26 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 10.088, de 5 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Portal da Casa Civil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm) Acesso em: 26 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Programa Brasil Quilombola**. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: SEPPIR; Abaré, 2004.

\_\_\_\_\_. **Decreto 3.912, de 10 de setembro de 2001**. Regulamenta as disposições relativas ao processo administrativo para identificação dos remanescentes das comunidades

dos quilombos e para o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro imobiliário das terras por eles ocupadas. Portal da Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2001/D3912.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/D3912.htm)>. Acesso em: 20 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003.** Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, remarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Portal da Casa Civil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.html)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Decreto 5.051, de 19 de abril de 2004.** Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm)>. Acesso em: 10 out. 2016.

CORAGGIO, José. **Economía urbana:** la perspectiva popular. Quito: Instituto Fronesis, 1994.

\_\_\_\_\_. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: KRAYCHETTE, G. *et. al.* (Orgs.). **Economia dos setores populares:** entre a realidade e a utopia. Petrópolis: Vozes;UCSal, 2000.

\_\_\_\_\_. Para pensar las nuevas economías: conceptos y experiencias en América Latina. In: SANTOS, B.; CUNHA, T. (Orgs.). **Outras economias. Colóquio Internacional Epistemologias do Sul:** aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul. Coimbra: Projeto ALICE, 2015. p. 78-90.

CUNHA, Daisy Moreira. A atividade entre a experiência e o conceito: Fundamentos Epistemológicos da abordagem ergológica do trabalho. In: MAGALHÃES, L.; TIRIBA, L. (Orgs.). **Experiência: o termo ausente?** Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 173-196.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3ª ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1995.

DICKMANN, I; DICKMANN, I. **Primeiras palavras em Paulo Freire.** Passo Fundo/RS: Battistel, 2008.

FACCO, Salete Vedovatto. **Educação ambiental em espaços não escolares:** um olhar sensível e o diálogo de saberes populares em uma comunidade quilombola, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

\_\_\_\_\_. **Educação ambiental em um diálogo de saberes populares sobre ervas medicinais na comunidade quilombola Areal da Baronesa** (Porto Alegre – RS). 2018 Monografia (Especialização) – FURG, Novo Hamburgo, 2018.

FISCHER, Maria Clara; FRANZOI, Naira Lisboa. Experiência e Saberes do Trabalho: Jogo de Luz e Sombras. In: MAGALHÃES, L.; TIRIBA, L. (Org.). **Experiência: o termo**

**ausente?** Sobre história, memória, trabalho e educação. 1ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 197-216.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 42ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe, **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

GEHLEN, Ivaldo; RAMOS, Ieda Cristina Alves (Coord.). **Estudo quanti-qualitativo da população quilombola do município de Porto Alegre/RS**. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Laboratório de Observação Social/UFRGS, 2008.

GOMEZ, Carlos Minayo *et al.* **Trabalho e Conhecimento**: dilemas na educação do trabalhador. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos, **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, 2003, p. 149-161.

GUERRA, Isabel. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia – Problemas e Práticas**, n. 13, 1993, p. 59-74.

INTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas de Gênero - Censo demográfico, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0>. Acesso em 17 jul. 2020.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogos de Saberes. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, set/dez., 2009, p. 17-24.

LEITE, Carlos. O Areal da Baronesa: tradição, samba e resistência. **Página Global**, s/1, 10 mar. 2018. Disponível em: <http://paginaglobal.blogspot.com/2018/03/brasil-o-areal-da-baronesa-tradicao.html>. Acesso em 13 mar. 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2017.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Experiência, memória, aprendizagem social e política. In: MAGALHÃES, L.; TIRIBA, L. (Org.). **Experiência: o termo ausente?** Sobre história, memória, trabalho e educação. 1ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 81 - 97.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal**: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto

Alegre/RS. Dissertação, 2006. (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal**. O Areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a Rebelião Negra**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. 5ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

MOURA, Adriana. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, 2014, p. 98-106.  
O'DWYER, E. C. **Terra de quilombos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica, **Pro-Posições**, [online], v. 31, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072020000100535&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100535&tlng=pt). Acesso em: 9 set. 2020.

PINHEIRO, P. C.; GIORDAN, M. O preparo de sabão de cinzas em Minas Gerais, Brasil: do status de etnociência à sua mediação para a sala de aula utilizando um sistema hipermídia etnográfico. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2010, p. 355-383.

RAMOS, Marise. A experiência no pragmatismo e na filosofia da práxis: uma reflexão para o estudo dos saberes profissionais. In: MAGALHÃES, L.; TIRIBA, L. (Org.). **Experiência: o termo ausente?** Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 139-152.

RÜSEN, Jorn. **História Viva**. Teoria da História: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

SAMPAIO, Juliana. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**, [online], v. 18, n. 2, 2014.

SCHWARTZ, Yves Raymond. Produzir saberes entre aderência e desaderência1. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 13, n. 3, set.-dez. 2009.

\_\_\_\_\_. O trabalho numa perspectiva filosófica. In: NOZAKI, I. (Org.). **Educação e Trabalho: trabalhar, aprender, saber**. Campinas; Cuiabá: Mercado de Letras; Editora da UFMT, 2008.

\_\_\_\_\_. Trabalho e saber. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, jan.-jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Transmissão e Ensino: do mecânico ao pedagógico. **Pró-Posições**, v. 16, n. 3, set.-dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 65, dez. 1998.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. Revisões temáticas: glossário de ergologia. **Laboreal**, v. 4, n. 1, 2008.

SILVA *et al.* Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, Ciudad de México, v. 11, n. 5, 2012, p. 435 - 453.

TASSARA, Eda; TASSARA, Helena; ARDANS, Hector. O. Empoderamento (versus Empoderar-se). In: FERRARO JÚNIOR, L. **Encontros e caminhos: Formação de educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores**. v. 3. Brasília: MMA/DEA, 2014

TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (Orgs.). **Trabalho e Educação de jovens e adultos**. Brasília: Líber Livro; Editora UFF, 2011.

TIRIBA, Lia; BUTSHKAU, Sandra; COELHO, Thayná. Notas para um conceito de “reprodução ampliada da vida”: o que ela não é, parece ser e pode vir a ser, *In: Colóquio Nacional*, 12; *Colóquio Internacional do Museu Pedagógico*, 5, 2017, Vitória da Conquista. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste, set. 2017, p. 1366-1371.

TIRIBA, Lia. Fios Invisíveis do(s) Mundo(s) do Trabalho: A experiência à lupa. *In: MAGALHÃES, L.; TIRIBA, L. (Org.). Experiência: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação*. 1ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018, p. 01-07.

\_\_\_\_\_. “De Olho” nos Sujeitos - Trabalhadores e suas experiências de classe: contribuições ao campo Trabalho e Educação. **Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 20, 2015, p. 119-146.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Modos de Dominação e Revoluções na Inglaterra. *In: SILVA, Sérgio (Org.). As Peculiaridades dos Ingleses*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TOLEDO, Victor M. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Guidelines on Good Agricultural and Collection Practices (GACP) for Medicinal Plants**. Genebra, 2003. Disponível em: <https://www.who.int/medicines/publications/traditional/gacp>. Acesso em: 11 out. 2020.

VEJA, Revista [Da Redação]. Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra, na Hebraica. – 6 abril 2017, Brasil Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O que? Por quê? Como?** 4<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

## APÊNDICE A

Material didático para as oficinas de sabonetes de ervas

### PASSO A PASSO PARA A PRODUÇÃO DE SABONETES ARTESANAIS COM ERVAS MEDICINAIS



#### **Produtos químicos necessários:**

- 1 Kg de base de glicerina para sabonetes (branca ou transparente);
- 30 ml de essência para sabonetes;
- Corante;
- Álcool de cereais;
- Fixador de essências;
- Propilenoglicol;
- Lauril.

Algumas essências são mais fortes que outras, dependendo da qualidade. Procure dosar ao seu gosto, não sendo necessário seguir à risca a quantidade especificada acima. Você vai encontrar esses materiais em lojas de artigos para perfumaria e em farmácias de manipulação.

**Material de apoio necessário:**

- Panela de vidro, ou esmaltada (nunca usar de metal ou alumínio);
- Bastão de vidro;
- Moldes de silicone;
- Touca;
- Luvas;
- Filme plástico para embalar.

**Passos:**

- Cortar a glicerina em pedaços pequenos;
- Colocar a glicerina na panela para derreter;
- Quando estiver totalmente derretida, colocar a erva escolhida, para que esta libere suas propriedades medicinais. (Ex: alecrim);
  - Após, retirar do fogo e colocar o corante aos poucos, até atingir a cor desejada;
  - Espere esfriar um pouco, até formar uma nata fina em cima da glicerina, para que o restante dos componentes não evapore;
  - Adicionar a essência correspondente a erva escolhida (se escolheu alecrim, a essência será de alecrim), o propilenoglicol (para dar consistência), o lauril (para fazer mais espuma) e o fixador (para fixar a essência). Mexa com o bastão de vidro. Evite mexer muito, pois poderá fazer espuma. Se isso acontecer, borrife álcool de cereais para retirá-la;
  - Segure, com o bastão de vidro, a película que se forma e despeje o líquido na forma escolhida;
  - Já na forma, borrife álcool de cereais para evitar a formação de espuma;
  - Espere secar;
  - Se necessário, retire a rebarbas;
  - Aguarde, em média 2 horas, para desenformar e embalar em filme plástico.

## APÊNDICE B

### Material sobre Ervas Medicinais seu uso tópico

#### **Ervas Medicinais e seu poder para a pele**

**Sete Ervas:** adstringente, analgésica, refrescante, antienvelhecimento, anti-inflamatória, antisséptica, cicatrizante, emoliente, amaciante, hidratante, antiacne para pele oleosa.

**Alecrim:** (*Rosmarinus officinalis*) analgésico, refrescante, anti-inflamatório, antisséptico, estimulador da circulação periférica, antiacne, tônico para pele oleosa.

**Aloe e Vera/Babosa:** (*Aloe barbandensis*) antienvelhecimento, cicatrizante, emoliente, amaciante, fotoprotetora, hidratante, nutritiva, revitalizante, para peles sensíveis e danificadas.

**Aveia:** (*Avena sativa*) antienvelhecimento, cicatrizante, emoliente amaciante, foto protetora, hidratante, nutritiva, revitalizante, para pele seca sensível e danificada.

**Camomila:** (*Matricaria chamomíia L.*) adstringente, analgésica, refrescante, antialérgica, clarificante, anti-inflamatória, foto protetora, antiacne, calmante, tônica, para peles sensíveis e danificadas.

**Canela:** (*Cinnamomum cassianees*) analgésica, refrescante, antisséptica, foto protetora, tônica, afrodisíaca, para pele normal e artrite.

**Calêndula:** (*Calendula officinalis*) A calêndula reduz o estresse oxidativo causado pelos raios solares, promovendo efeito foto protetores e retardando o envelhecimento da pele.

**Cravo da Índia:** (*Dianthus caryophyllus*) analgésico, refrescante, antisséptico, emoliente, amaciante, hidratante, para peles sensíveis e danificadas.

**Erva Cidreira/Capim Limão:** (*Cymbopogon citratus*) analgésica, refrescante, antisséptica, estimulador da circulação periférica, emoliente, antiacne, para pele oleosa.

**Erva Doce/Anis:** (*Pimpinella anisum*) analgésica, refrescante, antisséptica, emoliente, amaciante, hidratante, antiacne, relaxante, para peles oleosas, sensíveis e danificadas.

**Eucalipto:** (Eucalyptus citriodora) refrescante, bactericida, antimicótico, desodorante, cicatrizante, para pele normal.

## APÊNDICE C

### Oficina de chás e a hora certa para tomar

#### Relógio do corpo humano



#### O que é o relógio do corpo humano?

Em nosso corpo, cada órgão apresenta duas horas diárias de máxima atividade. Portanto, nesses horários, as propriedades das plantas são mais bem metabolizadas pelo corpo. Ou seja, informando-nos dos horários de maior atividade de cada órgão e quais as plantas recomendadas para tratamento de doenças específicas, o tratamento será mais eficaz.

A seguir, descrevem-se os órgãos do corpo, as plantas cultivadas, seus nomes científicos e suas propriedades, bem como o horário de maior atividade de cada órgão:

##### 1. **Fígado** (1h às 3h)

- Alcachofra - *Cynarascolymus*– é depurativa, baixa o colesterol, atua no combate da diabetes, elimina o ácido úrico, é hepatoprotetora, diurética e digestiva.

## 2. Pulmão (3h às 5h)

- Pulmonária – *Stachysbyzantina* – Atua nos problemas respiratórios, asma, tosse, bronquite e garganta.

- Violeta de jardim – *Viola odorata* – é expectorante, para problemas respiratórios, tosse, asma.

## 3. Intestino Grosso (5h às 7h)

- Linhaça – *Linum usitatissimum* – é refrescante intestinal, fundamental para quem sofre de prisão de ventre ou hemorróidas.

- Tansagem – *Plantago sp.* – anti-inflamatório, cicatrizante, depurativa, a folha é antidiarreica.

## 4. Estômago (7h às 9h)

- Hortelã – *Mentha sp.* – É digestiva, para problemas hepáticos, má digestão e vermífoga.

- Manjerição – *Ocimum sp.* – digestiva, condimentar, conservante natural, antisséptica, sudorífica, antirreumática.

## 5. Baço e pâncreas (9h às 11h)

- Pariparoba – *Piper dilatatum* – depurativa, ativa o baço e o pâncreas, digestiva, anti-inflamatória e cicatrizante.

- Sete sangrias – *Cuphea sp.* – ativa a circulação, depurativa, digestiva antitérmica.

- Salsinha – *Petroselinum crispum* – indicada para pressão alta e circulação do sangue.

## 6 Coração (11h às 13h)

- Alecrim - *Rosmarinus officinalis* – ativa a circulação, conservante natural tônico da mente e do corpo, antisséptica e digestiva.

- Pfáfia – *Pfafia glomerata* – estimulante, ativa a circulação e a memória, usada para o mal de Parkinson, estrias, flacidez da pele, labirintite e artrose.

## 7. Intestino delgado (13h às 15h)

- Mil folhas – *Achillea millefolium* – analgésica, antitérmica, anti-inflamatória, digestiva, diminui cólicas é cicatrizante.

- Funcho – *Foeniculum vulgare* – digestiva, analgésica, antitérmica, diminui cólicas.

#### 8. **Bexiga** (15h às 17h)

- Cavalinha – *Equisetum* sp. – Rica em sais minerais, remineralizante, imunoestimulante, cicatrizante, para incontinência urinária, para problemas de próstata e osteoporose.

- Malva – *Malva parviflora* – expectorante e laxativa, anti-inflamatória, principalmente para boca garganta e bexiga.

#### 9. **Rins** (17h às 19h)

- Quebra-pedra - *Phyllanthus nirure* – analgésica, contra cálculos renais, usada em casos de hepatite.

- Carqueja – *Baccharis* sp. – diurética, antisséptica, antimicrobiana, digestiva, cicatrizante.

- Arnica – *Wedelia pallidosa* – ativa a circulação periférica, contusões, dores musculares.

#### 10. **Circulação** (19h às 21h)

- Alcanfor – *Artemisiacamphorata* – analgésica, bactericida e antisséptica .

- Hortelã – *Mentha Piperita* Linn – circulação, também age no sistema nervoso e coração.

#### 11. **Sistema digestivo, respiratório e excretor** (21h às 23h)

- Sálvia – *Salvia officinalis* – digestiva, vermífuga, depurativa, antisséptica, condimentar e analgésica.

- Tomilho – *Thymus vulgare* – digestiva, condimentar, depurativa, antisséptica.

#### 12. **Vesícula biliar** (23h às 1h)

- Bardana – *Arctium lappa* – para cálculos biliares, depurativa diurética digestiva e cicatrizante.

- Dente-de-leão – *Taraxacum officinalis* – comestível, rica em vitaminas, digestiva e depurativa.

#### 13. **Sistema Epitelial**

- Confrei – *Symphytum officinale* - cicatrizante, emoliente, antipsoríase.

- Calêndula – *Calendula officinalis* – antialérgica, anti-inflamatória, cicatrizante, antisséptica, bactericida, antifúngica.

- Babosa – (*Aloe vera*, *A.saponarea*, *A. arborescens*) – regenerador de tecidos, anticapa, anti-inflamatório, emoliente, umectante, cicatrizante e antiqueda de cabelo. Todas para uso externo.

## APÊNDICE D

Material Didático para as oficinas de chás

### Alfabeto das Plantas Medicinais



#### A

Abacateiro: diurética, cálculos renais, fígado, rins, bexiga.

Alcachofra: Diminui o colesterol, digestivo, hepático.

**Alecrim:** estimulante, circulatório, tônico capilar e inalação.

Alecrim do Campo: Tônico, vias respiratórias e banhos relaxantes.

Alfafa: Baixa o colesterol, osteoporose, raquitismo, relaxante.

Alfavaca: Rins, prisão de ventre, aftas, bronquite, gripes fortes.

Alfazema: Calmante, asma, gases, rinite, analgésica nas dores.

Algodoeiro: Hemorragia uterina, regras profusas, reumatismo.

Ameixa folhas: Prisão de ventre, laxativo médico, azia.

Angico: Diarréia, disenteria, gripes. Uso externo: Lavagens e gargarejos.

Aniz Estrelado: Relaxante, insônia, gases (infantil e adulto).

Aquileia-Mil Folhas: Analgésica, febrifuga, bactericida, menopausa.

Arnica: Anti-inflamatória, reumatismo, artrite, artrose, dores.

Arueira: Diurética, ciática. Uso externo: Contusões, icterícia.

Arruda: Amenorréia. Uso externo: Varizes, flebites, abscessos, erisipela.

Avenca: Afecções catarrais, bronquite, tosse, laringite.



## **B**

Bálsamo: Incontinência urinária, expectorante. Uso externo: Afecções da pele.

Ban Chá: Desintoxicante, digestivo, colesterol e emagrecedor.

Barbatimão: Gastrite, úlceras. Uso externo: Cicatrizante, lavagem íntima.

Bardana: Desintoxicante, depurativo, cicatrizante, colesterol.

Batata de Purga: Laxativo energético, depurativo.

Betula: Gota, colesterol, triglicérides, ácido úrico, dores.

**Boldo do Chile:** Hepatoprotetor, fígado, pâncreas, vesícula.

Buchinha do Norte: Uso externo para inalação contra a sinusite.

Bugre/Porangaba: Ácido úrico, gota, depurativo, emagrecedor.



## C

Cabreúva: Diabetes, reumatismo, coluna, gota, contusões.

Cactus: Cardiotônico, contra palpitações, síndromes cardíacas.

Cajueiro: Diabetes, colesterol, triglicérides, depurativo.

**Calêndula Flor:** Cicatrizante, calos, verrugas, frieiras, manchas.

Cambará: Expectorante, balsâmico, tosse e gripes.

Cambuí: Anti-hemorrágico, é usado nas vias respiratórias.

Camomila: Estomacal, nas cólicas das crianças e enxaqueca.

Cana do Brejo: Diurético, anti-inflamatório, cistite, próstata.

Canela: Estimulante, gripes, resfriados, febres.

Capim Cidrão - Erva Cidreira: Trata insônia, agonia, palpitações.

Capim Rosário: Depurativo das vias urinárias.

Carapiá: Afrodisíaco, irregularidades do fluxo menstrual.

Cardo Santo: Febrífugo, coqueluche, asma, bronquite, estomacal.

Carqueja Doce: Hepatoprotetora, digestiva, diurética, emagrecedora.

Carqueja Amarga: Depurativa, emagrecedora, colesterol, diabetes.

Carrapicho: Dores lombares, males da bexiga, rins.

Carobinha: Deputativa, anti-alérgica, desintéria, prostatite.

Casca de Laranja: Relaxante, digestiva, aromática.

Castanha da Índia: Má circulação, flebite, hemorróidas e varizes.

Cavalinha: Diurético, ácido úrico, circulação, hipertensão, rins.

Centella Asiática: Celulite, gordura localizada, circulatória, caimbras.

Chá Preto: Estimulante, digestivo, tônico.

Coentro Grão: Digestivo, gases intestinais, colite.



## E

Erva de Bicho: Tratamento de hemorróidas e úlceras, varizes, uso interno/externo.

Erva Doce: Gases intestinais, cólicas, estimulante.

Erva Passarinho: Moléstias pulmonares. Uso Externo: Eczemas, sarna.

Espinhera Santa: Gastrite, úlcera, calmante das paredes estomacais.

Estigma de Milho: Hidratante dos rins e cólica renal.

Eucalipto: Desinfetante das vias respiratórias e balsâmico.

## F

**Funcho:** Gases, digestivo e relaxante.



## G

Gengibre: Asma, bronquite, rouquidão, colesterol.

GingkoBiloba: Atua nos radicais livres. Oxigenação cerebral.

Goiabeira: Combate a diarreia e afecções da garganta.

Guaco: Expectorante, tosse, bronquite e resfriados.

**Guaraná:** Estimulante físico e mental.



## H

**Hortelã:** Espasmos, náuseas, azia, relaxante, dispepsia nervosa.



## J

**Jasmim Folhas:** Digestivo, alcoolismo, cardiotônico, circulatório.

**Jasmim Flor:** Relaxante, digestivo, insônia.



## L

**Linhaça:** Laxante brando, gases intestinais.

**Losna:** Falta de apetite, diabetes, fígado, pâncreas, bÍlis, mau hálito.

**Louro:** Amenorréia, nevralgia, cólicas estomacais e menstruais.



## M

**Maça:** Digestivo, relaxante, debilidade estomacal.

**Macela:** Antidiarréica, fígado, pâncreas, colite, vesícula.

**Manjeriçao:** Anti-inflamatório, garganta, tosse, digestivo.

**Mate:** Tônico cerebral, estimulante, digestivo, diurético.

**Melão de São Caetano:** Regulariza o fluxo menstrual. Uso externo: piolhos.

**Melissa - erva cidreira:** Cardiotônica, calmante, gastrite crônica.

**Menta:** Digestivo, espasmos, cálculos biliares.



## N

**Noz Moscada:** Estomacal, cólicas, arrotos, soluços, hipertensão.



## P

**Pau Ferro:** Diabetes, diminuindo o volume da urina e sede.

**Pata de Vaca:** Diabetes, depurativa, diurética.

**Pitanga:** Febre, ácido úrico, diabetes, colesterol.

**Poejo:** Expectorante, gripes, resfriados, tosse crônica e asma

**Pulmonária:** Trata pneumonia, tuberculose, efizema pulmonar.



## Q

**Quebra Pedra:** Cálculos renais, dores lombares, próstata, cistite.



## R

**Romã Casca:** Afecções da laringe, faringe, cicatrizante.

**Rosa Branca:** Inflamações uterinas, rins. Uso Externo: Banhos.



## S

**Sabugueiro Flor:** Febre, resfriados, catapora, sarampo, escarlatina.

**Sálvia:** Tônico mental, digestivo eficaz, males da menopausa.

**Salsaparrilha:** Altamente depurativo, colesterol, ácido úrico, acne.

**Sucupira Sementes:** Reumatismo agudo, osteoporose, laringe.



## T

**Tanchagem:** Gargarejos, gengivites, purifica o sangue.



**V**

**Valeriana:** Calmante, insônia crônica, stress, labirintite.



**Z**

**Zedoaria:** Gastralgias, estomatites, úlceras, mau hálito.



## APÊNDICE E

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de identificação

Título do Projeto: **TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS EM PORTO ALEGRE/RS**

Pesquisador Responsável:

Nome do participante: **Salete Vedovatto facco**

Data de nascimento: 27/09/1970 R.G.: 1045656467

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa **“TRABALHO, EDUCAÇÃO E SABERES: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES QUILOMBOLAS EM PORTO ALEGRE/RS”**, de responsabilidade da pesquisadora Salete Vedovatto Facco.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

#### **Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:**

1. O trabalho tem por objetivo pesquisar **os saberes sobre ervas das mulheres quilombolas nas suas relações de trabalho**, no dia-dia da comunidade quilombola, para tal a pesquisa ofertará encontros chamado de **grupo focal** onde acontecerá **diálogos de saberes sobre ervas e seus usos, e como acolhimento fará as oficinas de sabonetes de ervas medicinais e oficinas de ervas**.

2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em comparecer nos encontros do grupo focal, que se realizará uma vez por semana, na sede comunitária do quilombo Areal da Baronesa, para participação de oficinas de produção de sabonetes, oficinas de ervas medicinais; os encontros acontecerão com duração de 3h, com intervalo para um lanche solidário. O grupo será administrado pela pesquisadora que fara conversas abertas e registros das falas significantes, também fotos das integrantes e das oficinas.

3. A minha participação neste projeto deverá ter a duração de três meses.

4. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.

5. Fui informado e estou ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação, no entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, serei ressarcido.

6. Meu nome será mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

7. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e que os resultados poderão ser publicados.

8. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Salete Vedovatto Facco, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone:51-981760827, e-mail: [sementesdomundo@hotmail.com](mailto:sementesdomundo@hotmail.com)

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Porto alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.



\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

## APÊNDICE F

Quadro 1 - Atividades realizadas durante o trabalho de campo

<b>Mês</b>	<b>Dia</b>	<b>Atividades</b>	<b>Descrição</b>	<b>Observações</b>
Ago s t o	12 , 19 , 26	Encontros iniciais e reuniões – acesso às mulheres	Chamada para constituição de grupo de trabalho/pesquisa: busca pelas mulheres; contato com algumas mulheres que já conheciam a pesquisadora de projetos anteriores; outras já não foram encontradas – falecimento (D. Duda), mudança de local (D. Maria); com as que estavam disponíveis a participar da pesquisa acertamos dias e horários; expliquei do que se tratava a pesquisa e da sua participação; tempo de duração, atividades, etc.; assinaturas do termo de consentimento – consolidação de cinco participantes no grupo de trabalho: D. Sônia, D. Marta, D. Iolanda, D. Laura e D. Nice. Apresentação de possibilidade de elaboração de uma cartilha sobre ervas medicinais.	
set e m b r o	09 , 16 , 23 , 30	Oficinas de produção de sabonetes de ervas medicinais	Iniciamos com planejamento das oficinas, apresentação das oficinas para as integrantes que não haviam participado de oficinas de projetos anteriores (D. Laura e D. Iolanda); conforme iam sendo desenvolvidas as oficinas, houve conversas sobre ervas: memória, seu uso, como e quando usam, por quê e de que forma, com quem aprenderam e como passam o conhecimento para a próxima geração. A aproximação através dos diálogos e das atividades desenvolvidas criou cumplicidade entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa.	Dia 02/09 – D. Sonia não pode comparecer (chuva forte)
Out u b r o	07 , 21 , 28	Produção de sabonetes e Oficina de ervas	Manualidades e conversas, desenvolvimento de diálogos e conversas. As oficinas de ervas tornaram-se propícias para a aplicação do uso das ervas no seu cotidiano. Na última semana de outubro foi realizada a experiência entre pesquisadora e a mãe de santo Fabiana (filha de D. Sonia), membro do grupo de trabalho, realizado dentro da própria comunidade, na sua casa e com participação de familiares.	Dia 14/10 – Não houve encontro (chuvas fortes, goteiras na sede); Dia 28/10 – banho de ervas (descarrego)
Nov e m b r o	04 , 11 , 25	Produção de incenso artesanal com relógio do corpo humano	Produção de incenso artesanal com ervas aromáticas, com propósito de perceber usos alternativos das ervas nas suas relações de trabalho e de renda, conhecendo e respeitando costumes religiosos (Umbanda e Candomblé). Realizou-se oficina do relógio do corpo humano (conhecimento popular x conhecimento científico) refletindo sobre o uso das ervas em horários específicos para potencializar seus efeitos, relacionado diretamente com órgãos físicos a serem tratados.	Dia 18/11 – D. Sônia adoeceu e não houve atividades.
Dez e m b r o	09 , 16	Reflexão final com as mulheres/ finalização dos sabonetes com embalagens	Preparação e apresentação do produto (etiquetas, embalagens dos sabonetes) para eventual comercialização na feira da FACED UFRGS; início de conversa sobre a finalização da cartilha sobre ervas a ser produzida. Em reunião do grupo decidiu-se não comercializar os sabonetes. Despedida do grupo.	Dia 02/12 – não houve encontro (pintura da Sede) Por motivo da piora de saúde de D. Sônia, decidiu-se não fazer a reunião do dia 23.

**Fonte:** Arquivos da pesquisa. **Local:** Sede do Quilombo Areal da Baronesa. **Dias e turno:** segundas-feiras, à tarde.

## APÊNDICE G

### CARTILHA: SABERES DE ERVAS MEDICINAIS “OFICINA DE ERVAS MEDICINAIS COM AS MULHERES QUILOMBOLAS DO AREAL DA BARONESA”

#### 1. APRENDENDO A FAZER UM REMÉDIO CASEIRO

1-Cataplasmas

2-Chás

3-Infusão

4-emplastos

#### 2. O PODER DAS ERVAS

2.1. Chá para Tensão Pré-Menstrual (TPM)

2.2. Chá para sintomas de menopausa

#### 3. APRENDENDO SOBRE AS ERVAS MEDICINAIS

##### 3.1. ALECRIM

a) nomes populares

b) partes utilizadas

c) um pouco da história

d) benefícios

##### 3.2. ALOE VERA/BABOSA

a) nomes populares

b) partes utilizadas

c) um pouco da história

d) benefícios

##### 3.3 AVEIA

a) nomes populares

b) partes utilizadas

c) um pouco da história

d) benefícios

### 3.4. ARRUDA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.5. CALÊNDULA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.6. CAMOMILA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.7. CANELA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.8. CRAVO DA ÍNDIA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.9. ERVA CIDREIRA

- a) nomes populares

- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.10. ERVA DOCE

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.11. FLOR DE LARANJEIRA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.12. HORTELÃ

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.13. PITANGUEIRA

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.14. ROSAS

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 3.15. SETE ERVAS

- a) nomes populares
- b) partes utilizadas
- c) um pouco da história
- d) benefícios

### 4. GLOSSÁRIO

### 5. BIBLIOGRAFIA